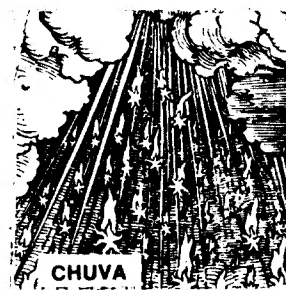


Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

QUARTA-FEIRA, 25 DE ABRIL DE 1973 — N.º 18081 — ANO 53.º — PREÇO 1\$50



NOVA CRISE PETROLÍFERA

VIENA, 25 (R.) — Uma nova crise petrolífera internacional surgiu quando ontem à noite os países produtores membros da OPEP dirigiram um ultimato às companhias ocidentais que exploram o produto no sentido de apresentarem dentro de dez dias novas propostas de preços mais aceitáveis.

Este ultimato foi apresentado pela poderosa OPEP, que agrupa on onze maiores exportadores de petróleo, depois de se terem malogrado as negociações sobre o seu pedido de aumento dos preços para compensar os prejuízos financeiros que sofreram com a desvalorização do dólar em Fevereiro.

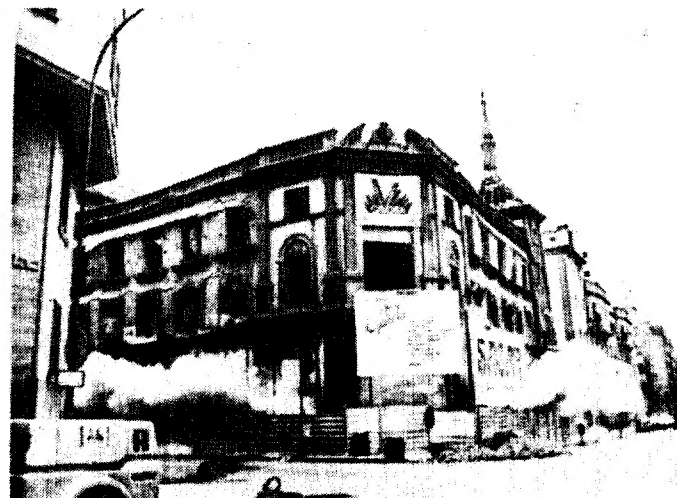
Segundo a OPEP, a atitude das companhias petrolíferas até à data tem sido negativa mas acrescentou que deixava

«a porta aberta até 4 de Maio» a novas propostas das companhias que representem uma base «para negociações a sério».

Os países exportadores pretendem um aumento de 11,1 por cento mas as companhias ofereceram apenas 7,2 por cento, segundo fontes bem informadas de Viena, pelo que os membros da OPEP decidiram convocar uma reunião plenária para Tripoli, no próximo dia 7 de Maio, a fim de discutirem a futura estratégia e quais as medidas mais drásticas a tomar caso as companhias ocidentais mantenham a sua posição actual.

Não se sabe ainda qual a atitude que as companhias vão adoptar em face deste ultimato. Representantes da indústria petrolífera mostravam-se ontem à noite desapontados com o resultado das negociações em Viena e pareciam preocupados com a súbita atitude de dureza tomada pela OPEP. Algumas fontes pensam que as companhias poderão ser tentadas a não responder ao ultimato, esperando até à conferência de Tripoli antes de fazerem qualquer oferta.

"MADRID": DESTRUICÃO EM QUATRO TEMPOS



O jornal «Madrid», da capital espanhola, conhecido pela sua independência em relação ao regime, fechou as portas há ano e meio, alegadamente por razões administrativas. Muitas tentativas foram feitas para o reabrir.

Todas elas se revelaram infructíferas. Agora, foi-lhe dado o golpe definitivamente mortal. O edifício do jornal foi demolido à força de explosivos, para dar lugar a um bloco de apartamentos (Teletoto UPI/Teimprensa «DL»)

Projectistas e consultores em congresso

O ministro de Estado dr. Mota Campos presidirá à sessão inaugural do I Congresso Nacional de Projectistas e Consultores, que decorre de 7 a 10 de Maio, com a participação de 425 pessoas, que apresentarão 46 comunicações. Durante o encontro, estarão patentes três exposições: de medalhas, de livros técnicos e de revistas (subordinadas ao tema «O homem e o meio ambiente»).

LEIA AMANHÃ

Pois, o «Suplemento Literário»... Pois, a capa de João Abel Manta com Camões e... Pois, e enfim, o artigo de Adolfo Casais Monteiro sobre o romantismo brasileiro... Pois também um novo estudo de Fernando Luso Soares acerca do «Barranco de Cegos»... Pois, as opiniões críticas de António Rebordão Navarro, Carlos Porto e Torquato da Luz... Pois, um discutido livro de Brecht visto por Ilse Losa... Pois, os comentários de cinema (e não só) de Eduardo Prado Coelho... Pois, a primeira parte de uma biografia de Picasso por Jacques Michel... Pois, a continuação do polémico texto de Sidónio Muralha... Pois, o folhetim de José-Augusto França... E também, pois, uma entrevista com Rogério de Freitas... Pois.



KENNEDY-76

Uma previsão? Um grupo de estudantes democráticos ofereceu ao senador Edward Kennedy uma camisola em que se lê «Kennedy-76». O senador, que recebeu a oferta com um grande sorriso, é considerado como um dos mais prováveis candidatos à presidência dos Estados Unidos em 1976, para a sucessão do presidente Richard Nixon, o qual não se poderá recandidatar. (Teletoto UPI/Teimprensa/DL)

A emigração para a Alemanha faz-se em aviões especiais

A emigração de portugueses para a Alemanha é este ano maior do que nunca. Atendendo a isso, o Instituto Federal de Trabalho daquele país vai criar, a partir do dia 9 do próximo mês de Maio, carreiras aéreas especiais via Hamburgo, as quais substituem a longa e cansativa viagem de comboio. O primeiro avião com emigrantes sairá de Lisboa no próprio dia 9, levantando voo da Portela às três horas da Madrugada. Nestes primeiros quatro meses que vão do ano, já saíram com destino a

Alemanha 8.400 trabalhadores portugueses de ambos os sexos, o que estabelece um novo recorde para tão curto espaço de tempo, pois du-

rante o ano passado deixaram Portugal 14200 emigrantes, com o número parcial de cerca de sete mil no primeiro semestre. (Pag.10)

ARMAS SOVIÉTICAS PARA O UGANDA?

NAIROBI, 24 — (R.) — O presidente Idi Amin, do Uganda, realizou ontem uma sessão de quatro horas de debates com uma delegação soviética a alto nível, desencadeando-se imediatamente especulações de que o presidente ugandês tenha pedido armas à Rússia.

As especulações foram reforçadas com a presença do general do Exército soviético, Nikolai Rossikin, chefiando a delegação visitante, e pelo facto de que às con-

versações, realizadas em Kampala, o presidente Amin ter sido rodeado por uma forte equipa das mais altas patentes militares do país e de destacado pessoal do Ministério da Defesa.

Entretanto, uma notícia da Rádio Uganda, dizia que durante as conversações haviam sido abordados assuntos de interesse mútuo, em particular o desenvolvimento económico e a consolidação das relações com a Rússia.

Hoje
32 PÁGINAS
INCLUINDO
"MULHER"

DL/NACIONAL

“Um problema político de raiz”

Dois deputados, pelo menos, estiveram de acordo num ponto «delicado» no que respeita à reforma do ensino; a proposta de lei que a visa, e que agora está em discussão na Assembleia Nacional, reflecte um problema político. Foram eles Aguiar e Silva (este «é um problema político de raiz») e Mota Amaral, cujas intervenções, na ordem do dia da longa sessão de trabalhos de ontem, não sendo coincidentes, no fundo, constituíram as notas mais polémicas dos debates.

Um desses oradores — Mota Amaral — pôs claramente a Câmara perante a sua posição: candidatou-se a deputado na base de um projecto reformista e confiante nesse objectivo, aliás prometido pelo Presidente do Conselho em discurso que antecedeu, de poucos dias, o acto eleitoral. E para o deputado açoreano, bem acompanhado pelo dr. Oliveira Ramos, de Braga, que falou a seguir, a reforma do sistema educativo é um documento-base do reformismo prometido.

UMAS CERTAS DIFERENÇAS

Ao correr da pena, ocorrem-nos outro ponto concordante entre Aguiar e Silva e Mota Amaral: ambos são pelo reforço do poder intervencionista da Assembleia Nacional. Enquanto o deputado coimbrão, que lecciona na velha Universidade, começou logo por dizer que continua a acreditar, «cada vez mais

firmemente, que a revitalização do papel político dos parlamentares representa um dos mais poderosos meios de defesa contra a tecnoburocracia que, anónima e tentacularmente, vai enleando o Estado e a sociedade do nosso tempo, com grave ameaça dos direitos e liberdades fundamentais dos cidadãos», Mota Amaral considerou muito sintomático o facto de a proposta de lei estar ali a ser discutida (depois de um longo período de preparação e discussão a outro nível) pela Assembleia Nacional. «O mesmo não aconteceu com o Código Civil, que entrou em vigor no último período da era salazariana e que, sendo um documento de fundamental importância, limitou-se a receber o silencioso voto da ratificação parlamentar» — comentou.

O mesmo deputado culpou asperamente o sistema educativo anterior, o seu tipo classista, a experiência de controlo monopolizador do Estado, o sentido elitista dado ao ensino universitário, como os grandes responsáveis pelo atraso socio-económico em que o País se encontra. Por isso pediu o apoio incondicional à proposta de lei do Governo. «A Assembleia está perante uma opção de progresso, de reformismo válido, de coerência. Não pode voltar atrás» — proclamou.

LEGISLAR E CONCRETIZAR

Muito preocupado com os aspectos políticos, Aguiar e Silva

mostrou-se adepto da discussão pura e nem sequer foi tão longe, na contestação da proposta, como muita gente esperaria. Ele próprio se mostrou ciente desse facto, ao gastar largos minutos com a interpretação pública das suas posições e dos epítetos que alguns «seareiros», «ex-seareiros», «liberais» e outros lhe terão dedicado. O deputado reconhece a necessidade da reforma e diz que «o problema, neste domínio, é fazer com que estes grandes princípios (ensino pré-primário, educação permanente, etc.) agora inscritos num texto legal, possam ter execução eficaz e tão pronta quanto possível». Outros oradores repisaram esta tecla.

Mas o dr. Aguiar e Silva acusa o texto governamental de contar graves lacunas, «sobretudo no capítulo fundamental — a meu ver, o capítulo político e educacionalmente mais complexo — do ensino superior». Analisou depois os conceitos possíveis de «democratização do ensino», e referindo-se àquele que deve ser o perfilhado pelos autores da proposta, comentou que se torna necessário «que os Governos, com coragem e lucidez, sem temor a oligarquias e grupos privilegiados, imponham uma política autenticamente nacional de profundas reformas sociais. Caso contrário, corre-se o risco de uma crescente agitação social e de um revolucionarismo mais ou menos intermitente, de consequências imprevisíveis». E apontou caminhos,

ASSEMBLEIA DIA A DIA

Armando Pereira da Silva

como o aumento de bolsas de estudo, multiplicação dos refeitórios e residências estudantis, diversificação do regime dos cursos nos vários níveis de ensino, criteriosa distribuição geográfica dos estabelecimentos de educação, comentando a propósito: «Não é, por exemplo, privando tudo o interior de um país de Universidades que se contribui para a «democratização» do ensino universitário». Nas apreciações posteriores defendeu, implicitamente, a Universidade como centro de preparação de elites e pós problemas quanto aos institutos que irão professor o «ensino superior curto» e sua equiparação (e dos cursos que ministram) à Universidade convencional. Apesar de tudo, não defendeu a sua separação absoluta, com duas premissas: «que tais cursos não provoquem a massificação elitista das Universidades; que as licenciaturas não sejam tratadas subsidiariamente, como uma espécie de epifenómeno dos bacharelados».

Na sua intervenção, o deputado Mota Amaral reutaria, mais tarde, a justificação de tais receios.

PARTICIPAR

Para o deputado Oliveira Ramos, a proposta de lei, «além de trazer inovações estruturais, caracteriza em termos abertos e elevados de modernidade, a acção educativa de um processo global e permanente destinado

a promover a formação dos portugueses, a quem faculta possibilidades múltiplas de realizarem as suas aspirações e tendências, isto, sublinhe-se, no quadro dos valores humanos e culturais comuns e dentro do respeito pelos restantes povos e de uma activa participação na comunidade internacional».

O orador entende-a como um processo positivo de levar os cidadãos a tomarem igualmente maior consciência dos seus deveres e direitos de participação na vida colectiva interna. Se algumas reservas o deputado brarense entendeu levantar, foi a de no projecto não estar referida a participação dos estudantes na gestão da sua escola. De qualquer modo, Oliveira Ramos considera a proposta como o ponto culminante da X Legislatura e a sua aprovação e concretização como a garantia do futuro do País.

OUTROS ORADORES

A sessão de ontem terminou cerca da meia-noite, com um intervalo na hora do jantar. In-

tervieram na discussão na generalidade da proposta de lei de reforma do sistema educativo doze deputados, todos concordes: o dr. Veiga de Macedo cujo discurso ontem referimos; o dr. Veiga de Macedo, Luzia Beija, Nunes de Oliveira, Eleutério de Aguiar, Ribeiro Veloso, Henriques Carreira, Silva Mendes, Nicolau Martins Nunes e Pereira de Magalhães, além dos já citados. Os debates na generalidade terminam hoje, com intervenções de Pinto Machado, Dias das Neves e, a concluir, novamente Veiga de Macedo. Entrar-se-á imediatamente na discussão na especialidade. Presume o presidente da Assembleia Nacional que, na quinta e na sexta-feira, voltarão a haver sessões de trabalho nocturno. A X Legislatura deve completar o seu mandato no próximo sábado, com a aprovação das Contas Gerais do Estado.

Outros deputados usaram ainda da palavra, na sessão de ontem. Antes da ordem do dia, Henrique Tenreiro evocou a descoberta do Brasil; Gabriel Gonçalves falou da importância de algumas medidas de carácter social ultimamente anunciadas; Augusto Correia lamentou que não fosse recriada a comarca de Penela; e Agostinho Cardoso recordou diversos problemas da vida do Arquipélago da Madeira.

ECLIPSE DO SOL EM ANGOLA

LUANDA, 24 — (L) — Será visível em Angola o único eclipse total do sol de 1973, que se registará em 30 de Junho, entre as 10 horas e 1 minuto e as 15 horas e 15 minutos.

Em Luanda, o fenómeno poderá ser observado entre as 12 horas e 12 minutos e as 14 horas e 28 minutos, bastando para tanto usar vidro fosco.

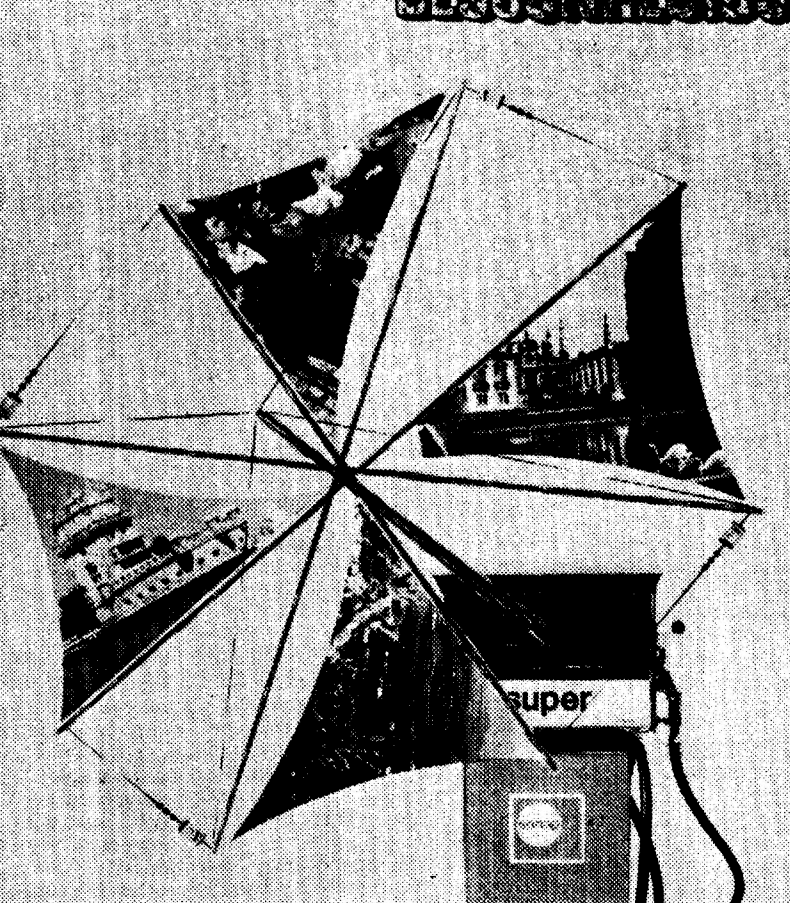
Militares mortos em combate

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram em combate: no Estado de Moçambique, o 1.º cabo n.º 011970172, António Almeida Lourenço, natural de Sarzedas, concelho de Castelo Branco, filho de Tomás Lourenço e de Maria da Piedade; Soldado R. E. n.º 735920172, natural de Tete, fi-

lho de Rafael Fambir e de Afélia Rafael; Soldado do Recrutamento do Estado, n.º 731116/71, Feeldine Abraimo Abdul Carimo, natural de Massinga, filho de Abraimo Abdul Carimo Muste e de Nicebete Ibraimo Amade; na provincia da Guiné, soldado mulçia n.º 153272, Aliu Ampatorne, natural de São Domingos, filho de Guite Moli e de Antobape, ca-

sado com Augusta; soldado n.º 004274/72, Sebastião Luis Vieira natural de São João da Pesqueira, filho de António Júlio Vieira e de Emília Augusta da Costa Vieira; e o 1.º sargento n.º 51779/11, Octávio José Horta natural de São Braz de Alportel, filho de Joaquim Manuel Horta e de Maria Barbosa Horta, casado com Zélia Maria Belchior da Silva Pereira.

no PORTUGAL DESCONHECIDO



um serviço conhecido
ESPERA POR SI

OBRAÇÃO NAU

1.ª Classe — c/ utilidade turística
Rua Pinheiro Chagas, 1-1.º
Telef. 51 501 — LISBOA

Comemorando dois anos de sucesso absoluto, de nova gerência, RUY CASTELAR apresenta durante 8 dias, um sensacional show

A partir de Sexta-Feira, dia 27, à 1.00 hora
A Extraordinária Cantora Inglesa
HAZEL SCOTT
(directamente do Hilton Hotel do Brasil)

Música para dançar até de madrugada, com o maior organista do Brasil
IZIO GROSS
(da TV TUPI do Rio de Janeiro)

Ainda o espectacular conjunto «OS JETTERS»
e ALTA-FIDELIDADE «GRUNDIG»
APENAS OITO DIAS

DL/OPINIÃO

O ALUNO E O CIDADÃO

Embora com as asas algum tanto aparadas, a reforma do ensino acabará por surgir à luz do dia após as múltiplas e inevitáveis opiniões com que a Assembleia Nacional a abençoará. Iremos enfim ver, na prática dos alunos dos professores e dos programas, o que será em Portugal uma escola que se propõe ter em conta «as realidades nacionais e regionais», contra uma escola «que formava para um mundo que não existe». As expressões entre aspas foram colhidas no discurso proferido pelo ministro da Educação Nacional na sessão de encerramento do seminário da Páscoa e reflectem em síntese, algumas das oposições que têm vindo a lume desde que a reforma do ensino foi anunciada: na verdade, estão em causa dois conceitos de educação, e da sua oposição, que com algum exagero poderíamos dizer frontal, vamos vendo ressaltarem efeitos que justificariam uma minuciosa análise se ela conviesse ao tempo e fosse possível no lugar...Notaremos pela rama, em todo o caso, certos aspectos mais salientes que resumem e atam os fios das contradições na ordem pessoal e na ordem geral.

Ao longo do tempo, e sempre com as melhores razões deste mundo, para fins de aperfeiçoamento, de teorização, de definição de regras, organizaram-se conferências, reuniões, colóquios, talvez seminários, e tudo isto serviu a educação velha, a prolongou e sustentou, porque ela era boa, era a melhor de todas as educações, e a única que a Portugal, convinha. O que isto efectivamente significava, em efeitos de ontem e em efeitos de hoje, encontra definição em palavras ditas pelo prof. João Evangelista Loureiro, falando em nome de todos os participantes no seminário: «Vivemos, neste seminário, creio que todos, ou quase todos, pela primeira vez, uma experiência nova e diferente. Por mais rígidas que fossem as nossas estruturas de pensamento ou as nossas condutas, estes quinze dias fizeram renascer ou criaram em nós motivações para novas formas de acção. Nada mais positivo, dirá o leitor, e nós também, mas reconheça-se que é doloroso verificar a presença daquela expressão «pela primeira vez» associada a «experiência nova e diferente». Repare-se que tais palavras não foram pronunciadas por um novo professor de repente lançado no meio das altas cerebrações do ensino e aturrido por isso mesmo, mas por um professor universitário que, neste momento, talvez esteja contemplando, melancolicamente, um passado de conferências inúteis e de estruturas realmente rígidas...Chega a tocar a sensibilidade esta repentina descoberta das virtudes do diálogo na educação afinal tão excelente como excelente se acreditava a simples recepção de palavras de ordem indiscutíveis...

Outra singular descoberta fê-la o eng. Adelino Amaro da Costa, directo executivo do seminário, que em certa altura do seu discurso afirmou: «E o nosso empenho, é, finalmente, o que descende da nossa posição de servidores públicos, buscando mostrar que é possível ser, lealmente, funcionário do Estado, e, ao mesmo tempo, manter um espírito favorável à renovação, receptivo e desejoso, de mudança (...). «Permita-se que aqui manifestemos o nosso espanto (mas não surpresa) por esta pressuposta incompatibilidade entre a lealdade do funcionário do Estado e o desejo de mudança: será o funcionário tanto mais leal quanto mais conservador? será o desejo de mudança sintoma manifesto de deslealdade, ou de traição que é apenas deslealdade de grau acima?

Como se há-de responder a estas perguntas ou comentar estas afirmações? Quis o acaso que o ministro da Educação Nacional fizesse no seu discurso a verificação seguinte: «Quão doloroso é ver o aluno transformado em simples receptáculo de factos e conceitos por um ensino chamado, aqui, de pseudoneutral, fórmula terrível de paralisar o espírito criador e inovador.»

Segurança e cooperação

As consultas preparatórias da Conferência para a Segurança e a Cooperação na Europa começaram hoje. É a quarta sessão e talvez a última antes da reunião da primeira fase da conferência já a nível dos ministros dos Negócios Estrangeiros.

Os 32 países da Europa, excepto a Albânia, mais o Canadá e os Estados Unidos trataram agora, nesta sessão de quatro ou cinco semanas, da redacção do texto definitivo da agenda da Conferência para a Segurança e Cooperação na Europa.

Entretanto, tem havido actividade diplomática desde a terceira sessão terminada em 6 do corrente. Por um lado houve contactos multilaterais entre os nove da C. E. E. e os 15 da N. A. T. O. e, por outro lado, entre os estados socialistas e os países ocidentais.

O silêncio observado pela maior parte dos países desde o fim da terceira sessão é considerado pelos observadores como sinal positivo, mostrando ter havido progressos.

Entretanto, a terceira sessão das consultas de Helsínquia (de 26 de Fevereiro a 6 de Abril) tinha deixado a impressão de que tudo continuava verde e que nada se conseguiria de forma concreta. Na verdade, dos quatro assuntos da ordem do dia da conferência (segurança, cooperação económica, cooperação cultural e trocas humanas e consequências institucionais da conferência), os 34 só redigiram um esboço de texto a respeito dos dois primeiros títulos. Textos que, aliás, compoem um certo número de passagens em branco que poderão ser rapidamente preenchidas nesta quarta sessão.

Quanto aos títulos 3 e 4 as divergências permanecem no fim da terceira sessão. O terceiro, relativo aos intercâmbios pessoais de informações e de ideias é o que levanta mais problemas.

Os países do Leste desejam que a cooperação cultural garanta por um controlo do Estado e a maior parte dos países ocidentais recusam-se a aceitar monopólios neste campo, sejam quais forem.

Acidentes rodoviários

O Conselho da Europa adoptou uma resolução estipulando que deverão ser levados a tribunal os motoristas cujo sangue se verifique conter mais de 0,8 por cento de álcool — anunciou um informador.

Esta percentagem — explicou — é o limite «acima do qual a maioria dos automobilistas constitui um perigo para todos os que utilizam as estradas».

O Conselho da Europa exorta também a que seja aumentada a fiscalização rodoviária e simplificados os tramites legais para casos de infracção.

Não obstante as campanhas publicitárias feitas nesse sentido, a maioria dos motoristas ingleses recusa-se a usar cintos de segurança.

«É desgostoso», declarou entretanto um informador da Associação Automóvel Inglesa, «os cintos são salva-vidas. Isto ficou provado para além de qualquer dúvida na Austrália, onde o seu uso é obrigatório».

A Associação anunciou ter pedido ao ministro dos Transportes, John Peyton, que torne obrigatório o uso de cintos de segurança na Inglaterra.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido no «Café Oceano». Cortes Silva Vieira Leonel R. Portas de Portugal — LAGOS

Exclusivo «LE MONDE»/«DL»

A "NOVA FRONTEIRA" DOS ESTADOS UNIDOS

Advogado internacional, cidadão americano, nascido na Polónia e a viver em Paris, Samuel Pizar é um dos peritos mais escutados em matéria de relações económicas Leste-Oeste; a este título aconselha numerosas companhias multinacionais e diversos governos. Mas considera-se, também, uma espécie de filósofo da coexistência, o apóstolo do «bom uso do negócio ao serviço da paz», como o explicou em duas obras: *As armas da Paz e Transacções Entre o Leste e o Oeste*.

Há alguns dias, Pizar assistia em Moscovo, ao lado de Armand Hammer, presidente da Occidental Petroleum, à assinatura de um acordo muito importante de cooperação com o Governo soviético... E sobre o significado deste acordo que, no seu regresso a Paris, o interrogámos em primeira mão.

«O grande significado deste acordo», diz-nos Pizar, «é que ele constitui a primeira pedra da coexistência soviético-americana depois do encontro «ao mais alto nível» Nixon-Brejnev; é a consolidação daquilo a que eu chamaria uma «política de paz» por meios pragmáticos.

«O acordo lança as bases de uma cooperação para o desenvolvimento de uma indústria química complexa baseada no gás natural, mais precisamente no amoníaco, os carbónidos e a potassa que serão exportados pela União Soviética; por outro lado comporta a compra de adubos industriais para a agricultura russa, que está muito atrasada. E, isto, durante vinte anos. Penso que é o mais importante contrato que alguma vez foi negociado.

«Naturalmente, este acordo deverá ser seguido por outros para a construção de fábricas, de condutas tubulares, de depósitos. Falta ainda fazer muita coisa».

— Porque é que os soviéticos concluíram um tal acordo?

— A União Soviética é um continente como os Estados Unidos. Os dois países têm populações comparáveis, a mesma variedade de climas. São da mesma escala. Ao mesmo tempo, a União Soviética encontra-se cinquenta e seis anos após a Revolução, perante o problema essencial seguinte: como produzir em massa os produtos alimentares e os bens de consumo necessários a uma população de duzentos e cinquenta milhões de almas num continente tão extenso? Mais importante ainda, talvez, como distribuir estes produtos de alimentação e estes bens de consumo? Ora, aonde está, a este respeito, o grande exemplo histórico? Na América.

OS «COMEDORES DE METAL»

«O exemplo dos Estados Unidos é imediatamente significativo para as necessidades históricas da União Soviética. Os dirigentes disseram para consigo: pouco importa se a solução mais eficaz foi concebida pelos capitalistas ou pelos comunistas; o que conta é que resulte. O fazendeiro americano produz nove vezes mais do que o fazendeiro russo. As sociedades americanas têm as tecnologias, a superfície financeira, o peso industrial necessário para nos mostrar como fazer e para estabelecer conosco esta infra-estrutura que nos vai permitir alimentar e vestir a

nossa população.

«Há, evidentemente, na União Soviética uma oposição forte contra o comércio Leste-Oeste, como, aliás, nos Estados Unidos. Também ali há um Pentágono, como nos Estados Unidos; gerais, a que se chama «comedores de metal». Mas, há, também, no aparelho governativo soviético, homens pragmáticos como Kossiguine, e Brejnev também, segundo creio. De um lado, os ideologistas, os militares, os primitivos, dizem: «Se vós calis nessa direcção, não haverá regresso, ireis perder o poder». Os outros respondem: «Com equilíbrio termonuclear, não podemos ganhar a guerra contra a América e se há paralisação no plano ideológico, corremos o risco de acordar daqui a dez, quinze ou vinte anos ainda mais atrasados do que estamos hoje. Portanto, não temos por onde escolher. E, depois, não esqueçamos que houve uma explosão na Polónia, que os trabalhadores e as donas de casa polacas desceram à rua para protestar. E isso levou à mudança de governo».

«Nos Estados Unidos, também, uns pensam que o comércio é um instrumento de paz e de calma, que reduz os riscos de guerra termonuclear, e outros respondem: «Ides ajudar os comunistas a criar uma indústria eficaz, isso vai reforçar os nossos inimigos e, a longo prazo, eles virão a voltar-se contra nós.» Eis o dilema dos dois lados.»

— Porque é que a pressão do consumidor é, hoje, mais forte na URSS?

— Já não é o mesmo consumidor. Depois da revolução, houve o fervor revolucionário, depois o terror estaliniano. Hoje, o sistema não tem evoluído mal politicamente e o consumidor ousa esperar. E por isso que se convide a Fiat a construir uma fábrica para a produção de 660 000 viaturas por ano. Porém, se se tomar esta direcção, é preciso construir auto-estradas, hotéis, restaurantes, estações de serviço, etc.

«Há aqui um grande paradoxo: esta sociedade de consumo que a nossa juventude no Oeste começa a detestar, torna-se uma espécie de ideal a Leste. Não é o caso da China, mas é muito verdadeiro nos pequenos países da Europa do Leste e, também, na U. R. S. S. Os dirigentes soviéticos são, pois, obrigados a responder a esta preocupação.

«Porém, esta necessidade é recíproca. Os americanos precisam de vender, a situação económica internacional complica-se, o mercado mundial está saturado: a Europa do Leste, a União Soviética, a China, constituem enormes mercados que ainda não estão completamente abertos, mas que podem abrir-se. Para o industrial e o fazendeiro americanos, foi isso exactamente o que eles encontraram na Europa Ocidental depois das destruições da Segunda Guerra Mundial: um mercado totalmente desprovido de tudo e que de tudo tem fome.»

QUEM CEDERÁ PRIMEIRO?

— Como vê, portanto, a evolução dos dois sistemas?

— A União Soviética é muito mais disciplinada do que a América, mas a sua economia é mais fraca. A América não tem problemas económicos graves, mas a juventude está em revolta. Então, a questão é a seguinte: quem vai ceder

primeiro? O poder russo, perante a pressão do consumidor e do homem da rua? Ou o sistema ocidental perante a contestação?

«Os russos pensam que estarão em posição de dominar o consumidor e os partidários dos direitos do homem, os dissidentes, etc. Quando aos Estados Unidos e às outras potências do Ocidente, pensam que, será possível restabelecer «a lei e a ordem», aproximar-se dos russos e assegurar, graças a eles, a expansão económica. A história julgará que, com a aproximação económica e tecnológica, ambos os sistemas estão no bom caminho. Aquilo a que eu chamo «as armas da paz» vai, com efeito, temperar este conflito. Daqui a dez ou quinze anos, as ideologias vão passar para segundo plano, de ambos os lados. Elas vão perder-se no pragmatismo.»

— Como se fará a adaptação?

«Os russos sabem, ou deveriam saber, que a integração no mercado mundial, os projectos comuns, aquilo a que eu chamo as companhias «transideológicas» (sociedades mistas de participação comunista e capitalista igual), tudo isso é um caminho sem regresso, pois, se se quiser ser competitivo no mercado mundial, é preciso criar novos sistemas de gestão, preocupar-se com coisas como a cor, o desenho, a embalagem, o marketing. Porque para comprar é preciso vender. E não se pode vender somente vódeca, caviar e caranguejos, é preciso vender coisas importantes, adaptar-se portanto.

«Finalmente, numa era de tecnologia galopante não se pode ter um sistema económico e industrial inventivo se os espíritos não forem livres: se Soljenitsyne não puder escrever, se Rostropovitch não puder tocar, se Amalrik tiver de partir para a Sibéria, então, os inventores não podem verdadeiramente inventar, os directores não podem verdadeiramente dirigir, o homem que deve ocupar-se do mercado e da distribuição não pode tomar as suas decisões. Evidentemente, se ele é judeu, ucraniano ou bielorrusso, ainda há outros problemas.

«É, portanto, aí que há um preço ideológico a pagar, que o comércio e a ideologia passam a estar intimamente ligados.»

«ONDE ESTÃO OS VOSSOS HERÓIS?»

Hoje, há uma mudança por causa da situação Leste-Oeste; o pai tem algo a dizer a seu filho: «Onde estão os vossos heróis? A China compra Boeings, apela para as companhias americanas. O que a Rússia quer é uma sociedade de consumo, aquela mesma que vós detestais. Portanto, os heróis dos vossos heróis, somos nós.» Estou a exagerar um pouco, mas é verdade.

«Na minha opinião, o problema do futuro é saber se podemos propor aos jovens do Ocidente uma causa em que se possa acreditar, que os incite a deitar mãos ao trabalho, a edificar uma estrutura de paz. Os jovens não gostam do homem de negócios. Porém, este não passa de um instrumento, como um computador. Não pode ser um ideal em si mesmo, mas é uma fonte de inteligência e de energia. A questão é saber se ele pode ser utiliza-

Continua na pag. 4

DL/GERAL

OS PNEUS CONTINUAM A ARDER



O violento incêndio desencadeado, esta madrugada, em milhares de pneus velhos, abandonados em terrenos vizinhos do Liceu D. Dinis, no prolongamento da Avenida D. João de Castro, ao Cabo Ruivo, prosseguia ainda, ao fim da manhã, e, segundo nos informaram elementos dos B. S. B., continuará durante todo o dia de hoje.

Os pneus — ao que parece, pertencentes à Carris — estão

a provocar, em virtude da forte combustão, grandes nuvens de fumo negro, de odor extremamente desagradável, e que passam mesmo por cima do liceu vizinho.

Um autotanque dos B. S. B. mantém-se de prevenção, junto do sinistro, na hipótese de qualquer eventualidade, dado até que existem no local outras quantidades de pneus, ainda não atingidos pelo fogo.

Hospitalizados por acidentes de viação

Bastante traumatizados, devido a acidentes de viação, deram entrada, de ontem para hoje, no Hospital de S. José, Augusto Alves Gomes, de 50 anos, morador em Queluz, por despiste do carro que conduzia próximo de Belas; Francisco António Inácio, de 45 anos, enfermeiro morador na Calçada de Arroios, cujo veículo chocou com uma

camioneta próximo de Caxias; João M. Reis Nobre, de 28 anos, motorista de profissão, devido a um choque entre o carro que conduzia e um autocarro da Carris na Av. do Uruguai; Augusto Pinto Dias, de 17 anos, morador em Santa Bárbara, Faro, que em Loulé caiu da bicicleta em que seguia; José Maria F. de Sousa, com 18 anos, morador no Bairro das Pedralvas, por queda da moto na Estrada DE Benfica; Maria Helena Lopes Prazeres, de 40 anos, moradora na Rua do Dondo, atropelada na Av. Cidade de Luanda.

No mesmo hospital, faleceu Maria Guilhermina, de 54 anos, atropelada em Almargem do Bispo, que ontem ali dera entrada.

FOGUETE POR PETARDO

O «petardo no Rossio», que explodiu à 1 e 30 de hoje, não foi mais que um foguete carnavalesco, lançado dum carro que ia a passar com folhões ou provocadores da excitação do público.

Não obteve indicação de que o rebentamento coincidissem com espalhamento de propaganda. A Polícia ocorreu ao local, mas limitou-se a registar a ocorrência. Lançado para muito perto de dois transeuntes, o foguete não os atingiu.

MARÍTIMO INGLÊS APANHADO AO LEME DUM AUTOMÓVEL

Na Rua Prior do Crato, pelas 4 horas desta madrugada, foi detido um indivíduo de nacionalidade inglesa, natural da ilha de Torga, de nome Cornett, 25 anos, tripulante de um barco estrangeiro atracado em Lisboa, o qual foi surpreendido ao volante do veículo de matrícula OP-98-83, propriedade do senhor Agapito, morador em Bicesse, Estoril, e que o tinha deixado estacionado no largo do Conde barão. O automóvel tinha sido furtado depois de arrebatada a porta e ter sido colocada uma ligação directa. Quando o polícia o mandou parar, o marítimo não perdeu a calma e chegou mesmo a procurar os documentos da viatura, como se fosse o verdadeiro proprietário.

ANÚNCIO

DIRECÇÃO-GERAL DOS HOSPITAIS

Centro Hospitalar de Coimbra

CONCURSO PÚBLICO N.º 49/73

CONSTRUÇÃO DA CAPELA MORTUÁRIA

Torna-se público que está aberto concurso para a execução da empreitada em epígrafe.

As propostas devem ser entregues nos Serviços Administrativos do Centro Hospitalar de Coimbra (Rua do Cabido, 5-2.º) até às 15 horas do dia 4 de Maio próximo, procedendo-se à sua abertura no mesmo dia, pelas 16 horas.

Nos mesmos serviços estão patentes as condições do concurso, todos os dias úteis, das 9 às 12 horas e das 14 às 17 horas, excepto ao sábado, em que estão apenas durante o período da manhã.

Centro Hospitalar de Coimbra, 20 de Abril de 1973.

O PRESIDENTE DA COMISSÃO INSTALADORA:

Bissaya Barreto

A "nova fronteira" dos E.U.A.

Continuação da pág. 3

do. Quanto a mim, pode ser o cimento da paz. O cimento não é bom, mas a catedral é bela.

«Está, portanto, aí a nova fronteira: a Sibéria, a China, o mundo menos desenvolvido. O desafio americano está em vias de se mudar de Oeste para Leste.

AS SOCIEDADES «TRANSIDEOLÓGICAS»

— Que papel atribui a estas sociedades «transideológicas» que evocou ainda há pouco?

— Elas aliam, por um lado, o dinamismo, a energia do empreendimento privado, e, por outro, uma mão-de-obra qualificada, barata e disciplinada. Quem poderia fazer concorrência, por exemplo, a uma sociedade que aliasse o capitalismo alemão, com a sua eficácia, a sua tecnologia e os seus recursos financeiros, e um parceiro húngaro com a sua força de trabalho qualificado, recursos naturais baratos e uma mão-de-obra que nunca entre em greve? Para construir uma refinaria de açúcar na Tunísia ou no Egipto, nenhuma companhia lhe poderia fazer concorrência.

«Eu próprio formei várias destas sociedades «transideológicas». A Hungria modificou a sua legislação para permitir a constituição de tais sociedades, a Jugoslávia já o fez há muito tempo, o mesmo acontecendo com a Roménia em 1971, e a Polónia elabora presentemente uma lei idêntica. Os russos ainda não chegaram a isso, mas com eles procedemos por contrato. Encontramos formas para não insultar a religião e a ideologia comunistas.

— Que papel vê, para a Europa, nesta cooperação Leste-Oeste? O mercado soviético não vai ser monopolizado pelos Estados Unidos?

GATUNOS COM AZAR

Dois jovens sem profissão, nem residência certa, naturais, respectivamente, de Arcos de Valdevez e de Idanha-a-Nova, foram detidos esta madrugada na Calçada de Santo Amaro, pelo proprietário do veículo HL-49-21, ali morador, que se fazia acompanhar do guarda-noturno da área, por os ter surpreendido a forçarem o ventilador do automóvel, no intuito de furtarem o que encontrassem no seu interior. Um terceiro companheiro conseguiu fugir.

O guarda-noturno de serviço na Rua General Sinel de Cordes notou, por volta das 7 horas desta manhã, que algo de estranho se passava numa garagem naquela artéria. Entrando no edifício para investigar, depararam-se-lhe três jovens que ali se tinham introduzido depois de partirem o vidro de uma janela das traseiras, tendo em seguida forçado a porta que dá acesso ao escritório, onde se preparavam para roubar um cofre que ainda arrastaram durante 20 metros. Enquanto um dos jovens conseguia tentar a fuga com êxito, os outros, naturais de Valpaços e de Lisboa, ficaram à guarda do vigilante noturno, que os entregou à P.S.P.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Salvador e Palmeiro, Rua Manuel da Costa COSTA DA CAPARICA

— Não se trata de uma falta económica entre a América e a Rússia. O que se passa é uma normalização. Durante os longos anos da guerra fria, a Europa do Ocidente comerciou com a Europa do Leste, que se tornou, de certa maneira, a coudada dos europeus, enquanto que os americanos, preocupados com a segurança do «mundo livre», com o sistema do Atlântico Norte, etc., não queriam dar aos homens de negócios liberdade para comercializar com o Leste. Agora, após as conferências de alto nível Nixon-Chu En Lai e Nixon-Brejnev, a política mudou bruscamente, e os americanos começam a manifestar-se no mundo comunista. De a escala dos dois países, a União Soviética e os Estados Unidos aparecem como dois parceiros complementares e naturais. É portanto, uma concorrência séria para que a Europa do Ocidente. Porém, a situação normaliza-se, e é isso que é bom, pois, sem normalização entre a América e a Rússia, a calma não é possível.

O PAPEL DA EUROPA

— É partidário de uma especialização, isto é, os americanos comerciando mais com a U. R. S. S., e os europeus do Oeste mais com as democracias populares?

— Haverá uma partilha desse género...

«Se a América desenvolver as suas actividades com a Rússia e com a China, forçosamente a Europa Ocidental trabalhará mais com a Europa do Leste. Estão na mesma escala. E isso pode ser uma coisa muito boa para a Europa, pois, na verdade, os pequenos países da Europa do Leste têm por lar a Europa. Estão ligados à União Soviética por acidentes da História e devido aos resultados da última guerra. Porém, economicamente, culturalmente, geograficamente, estes países pertencem à Europa. A Europa das pátrias e de de Gaulle é mais cara aos europeus do Leste do que aos do Oeste.

«Isto conduz-me à Conferência Europeia de Helsínquia, em Junho. Uma das melhores coisas que esta conferência pode realizar é começar pelas questões pragmáticas do comércio e da cooperação, «armas da paz». Até agora, negligenciou-se desenvolver as regras, as instituições e os conceitos na base dos quais uma coexistência a longo prazo pode vir a ser organizada entre duas economias de estrutura diferente. No meu trabalho quotidiano, apavora-me ver que não há regras que permitam uma relação económica produtiva entre uma sociedade baseada na propriedade e o empreendimento privados e uma sociedade baseada na propriedade pública. Deste modo, propus um diploma para a cooperação Leste-Oeste.

«Sobre os problemas dos projectos comuns, do copyright, do regulamento dos litígios, da negociação dos contratos, submeti propostas a uma série de governos. Vários foram incluídos no tratado de comércio assinado entre a U. R. S. S. e os Estados Unidos em 18 de Outubro de 1972. Neste domínio, a conferência de Helsínquia pode desempenhar um papel capital.»

LOTARIA COMEMORATIVA DA DESCOBERTA DO BRASIL A 4 DE MAIO

UM MILHÃO APENAS POR 50\$00

CASA COSTA

75, RUA DE S. PAULO — LISBOA-2

ESTA SEMANA

N.º 5

DA BIBLIOTECA UNIVERSAL UNIBOLSO

O estrangeiro de ALBERT CAMUS

Prefácio de Jean Paul Sartre

TEXTOS RIGOROSAMENTE INTEGRALIS ALTA QUALIDADE GRAFICA 20.



UNIBOLSO o grande livro de bolso Biblioteca Universal — Seleccionada para si pelos EDITORES ASSOCIADOS — BERTRAND LIVROS DO BRASIL VERBO (ATICA E ULISSEIA)

SAI ÀS 4.ª FEIRAS

UMA DISTRIBUIÇÃO REGIMPRENSA

TV

DL/ESPECTÁCULOS

O BENFICA E O SPORTING: DOIS MENINOS BIRRENTOS?

Estava-se à espera doutra coisa. Tinha havido até propaganda em jornais, com fotografias e tudo. E afinal não veio nada disso. Afinal veio, inesperadamente, outro «Momento Desportivo» — um na segunda-feira, mais um na terça, ena pail!

Este agora sobre futebol. Futebol junior. A propósito do torneio internacional organizado pelo Benfica, com início no próximo domingo.

Mesa-redonda com três elementos ligados ao futebolismo junior: Fausto Pires, membro da Comissão organizadora; Calisto Gomes, coordenador da selecção de juniores; e Tozé, jogador dos «Belenenses».

Este era o pretexto mas Artur Agostinho, com o seu sentido da reportagem não deixou que tudo se ficasse por aqui. A breve trecho, estávamos metidos por outros atalhos como a projecção que algumas personalidades procuram no futebol (Calisto Gomes não acredita, o que é deveras singular um homem conhecedor do meio. Aliás, basta-lhe deitar os olhos pela constituição das direcções de certos grandes clubes para logo ver e crer como S. Tomé) e a deficiente organização dos campeonatos, e não só. A proibição que impede ao junior português de actuar nas categorias de seniores coisa que, ao que ouvimos ontem, só acontece entre nós. Por aqui se avalia a nossa inclinação para a originalidade.

A conversa, na realidade, não conteve grandes motivos de interesse no que diz respeito ao desvendamento de novos aspectos quanto à inserção dos jovens atletas na sociedade portuguesa. De ordem prática, uma notícia talvez em primeira mão: organizam-se, no próximo ano, logo a partir de Outubro, os campeonatos nacionais de juniores, com o fim de proporcionar maior equilíbrio de turmas participantes. Oxalá o objectivo seja conseguido, porque. Ora porque! Porque o fu-

Ondas de rarefação iónica

A convite da Junta de Energia Nuclear, o dr. J. E. Allen, da Universidade de Oxford, que se encontra em visita de trabalho no nosso País dará amanhã, às 16. horas no Laboratório de Física e Engenharia Nuclear, em Sacavém, um seminário sobre «Ondas de rarefação iónica».

Aquele cientista, conhecido pelas suas relevantes contribuições para a física do plasma, apresentará recentes resultados sobre ondas de rarefação em gases ionizados.

turo está na juventude, já se vê.

Um pequeno apontamento à margem: a tendência para a pronúncia de *juniores* e *seniores*. Tendência invencível. Certo, certo, na nossa língua não há pronúncia para além do proparoxitonismo. Não há — mas passa a haver. Nada a fazer. Os gramáticos bem podem protestar. Em vão. Os *juniores* não desapareçam, os *seniores* já não desaparecerão. E agora muito menos, agora que vão ver o seu campeonato nacional a sério. Que luxo!

Outra coisa: no torneio organizado pelo Benfica não entra a equipa do Sporting. Deve ser um dos inconvenientes do famigerado corte de relações.

Na sua entrevista para o «Caso da Semana» de sábado último, Cancela de Abreu referiu que o corte de relações não influiu na convivência dos atletas, nem na amizade entre dirigentes, nem na amável «inimizade» entre adeptos. Bem vistas as coisas, na sua opinião, nem mesmo afectara a sua participação em torneios particulares, desde que existisse suficiente compensação.

Aqui temos um torneio particular sem a presença de um grande. Dever-se-á concluir pela não existência de compensação suficiente? No entanto, a julgar pelas afirmações de Fausto Pires o futebol vai lucrar e muito. Não lucraria mais com a presença do Sporting?

Enfim, coisas que uma pessoa pensa. Pessoalmente não estou muito interessado no torneio, já nem sou junior. Mas por que é que estão zangadinhos, porquê? Será birra?

O ABSOLUTO AS ESCAVAÇÕES E OUTRAS COISAS

Uma pessoa, mesmo que não queira, tem de se rir.

Imaginem: Manuel Poppe está parado no patamar de uma escada. Assenta o cotovelo esquerdo no corrimão e, com a mão sinistra, segura no microfone. Tem o ar solene. Das grandes ocasiões. Das situações definitivas. Na escada.

Pois na escada, encostado ao corrimão, Poppe começou por nos falar da fita «O último a rir...» Fita que ele apreciou muito. Sobre a fita borda algumas considerações naquele tom sonâmbulo que é o seu, na escada ou fora da escada.

Para o que lhe havia de dar, senhores: falar de Charles D. na escada! E porquê Charles D. acaba por ficar desesperadamente vigilante. Ora desesperadamente vigilante está também Couto Viana...

A situação é esta: o Charles D. acaba por ficar desesperada-



mente vigilante. Ora desesperadamente vigilante está também Couto Viana...

Não chega a entender-se nunca a relação entre o Couto Viana e o industrial suíço com costela de anarquista ou gauchista ou coisa assim. Também daí não vem nenhum mal, ao mundo, estávamos bem arranjados se fossemos a querer entender tudo o que se passa na televisão.

O mais curioso de tudo é que antes do António Manuel



Por MÁRIO CASTRIM

começar a falar já Poppe nos diz que *vai falar-nos da sua obra, com uma certa acidez, com uma certa violência, com uma certa amargura criadora que caracteriza as suas poesias e que as torna trabalho singular no panorama da nossa poesia contemporânea.*

Deus, o que a gente aprende e em tão pouco tempo e sem gastar um centavo no ensino por correspondência!

A partir daqui, começam ambos a falar a sério. Tremenda-

mente a sério. António Manuel fala da sua poesia... dos seus lampejos épicos... «a minha poesia é simultaneamente irónica e desesperada...» vejam só, vejam só os tormentos que sofre a poesia dele! Sendo porém verdade que «o desespero não exclui a fé». Além disso, que sim, que há incompatibilidade entre o seu ideal e a vida. Evidentemente que lhe doi o sangrar do sonho perante a realidade mas prossegue no sonho.

Como digo, tudo isto se passa a sério, sem nenhum intuito de representação. Igualmente da parte de Poppe quando recorda que a poesia de António Manuel é ácida... corrosiva... e depois a taxá-la de violenta e não sei quê «poeta banido de um absoluto...» Credo!

Atenção: esta história do absoluto e dos sonhos que sangram já não acontece na escada, mas sim num confortável

interior. Onde também António Manuel declarou: «*Creio que sou, por natureza, corajoso e combativo.*»

A isto se chama não deixar os créditos por mãos alheias. No entanto, a esta declaração que denuncia um temperamento de extrovertido segue-se outra a denunciar, contraditoriamente, um temperamento de introvertido: *Sou um poeta de escavações interiores.*

Deixe lá, António Manuel, não se preocupe. Essa história de escavações, esse complexo camarário, está mais generalizado do que pensa. Já ninguém nota, pode mesmo dizer-se que «o poeta é um escavador».

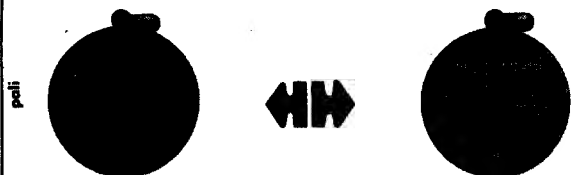
Vá pensando neste assunto e poderá desenvolvê-lo mais a preceito noutra altura com Poppe ou sem Poppe. Ocasões não faltam. Porque os banidos do absoluto nem sempre são os banidos do relativo.

Sempre!

Banco Espírito Santo
e Comercial de Lisboa

Uma data ternamente gravada !...

MEDALHA · RELÓGIO · OURO OU PRATA DE LEI



MARCA A HORA E O MINUTO EXACTOS.

NO REVERSO, A DESCRIÇÃO DO ACONTECIMENTO.

Uma prenda maravilhosa que ficará a marcar, para sempre, uma hora feliz.

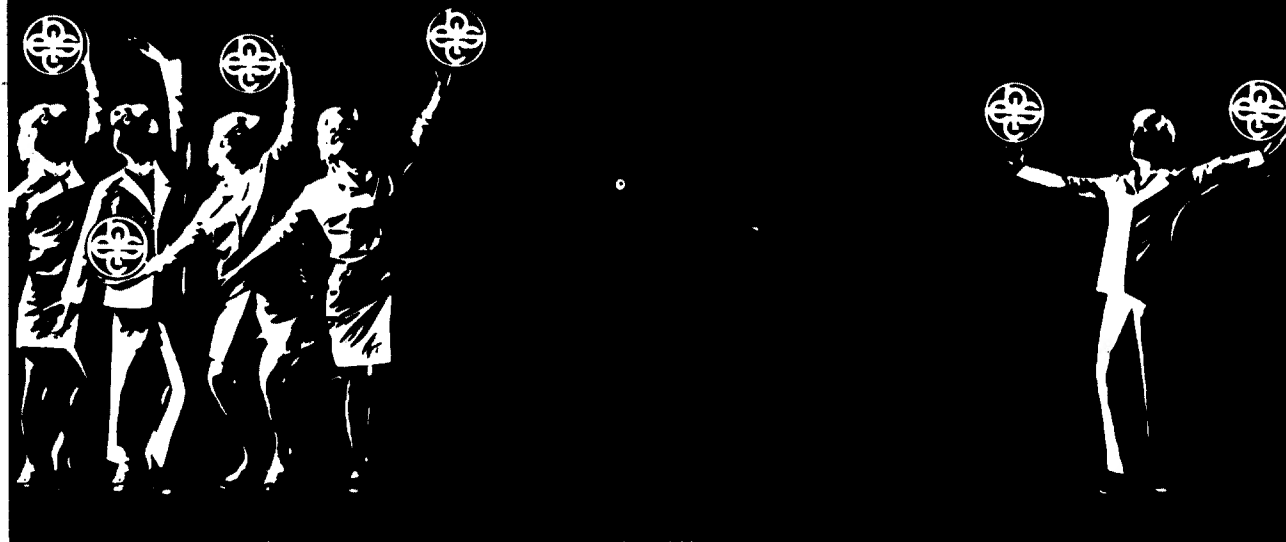
CRIAÇÃO E FABRICO

Nascimento, baptizado, comunhão, formatura, casamento, feito desportivo, etc.



MODELO DE UTILIDADE E DESENHOS INDUSTRIAIS REGISTRADOS.

À VENDA NAS BOAS OURIVESARIAS



DL/ESPECTÁCULOS

CRÍTICA DE CINEMA

Lauro Antônio

Super-reposições

TÍTULO: A PONTE DO RIO KWAI (The Bridge on the River Kwai)

REALIZAÇÃO: David Lean, 1957 (Inglaterra)
INTERPRETES: Alec Guinness, William Holden, Jack Hawkins, Sessue Hayakawa, James Donald, Ann Sears, etc..

DISTRIBUIÇÃO: Columbia Filmes

ESTREIA (cópia nova): Cinema Império (17.4.1973)

TÍTULO: O MAIOR ESPECTÁCULO DO MUNDO (The Greatest Show on Earth)

REALIZAÇÃO: Cecil B. de Mille, 1953 (EUA)

INTERPRETES: Cornel Wilder, Betty Hutton, Charlton Heston, Dorothy Lamour, Gloria Grahame, James Stewart, Henry Wilcoxon, etc..

DISTRIBUIÇÃO: Sonoro Filmes

ESTREIA (cópia nova): Cinema Berna (10.4.1973)

TÍTULO: A GRANDE VALSA (The Great Waltz)

REALIZAÇÃO: Andrew L. Stone, 1972 (EUA)

INTERPRETES: Horst Buchholz, Mary Costa, Nigel Patrick, Yvonne Mitchell, Rossan Brasi

DISTRIBUIÇÃO: Filmes Castello Lopes

ESTREIA: Cinema Condes (12.4.1973)

A Ponte do Rio Kwai foi filme que fez época. E não só por causa da ária assobiada que o fim dos anos cinquenta divulgou em cheio. Não só por isso. Na verdade, a obra de David Lean colocava-se a um nível de espectacularidade pouco comum

na altura, para além do real interesse que dela se desprendia. David Lean era, nesse período, um técnico competentíssimo e um artista invulgarmente dotado para a análise psicológica de personagens. O seu **Breve Encontro** (1945) abriu-lhe as portas para uma reputação invejável e as adaptações de Dickens que se lhe seguiram comprovaram o profundo saber de Lean, que tão bem sabia mexer duas personagens no interior deserto de uma estação de caminhos de ferro, como os milhares de figurantes de **Oliver Twist** (1948) ou das **Grandes Esperanças** (1946). A Ponte do Rio Kwai confirmaria a aptidão do cineasta inglês, atirando-o para o domínio da superprodução de grandes espectáculos, durante alguns anos, se equilibrava com brio (**A Ponte do Rio Kwai** e **Lawrence da Arábia**), para depois decair lentamente no chorradinho melodramático (que vai do **Doutor Jivago** à **Filha de Ryan**).

A Ponte do Rio Kwai pertence, portanto, ao bom período e, quinze anos depois, conserva ainda uma frescura de tratamento e uma análise vigorosa de personagens. O impacto espectacular de 1957 perdeu-se certamente. Pelo menos esvaiu-se, na proporção directa das obras que depois dela escolheram a mesma via, com novas possibilidades. Mas a largueza da pintura, a disposição dos grupos humanos na tela de cinematópio, o emaranhado das relações humanas, o desenho discreto, mas preciso, das figuras principais, tudo isso se conserva, mantendo vivo o interesse da obra e o clima caótico de uma luta. Ao

que se acrescenta uma visão dramática da guerra, não através dos seus horrores (o que permitiria, como depois se viu, uma especulação nada inocente com a violência), mas a partir do cunho lúcido, primário e infantil, das suas convenções. Por isso se recomenda a reposição desta **Ponte**, apesar de algumas incoerências, hoje flagrantes, filmada no Ceilão e interpretada, de forma notável, por um belo conjunto de actores.

Se **A Ponte do Rio Kwai** conserva o que atrás se tentou explicar, **O Maior Espectáculo do Mundo**, de Cecil B. de Mille, nada guarda da voragem do tempo. Na verdade, o estilo garido e monumental de uma das últimas relíquias da fundação de Hollywood torna-se hoje perfeitamente insuportável. E, se ainda se poderá ver sem grande enfado o lado documental desta superprodução erguida em honra e louvor do circo, tudo quanto se relaciona com uma pretensa história sentimental ou detectivesca é invulgarmente intolerável. Da rivalidade entre trapezistas à boicotagem do show, tudo se passa a um nível de fotovelocidade deplorável.

Fotonovela, mas actualizada, é **A Grande Valsa**, uma realização igualmente espectacular de Andrew L. Stone, baseada na vida e obra de Johann Strauss. Também aqui se explora a rivalidade entre dois músicos (Strauss, pai e filho) e tudo não passa de um pretexto para mostrar Viena, o Danúbio, os grandes palácios, o luxo dos bailes, etc.. Como **história da Música**, qualquer quarto de hora com Vitorino de Almeida se mostra incomparável.

O PERONISMO EXPLICA-DO POR BOXE

Com o filme **«Golpes Baixos»**, do argentino Mário Sabato, começa a 1 de Maio, na televisão italiana (RAI), o ciclo **«A América Latina Vista Pelos Seus Directores Cinematográficos»**, constituído por seis películas.

«Golpes Baixos» conta a história de um pugilista argentino (que existiu realmente e se chamava Gatica) e através da película o realizador Mário Sabato tenta explicar o fenómeno peronista.

Os outros filmes do ciclo são: **«A Conjura»**, do brasileiro Joaquim Pedro de Andrade; **«A Noite de S. João»**, do boliviano Jorge Sanguines (premiado no último Festival de Berlim); **«Em Busca de Maria»**, do brasileiro Gustavo Dahl; **«O Familiar»**, do argentino Octavio Getino; e **«Ninguém Diz Nada»**, do chileno Ruiz.

CO-PRODUÇÃO COLOMBO-ESPANHOLA

Um filme ecolombo-espanhol será rodado e produzido na Colômbia sob o título **«Quando a Morte Cavalga»** — foi anunciado oficialmente em Bogotá.

A sociedade colombo-espanhola, que funciona nesta capi-

tal, anunciou que a película «será uma verdadeira surpresa pela sua qualidade artística e filmica, além de se converter numa verdadeira plataforma para levar aos ecrãs mundiais os cenários naturais colombianos».

As filmagens, de 30 dias, começam hoje na cidade de Villavicencio, capital do departamento de Meta, e nelas intervêm como actores especiais Aldo Sanbrell, o modelo espanhol Candice Key, a actriz alemã Candice Schubert e a colombiana Rebeca Lopez. Esta última ganhou o prémio «Ondas», con-

Eduardo Fajardo.

A película terá guião de Enríque Lopez e será dirigida por Aldo Sanbrell e o seu custo será de 500 000 dólares, aproximadamente.

EM PORTUGAL

SEMANA DE CINEMA NO INSTITUTO ALEMÃO

Nos dias 4, 16 e 8 do próximo mês decorre no Instituto Alemão mais uma semana de cinema. Serão exibidos os filmes: **«Apelo da Natureza Selvagem»**, de Heinz Sielmann, no dia 4, pelas 18 e 30 e às 21 e 30; **«Prodígio Económico»**, de Kurt Hoffmann, no dia 16, também às 18 e 30 e às 21 e 30; e **«Fata Morgana»**, um filme rodado no Sahara: uma versão da história da criação do mundo baseado em mitos antigos. Realização de Werner Herzog.

«DESERTO VERMELHO» NO IMPÉRIO

As 8 e 30 de hoje exhibe-se no cinema Império o filme de Antonioni **«Deserto Vermelho»**.



cedido no ano passado. Também intervêm, com papéis importantes, Fernando Sancho e

Caruso homenageado

NÁPOLES, ITÁLIA — As mais belas árias e romanzas de óperas que o tenor italiano Enrico Caruso interpretou na sua carreira fizeram parte do programa do grande concerto comemorativo do centenário do nascimento do cantor, que se realizou no teatro «San Carlo», em espectáculo de gala a favor

da Cruz Vermelha.

Participaram na representação os melhores tenores actuais: Mario Del Monaco, Plácido Domingo, Nicolai Gedda, Luciano Pavarotti, Ferruccio Gagliardini, Allan Vanzo e Vladimir Atlantov. Cada um interpretou duas árias, bem como uma canção napolitana.

"Domingo à Noite"

Gerard Leo Norman é a estrela convidada para o **«Domingo à Noite»** que hoje se gravará no palco do Maria Matos. Da parte nacional constam os nomes de Artur Garcia, Gabriel Cardoso e o duo «Ela», todos integrados no concurso «Nossos Artistas, Nossas Canções», o Trio Pro-Arte, que interpretará

obras de música erudita e, nas «variedades», o duo «Ouro Negro», Vitória Maria, Cidália Moreira, Vittorio Santos e o ballet habitual, para além das rábulas de Florbela e Norberto. Os acompanhamentos estão a cargo do conjunto de Thilo Krasemann.

Música & Bailado

«SCHOLA CANTHORUM»

— Hoje, pelas 16 e 30, no Auditório Dois da Gulbenkian e sob a direcção de J. Augusto Alegria, exibir-se-á a **«Schola Cantorum Polyphonia»**, que interpretará obras de Francisco Martins, Frei Manuel Cardoso, Diogo Dias Melgás, Lopes Morago, Tomás de Victória e João Lourenço Rebelo.

O GRUPO DE ANNA MASCOLO NOS LUIZ

Nos próximos 4, 5, 6, 7, 8 e 9 de Maio vão realizar-se, no Teatro Municipal, de S. Luiz, espectáculos pelo Grupo de Bailados de Anna Mascolo, com o qual colaboram os bailarinos Tessa Beaumont, Josette Amiel, Gilda Fellard, Juan Giuliano e Robert Bestonso.

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

MAIO DE 1973 ■ Dias 4, 7 e 9 às 21,45 ■ Dias 5, 6 e 8 às 18,30 h.

grupo de bailado de anna mascolo

DIRECÇÃO DE ANNA MASCOLO

COM

JOSETTE AMIEL • TESSA BEAUMONT
ROBERT BESTONSO • JUAN GIULIANO

E

MARTINE CHAUMETE • GILDA FALLARD

BILHETES A VENDA

PREÇOS POPULARES, A PARTIR DE 20\$00

DESCONTO DE 50% AOS JOVENS ATÉ 21 ANOS (EXCEPTO NA ESTREIA)

TARDES: GRUPO A — M/6 ANOS

NOITES: GRUPO B — M/10 ANOS

VÁ AO TEATRO!!!

VASCO MORGADO recomenda os seus espectáculos

TEATRO Tel. 32 60 17

VARIEDADES

38.ª SEMANA

Grupo C M/ 14 anos

com **JOSÉ VIANA**

no protagonista

UMA EXCELENÇA O VENTURA

com

DORA LEAL (revelação da temporada 72-73), Henrique Viana, Luís Santos, Manuela Cassola, Rita Nobre, Vítor de Sousa, Luís Pinhão, Cândido Mota, Carlos Rosa, Joaquim Miranda, António Semente, Ana Le Matre, Jorge Nascimento e a colaboração de MARIA PAULA

Todas as noites: 21.45 h.

4.ª feira excepcionalmente descanso da companhia

Sábado: 2 sessões: 20.45 e 23 h.

Domingos: 16 e 21.45 h.

TEATRO Tel. 86 47 56

LAURA ALVES

RUA DA PALMA

Hoje: As 21.45

Grupo C M/ 14 anos

O PRÍNCIPE E A CRISTINA

(por ordem de entrada em cena)

Costa Ferreira, Marília Gama, Amílcar Botica, Jacinto Ramos, José Carlos, M.ª Helena Mattos, Beatriz Vaz, Madalena Braga, Adelaide João, Leonor Pereira, Luís Mata, José Braz

2.ª feira, descanso da C.ª

ÚLTIMOS DIAS

TEATRO Tel. 32 74 93

CAPITÓLIO

18.ª SEMANA

Grupo D M/ 18 anos

Uma comédia inglesa com FLORBELA QUEIRÓS

SEXO NUNCA É SOMOS BRITÂNICOS

No elenco: IRENE FIDRO, Carlos Duarte, Jorge de Sousa Costa, Norberto de Sousa, Fernanda Franco, Mariano, Fátima Miranda e, pela primeira vez em comédia, OCTAVIO FÉ MATOS

Todas as noites: 21.45 h.

4.ª feira, descanso da C.ª

SABADOS, 2 SESSOES: 20.45 e 23 H.

DOMINGO DE PASCOA: «Matinée» às 16 horas e à noite 2 sessões, 20.45 e 23 horas

BREVEMENTE: «O DIA EM QUE RAPTARAM O PAPÁ» um novo estilo de comédia — M/ 14 anos

DL/GERAL

Director do Centro de Informação e Turismo de Moçambique

LOURENÇO MARQUES — (L) — Foi nomeado Director adjunto do Centro de Informação e Turismo de Moçambique o dr. José Rebelo Bastos. Radicado há dezenas de anos nesta Província o novo Director Adjunto do C. I. T. de-

sempenhou já funções de destaque tanto no sector do Ensino como no da Informação, sendo conhecedor profundo da vida e problemas deste Estado. O dr. Rebelo Bastos exercia presentemente o cargo de Che-

fe do Gabinete de Imprensa do Governo Geral, indo com esta nomeação ocupar pela primeira vez o lugar de Director Adjunto do C. I. T., cargo criado pelo decreto 170/70 mas que ainda não fora provido.

ROTÁRIOS DO BRASIL

Com a presença de numerosos portugueses e brasileiros radicados em Portugal, e ainda de cerca de 400 rotários do Brasil que expressamente se deslocaram ao nosso país, efectuou-se a habitual reunião semanal do Rotary Clube de Lisboa, a que presidiu o eng. Hélio Paulino Pereira. Usaram

da palavra, o dr. Agelo de Almeida Ribeiro, bastonário da Ordem dos Advogados e presidente do Comité Rotário Lusobrasileiro, e o dr. Alberto Pires Amarante, antigo governador rotário do Brasil, tendo ambos feito referência aos laços de amizade entre os dois povos e à recente criação da

dupla nacionalidade.

Ao fim do dia houve uma prova de produtos portugueses no Restaurante Panorâmico de Monsanto, a que esteve presente o presidente da Câmara Municipal de Lisboa, seguindo-se a exibição de números do folclore português.

COLISEU

HOJE, às 21,30 h.
(Grupo B — 10 anos)
SÓ ATÉ DOMINGO
Últimos dias
CIRCO DA PÁSCOA
Um grande espectáculo circense

— A MANHÃ —
A tarde, às 16 horas, entrada gratuita às crianças dos 6 aos 10 anos
Todas as noites, às 21.30
BILHETES À VENDA

NOTARIADO PORTUGUÊS

SEXTO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

RUA RODRIGO DA FONSECA, 78-1.º, DT.º, LISBOA

NOTÁRIO LIC. ANTÓNIO M. GONÇALVES SALDANHA

Certifico para efeitos de publicação que, por escritura de 21 de Fevereiro de 1973, lavrada de folhas 35, verso e folhas 37 do livro para escrituras diversas deste Cartório C-28, foi constituída entre António Afonso, e Manuel Afonso Fernandes, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

PRIMEIRO: — A sociedade adopta a firma «ANTÓNIO AFONSO, LIMITADA», tem a sua sede na Avenida Ivens, números vinte e cinco e vinte e seis, no Dafundo, freguesia de Carnaxide, concelho de Oeiras, a sua duração é por tempo indeterminado, contando-se o seu início a partir de hoje.

SEGUNDO: — O objecto social consiste no comércio de vinhos, carv. a. r. a, comidas e tabacos, podendo no entanto dedicar-se a qualquer outro ramo de comércio ou indústria, que seja permitido por lei.

TERCEIRO: — O capital social é de cinquenta mil escudos, integralmente realizado, em dinheiro, dividido em duas quotas iguais, de vinte e cinco mil escudos, uma de cada sócio.

QUARTO: — A gerência da sociedade fica a cargo de ambos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, com dispensa de caução, e com ou sem remuneração, conforme for estabelecido em assembleia geral.

— **Parágrafo Primeiro:** — Para que a sociedade se considere válidamente obrigada e representada em todos os seus actos e contratos, bastará a assinatura de qualquer dos gerentes.

— **Parágrafo Segundo:** — Os gerentes poderão delegar, por meio de procuração, em quem entenderem todas ou parte dos seus poderes de gerência.

QUINTO: — A cessão de quotas entre sócios é livremente permitida, mas a favor de estranhos fica dependente do consentimento da sociedade, em primeiro lugar, e dos sócios não cedentes, em segundo lugar.

SEXTO: — A sociedade só se dissolverá nos casos legais, e no caso de falecimento ou interdição de qualquer dos sócios, os seus herdeiros continuarão na sociedade e, escolherão um, de entre todos, que os representem na sociedade, enquanto a quota se manter indevida.

SÉTIMO: — Nos casos omissos regularão as disposições da lei em vigor.

— É certidão de narrativa que val conforme ao original.

Lisboa, dezasseis de Março de mil novecentos setenta e três.

O Ajudante:

Maria Felecíssima Meneses

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Pinto e Leite, Ld.º
— «Papelaria e Novidades» —
CARAMULO

Por fora, o seu carro.



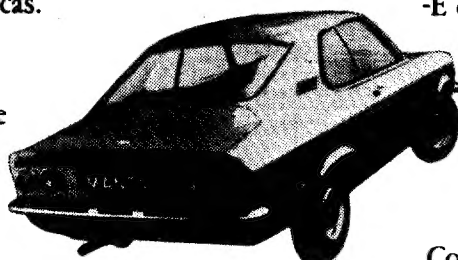
Por dentro, o carro dos seus.



Opel Manta

O homem moderno divide-se em dois... Um, é o homem dinâmico e de bom gosto, que deseja um carro desportivo, individual, um carro que marca a sua passagem. Outro, é o pai de família, o homem que gosta de viajar com a esposa e os filhos e toda a bagagem. Para esses dois homens existe um carro: o Opel Manta. E, aqui estão as razões:

- Linhas modernas e aerodinâmicas.
- Ampla área envidraçada
- Visibilidade panorâmica.
- Espaço para cinco pessoas.
- Porta-bagagens com capacidade total de 575 LTS.
- Bancos dianteiros inteiramente reclináveis.
- Aquecimento e ventilação sem correntes de ar.



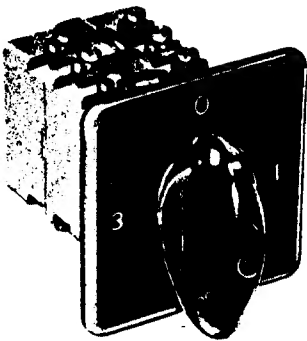
- Consola com cinzeiro e isqueiro.
- Painel de instrumentos almofadado, luxuoso e prático.
- Porta-luvas com fecho.
- Carroçaria monobloco de aço, com zonas de segurança à frente e atrás.
- Travões de disco, à frente assistidos por servo-freio e de polias atrás.
- E como se tudo isto não fosse suficiente, este carro também se apresenta em duas versões: O Manta 1600S e o Manta 1900 L.
- O primeiro vem equipado com o motor Opel de 92 HP e com pneus 165 SR 13.
- O segundo é impulsionado pelo motor Opel de 102 HP, traz um conta-rotações no painel de instrumentos, e roda sobre pneus 185/70 HR 13.
- Para escolher o seu Manta, basta visitar o Concessionário Opel mais próximo.

Opel. Sempre mais carro pelo seu dinheiro.

DI/GERAL

COMUTADORES

E INTERRUPTORES ROTATIVOS



J.F.
J.E. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª, Lda

TEL. 654165 * LISBOA



DESENHOS DE JÚLIO

E inaugurada amanhã, às 22 horas, na Galeria S. Mamede, uma exposição sobre os «50 anos de desenho» do artista Júlio.

CARLOS RAMOS NA S.N.B.A.

Na Sociedade Nacional de Belas-Artes, está patente ao público, até 3 de Maio, uma exposição de pintura de Carlos Ramos.

LITOGRAFIAS DE HARTUNG

De hoje a 5 de Maio, está aberta ao público, na Galeria de S. Francisco, uma exposição de litografias do artista Hans Hartung, que pode ser vi-



Camila Loureiro junto de um dos seus quadros.

sitada das 10 às 13 e das 15 às 19 horas.

GRAVURAS DE CAMILA LOUREIRO

Dezassete gravuras da artista Camila Loureiro estão actualmente expostas na galeria de arte do Csino Estoril. Representada em diversas

coleções nacionais (entre as quais figuram a da Fundação Calouste Gulbenkian) e estrangeiras (Alemanha, África do Sul, Austrália, Bolívia, Brasil, Espanha, E.U.A., Inglaterra, Iraque, Itália, Japão e Malawi) a artista reúne, neste certame, algumas obras de inegável mérito.

Casa do Concelho de Góis

Em assembleia geral realizada na sua sede, a Casa do Concelho de Góis elegeu os corpos-gerentes para o corrente ano. São presidentes, da assembleia geral, dr. Alfredo Simões Travassos; da direcção, eng. José Rui Neves Cortez; do conselho fiscal, dr. José Maria Neves da Silva Pólares; e do conselho regional, prof. eng. Carlos Manuel Leitão Baeta Neves.

PARA ESCRITÓRIOS DE CATEGORIA E HABITAÇÕES MODERNAS AOS COMERCIANTES E PARTICULARES

MOBILIÁRIO EM AÇO E MÁQUINAS PARA ESCRITÓRIO

MOBILIÁRIO DE SALA (para escritório e habitação)

ESTOFOS, DECORAÇÕES, MOBILIÁRIO ESCOLAR E DE DESANHADOR, ELECTRODOMÉSTICOS, CANDEIROS, QUADROS, ARTESANATO E RESTANTE GAMA DE REPRESENTAÇÕES DE

ARTIGO NOVO DE ALTA CLASSE

IMPORTANTE

LEILÃO

Amanhã, 5.ª-feira, das 15 às 19 e das 21 às 24 h.

Av. Casal Ribeiro, 17-B (Estefânia-Saldanha)

Venderemos PELA MAIOR OFERTA E SEM QUALQUER BASE DE LICITAÇÃO

EXPOSIÇÃO AMANHÃ DAS 10 AS 13 HORAS PARA ESTA INVULGAR ALMOEDA FOI PREFERIDA A



SOC. DE LEILÕES
AV. DUQUE DE LOULF 1191
Telfs. P.P.C. (9 li.-has)
532929 51478 532446

AFRAFILHOS, Lda



SLOT MACHINES - SALA DE JOGOS
ACESSO LIVRE A MAIORES DE 21 ANOS * TODOS OS DIAS DAS 15 AS 3 HORAS



THE KOOKIES

VEDETAS DA RADIO E DA TV INGLESA

GERO MARON

ILUSÃO E FANTASIA

LÍDIA RIBEIRO

com RAUL SILVA e NOBRE COSTA

SYDNEY SET

ORPHEU'S QUARTET

FERRER TRINDADE e sua orquestra

SANDY STEWART

SÓ NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE ÀS 23,30 H.

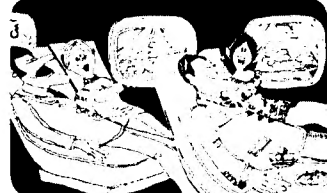
Grupo C/ Maiores de 14 anos

NO WONDER BAR À 1,0 H. Maiores de 21 anos

O Salão Restaurante está reservado nos dias 27, 28, 29 e 30, por motivo da eleição de «Miss Portugal», pelo que os clientes habituais naqueles dias, serão servidos no «Wonder-Bar», onde os «shows» começam às 23 e 30 e 1 e 15.

viagens IT

PARA AS SUAS FÉRIAS OU VIAGENS DE NEGÓCIOS



Partidas de avião, durante todo o ano, de Lisboa, Porto, Faro, Funchal.

VIAGENS DE 7 DIAS (diárias)
VIAGENS DE FIM DE SEMANA
(4 dias) partidas semanais.

?

OS NOSSOS PROGRAMAS
ABRANGEM OS MAIS VARIADOS DESTINOS E ITINERÁRIOS, PARA QUALQUER CIDADE DO MUNDO.

Acomodação em bons hotéis, com pequeno almoço. VISITAS DE CIDADE.

PEÇA-NOS BROCHURA INFORMATIVA

PAGUE SUAVEMENTE COM O CREDI-STAR

STAR
A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
Lisboa - Estoril - Porto - Faro - Funchal - Luanda

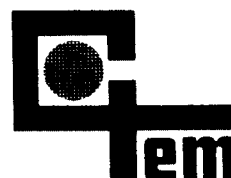
AGORA PODE COMUNICAR CONNOSCO PELOS TELEFONES

610152

614391/2/3

INICIAMOS A NOSSA ACTIVIDADE HÁ TRÊS MESES EM COLABORAÇÃO COM AS NOSSAS ASSOCIADAS

- ALUEMBA - Embalagens e Artigos Metálicos, S.A.R.L.
- FÁBRICA DE PLÁSTICOS RUY D'OREY, S.A.R.L.
- CHAMBON, LDA.



COMERCIALIZAÇÃO E TÉCNICA DE EMBALAGEM, S.A.R.L.

SECTORES DE

- Venda de equipamento de embalagem.
- Estudo e venda de processos completos de embalagem.
- Venda de uma completa gama de materiais de embalagem, destacando-se os produzidos pelas nossas associadas:
 - embalagens rígidas de alumínio (bombas aerosol, frascos, tubos e pratos);
 - materiais flexíveis (filmes plásticos, papéis, folha de alumínio e complexos);
 - cartonagens;
 - rótulos.

COTEM • AVENIDA D. VASCO DA GAMA, 39-A • LISBOA 3

DL/GERAL

ORA DIGA-NOS

ACHA CARO IR AO CINEMA?

Os bilhetes de cinema vão voltar ao que eram há um ano, quer dizer: reduzem o preço numa média de 2\$50, mas continuam muito caros para a generalidade das pessoas. A medida limitativa foi anunciada ontem pela Secretaria de Estado do Comércio, mas não se trata ainda de um verdadeiro tabelamento.

Que o cinema não é um produto de primeira necessidade, que o digam os milhares de portugueses que nunca olharam para uma tela, e os milhares de outros que terão visto um filme ou dois em toda a vida. Nas cidades, o cinema, em concorrência com a televisão e os espectáculos desportivos, é um dos principais hábitos de ocupação do tempo livre. Para faixas mais estreitas da população, o filme é um produto de consumo sumptuário ou, no extremo oposto, a satisfação duma necessidade cultural.

Mas como hábito ou necessidade habitual de largas massas urbanas, a ida ao cinema não pode estar condicionada pelo arbítrio de distribuidores e exibidores, que num curtíssimo prazo aumentaram os preços em mais de 10 por cento. Preços que desde há dez anos entraram numa subida vertiginosa. Lembremos os 7\$50 nas tardes de semana do Tivoli (2.º balcão)...

O aumento de encargos dos exibidores (subida dos preços de origem, reforço dos impostos, crescimento dos salários), não terá justificado o «boom» dos bilhetes, é o que se deduz do despacho governamental.

Por outro lado, o facto dos bilhetes serem e continuarem caros conveja a maioria dos espectadores habituais num nível de rendimentos em que não constituirá grande diferença a subida ou a descida para mais ou menos vinte e cinco tostões. É que ir ao cinema «uma vez por outra», sem olhar muito ao preço, continua a pensar-se como uma «extravagância», mesmo entre os «habitues»... e os donos do cinema bem o sabem.

CINE CLUBES, SESSÕES POPULARES...

«Os cine clubes seriam uma solução, se não existissem tão condicionados», diz José Ma-

nuel Ramos Baeta, profissional de seguros, de 21 anos, que «adora o cinema» e nunca deixou de lá ir por causa dos preços dos bilhetes. É um grande frequentador: três a quatro vezes por semana. Por isso mesmo acha que «as pessoas deviam

OS 50 POR CENTO DE REDUÇÃO PARA OS ESTUDANTES...

«Muito ocupada», a dr.ª Noémia de Matos disse-nos depois «o preço dos bilhetes não faz muita diferença porque vou

cial, por nenhum tipo de filmes.

UMA VEZ POR SEMANA, DUAS...

«Gosto de filmes históricos e de cow-boys» disse-nos o sr. Diamantino do Carmo Caetano, de 66 anos, comerciante e industrial. Vai indiferentemente aos cinemas de estreia e de reprise, uma ou duas vezes por semana. «Considero que o preço dos bilhetes é exagerado para o actual nível da programação, mas, enfim, não deixei de ir ao cinema por causa dos preços serem cada vez mais altos. Se vão ser reduzidos, tanto melhor...»

Vai ao cinema sempre com a sua esposa. Apresentamos-lhe uma conta: duas entradas, uma vez por semana, fica no mínimo em 240\$00 por mês, calculando por baixo. «É caro, pois é, mas não deixamos de ir...»

ESPERO PELAS REPRISES E NO 2.º BALÇÃO

«Era para ir ao Último a Rir. Quando vi que os bilhetes eram a 40 escudos, não entrei, estou à espera que apareça numa sala de reprise».

Você não viu O Último a Rir? — perguntou, espantado, abusando da reportagem, o «Diário de Lisboa». «Não vi ainda», respondeu Ana Maria Alves, estudante de Letras, de 22 anos. «É um facto, tenho ido menos ao cinema desde que os bilhetes estão assim. Vou às reprises. Vi Cabaré na reprise. E vou para o segundo balcão quase sempre».

Vê-se bem do segundo balcão? — perguntou, abusando, o «Diário de Lisboa», que é da plateia, quarta fila. «Vê-se o mesmo», respondeu a interlocutora, perdendo a convicção. Vai, às vezes, às sessões do Católico, que são a 20\$00, mas não é sócia de nenhum cine clube. «O aumento dos bilhetes, o o tabelamento agora? Como o custo de vida sobe, sobe tudo, devem pensar que somos todos ricos! Eu acho que os cinemas ganhavam mais se pusessem os bilhetes mais baratos. E, já que são caros, que exibissem melhores filmes mais vezes, porque o nível da programação não subiu...»

O Perdido por Cem... «vejo-o na reprise, se houver, quando houver... se fosse a vinte escudos já tinha ido».



fazer um certo boicote ao cinema de modo a que os exibidores baixassem os preços». Considera que «a programação não melhorou desde que os preços subiram, embora os melhores filmes apareçam nos estúdios, que são precisamente as salas mais caras».

Ramos Baeta, que na semana passada viu o «Perdido por Cem»... e não deu o dinheiro por mal empregado, diz que «não interessa fazer cinema para uma «élite», mas é isso mesmo que acaba por suceder: os quarenta escudos por lugar que já se pagam em Lisboa são metade do salário dum dia de trabalho dum operário. Deviam organizar-se sessões populares a preços populares. E talvez fosse possível fixar em vinte ou vinte e cinco escudos o preço máximo dos bilhetes».

muito irregularmente ao cinema». Professora do liceu, o facto de ser bom para quem estuda francês, por exemplo, ver e ouvir filmes franceses (é a sua opinião), faz apenas ressaltar a sua ilusão — tomara que fosse verdade — de que os cinemas concedem 50 por cento de desconto aos estudantes. Não concedem desconto nenhum, que também se sabe que os estudantes não são pobres por definição...

«Não acho exagerado os preços dos bilhetes, porque o custo de vida aumenta e o cinema também deve ter os seus encargos. E o cinema, não se pode dizer que seja uma coisa essencial, pode passar-se sem ele se a vida correr mal...» prosseguiu a nossa entrevistada, que vai frequentemente ao estrangeiro e não tem preferência, em espe-

Uma "Semana Portuguesa" em Barcelona

BARCELONA — Organizada pela Secretaria de Estado, Portuguesa, de Informação e Turismo, com a estreita cooperação da Fundação Gulbenkian, inicia-se em Barcelona a «Semana Portuguesa» com a inauguração, no «Palácio de La Virreina», da exposição «Pintura Portuguesa de Hoy: Abstractos e neofigurativos», organizada por João Rocha de Sousa, pela Sociedade Nacional de Belas-Artes, de Lisboa, Rui Mário Gonçalves, pela secção portuguesa da Associação Internacional de Críticos de Arte, Francisco D'Ávil, pela Secretaria de Estado da Informação e Turismo, e Artur Nobre de Gusmão, José Aleixo da França Ribeiro e Fernando de Azevedo, pela Fundação Gulbenkian.

Rui Mário Gonçalves prefacia o catálogo da exposição, que inclui trabalhos de Amadeo de Sousa-Cardoso, Joaquim Rodrigo, Júlio Resende, Nadir Afonso, Sá Nogueira, Fernando de Azevedo, Mário Cesariny, Fernando Lanhas, Alice Jorge, António Charrua, Vespereira, Artur Bual, Menez, Júlio Pomar, Cargaleiro, Carlos Calvet, Nuno de Siqueira, Lurdes Castro, Jorge Pinheiro, Nikias Skapinakis, Eurico Gonçalves, Eduardo Luis, Costa Pinheiro, António Areal, Helena Almeida, José Escada, Cruz Filipe, João Vieira, René Bertholo, Paula Rego, Maria Velez, Manuel Baptista, Gil Teixeira Lopes, Eduardo Nery, Angelo de Sousa, Rocha de Sousa, Alvaro Lapa, Justino Alves, Jorge Martins, António Sena, Noronha da Costa, Vítor Fortes, António Mendes, António Palolo, Fátima Vaz e Fernando Calhau.

O Teatro Experimental de Cascais apresentou o «Auto da Índia», de Gil Vicente e a «Fuenteovejuna» de Lope de Vega. Esta companhia, dirigida

pelo encenador Carlos Avilez, traz no seu elenco, entre outros, Eunice Muñoz, Zita Duarte, Maria Albergaria, Isabel de Castro, Santos Manuel, João Vasco, Alina Vaz e Agueda Sena.

No programa da semana incluí-se, ainda, outro espectáculo pelo Teatro Experimental de Cascais, com «Ivone, Princesa de Borgonha», de Gombrovicz, na capela do antigo Hospital de Santa Cruz, que se realiza hoje.

Será exibido, também no palácio dos Congressos, um filme português de 1936, «A Canção da Terra», de Jorge Brun do Canto, película que o respectivo programa apresenta como «uma das obras mais belas, mais sérias e mais dignas do cinema português».

Para assistir aos diferentes actos da «Semana Portuguesa» deslocou-se expressamente a Barcelona o director geral da Cultura Popular e Espectáculos da SEIT, dr. Caetano de Carvalho, e é aguardado aqui, no dia 27, com o presidente da Fundação Gulbenkian e com a senhora de Azeredo Perdigão, o Secretário de Estado da Informação e Turismo, dr. Moreira Baptista, em honra de quem as autoridades de Barcelona — o capitão-general da Catalunha, o governador da província, o presidente da Deputação Provincial e o alcaide-presidente de Barcelona — oferecem na própria sexta-feira um banquete, que o dr. Moreira Baptista retribui com um almoço no sábado.

A «Semana Portuguesa» encerra-se com uma corrida de toiros à antiga portuguesa na Monumental de Barcelona, a que devem assistir, especialmente convidados, os oficiais, cadetes e tripulantes do navio-escola brasileiro «Custódio de Mello», nesse dia surto no porto.

O RENDIMENTO FAMILIAR SUBIU 7% EM PORTUGAL

NAÇÕES UNIDAS (Genebra) — (F.P.) — A Jugoslávia é detentora do máximo (15,6 por cento) europeu do aumento dos preços de retalho e a URSS da baixa, revelam as últimas estatísticas publicadas em Genebra pela Comissão Eco-

nómica para a Europa. Quanto aos rendimentos reais das famílias, subiram por toda a parte, excepto na Suíça, onde descenderam 2 por cento. A subida em Espanha foi de 7,80 e em Portugal de 7 por cento.

Romagem a Belmonte

Santarém recebeu a romagem dedicada a Álvares Cabral

SANTARÉM - 25 - Promovida pela TAP, em colaboração com a Casa das Beiras, efectua-se amanhã a 11.ª romagem à histórica vila de Belmonte, que foi a terra natal de Pedro Álvares Cabral. A cerimónia, que já se tornou tradicional, comemora a primeira missa de acção de graças celebrada em terras de Santa Cruz - faz amanhã, precisamente, quatrocentos e setenta e três anos — por Frei Henrique de Coimbra, capelão da Armada de Cabral, cujos restos repousam na igreja manuelina de Olivença.

Feita a concentração dos participantes da romagem na estação de Santa Apolónia, o comboio especial pôs-se em marcha às 14 e 20, com destino à Guarda. Entre os setenta convidados destacava-se a presença do embaixador do Brasil, do representante dos minis-

terios dos Negócios Estrangeiros e da Marinha, do Elos Clube e da Casa das Beiras, do delegado da Confederação Brasileira dos Desportos, etc.

No mesmo comboio seguiram também viagem, além do eng. Vaz Pinto, presidente do conselho de administração da TAP, dr. Carlos Maia Malta, chefe do departamento das relações públicas daquela empresa de aviação, e da assistente D. Beatriz Pinto Teixeira, duas crianças, alunas da escola primária de Porto Seguro, Joaquim da Silva Almeida e Maria da Conceição Alvim Julião acompanhadas da sua professora, D. Ténia Ferreira Matos e outras tantas de Belmonte, Maria Delgado Lino e José Manuel Furtado, as quais este ano beneficiaram do prémio Pedro Álvares Cabral instituído há anos pela TAP, em homena-

gem ao grande navegador.

O comboio teve a sua primeira paragem em Santarém, onde era aguardado por muitas individualidades, entre as quais se viam o presidente e vice-presidente do município, vereadores e representantes do Governador Civil do distrito e do vigário-geral desta cidade. Terminada a sessão solene de boas-vindas, efectuada no salão nobre dos Paços do Concelho, os visitantes dirigiram-se para a igreja da Graça, onde sobre o túmulo do grande navegador foram depositos ramos de flores pelos representantes da TAP, da embaixada do Brasil da Casa das Beiras e do Elos Clube, assim como no seu monumento.

Em seguida, os romeiros embarcaram novamente no comboio especial em direcção à Guarda.

CONHEÇA O ULTRAMAR CRUZEIROS AÉREOS A ANGOLA

Promovidos e subsidiados pela AGÊNCIA-GERAL DO ULTRAMAR e pelo ESTADO DE ANGOLA.

— 3 a 18 de Junho

— 8 a 23 de Julho

15 dias em Angola, incluindo viagens, hotéis (pensão completa) e excursões — 11 500\$00.

Inscreva-se IMEDIATAMENTE.

INFORMAÇÕES: Agência-Geral do Ultramar
Av. Ilha da Madalra — Lisboa

DL/NACIONAL

Recorde na emigração para a Alemanha

Sobe a 8 400 o número de emigrantes saídos desde Janeiro

A saída de emigrantes para a Alemanha avolumou-se nestes primeiros quatro meses do corrente ano. Segundo números colhidos por nós nos Serviços de Emigração daquele país, situados na Rua Conde Redondo, em Lisboa, já vai em

8400 o total de pessoas que desde o dia 1 de Janeiro próximo passado, ontem, abandonaram Portugal com carta de chamada e contrato de trabalho para empresas alemãs. Se pensarmos que durante todo o ano de 1972, as cifras de emi-

gração para a Alemanha não foram além de 14.200 saídas (com aproximadamente 7000 saídas no primeiro semestre), facilmente se verifica que este ano o mercado alemão está a intensificar a procura de mão-de-obra, aumentando o volume dos contingentes de emigrantes, não só de portugueses como de outros países, mormente da Turquia, Espanha, Itália e Jugoslávia.

Trabalhando em coordenação com o Serviço Nacional de Emprego e com o Secretariado Nacional da Emigração, o Instituto Federal de Trabalho da Alemanha mantém a preferência pelos profissionais destes quatro ramos: metalurgia, construção civil, têxteis e hotelaria. Mas não deixam de receber outras profissões, inclusivamente agricultores e operários ligados à indústria madeireira.

Como o transporte por comboio se torna, segundo o próprio Instituto Federal de Trabalho da Alemanha, incómodo, demorado e trágilongo, vão inaugurar-se, a partir do dia 9



Longas bichas, durante todo o dia, à porta dos Serviços de Emigração da Embaixada da Alemanha em Lisboa, dizem da disposição de muita gente de mudar de vida.

de Maio, carreiras aéreas regulares e especiais para emigrantes, de Lisboa para a Alemanha, com serviços combinados que levarão rapidamente os trabalhadores portugueses para os seus pontos de destino em território alemão, ficando as passagens a cargo das empresas que os solicitam e do Instituto Federal de Trabalho. O primeiro avião com emigrantes, sairá no dia 9 de Maio, às 3 horas da madrugada, do aeroporto da Portela com destino a Hamburgo e na inauguração destas carreiras estará presente o presidente do F.F.T.

A grande maioria dos trabalhadores portugueses dirigem-se às fábricas do Rhur, Francfort e Estugarda. Mastambém se espalham pela Renânia-Vestfália, numa densa zona florestal, onde os seus serviços na indústria da madeira, são bastante úteis, assim como na Baixa Saxónia.

Na Alemanha encontram-se actualmente dois milhões e tal de trabalhadores estrangeiros, dos quais cerca de 70 mil são portugueses. Num recente inquérito levado a cabo pelo Instituto Federal de Trabalho Alemão, verificou-se que uns 10 por cento destes 70 mil portugueses desejam radicar-se em território germânico.

Falámos com muitos dos candidatos a emigrantes para a Alemanha que encontramos, ontem de manhã, nos Serviços de Emigração daquele país. Vêm de vários pontos — das Beiras, do Douro, da Estremadura, do Alentejo e do Algarve — ansiosos por conseguir um contrato que lhes dê a possibilidade de construir uma vida mais desafogada. Muitos deles já lá têm a família. Os

contratos são válidos por um ano durante o qual a empresa que receber o trabalhador não pode, sob qualquer pretexto, desobrigar-se do mesmo. Ao fim de um ano o trabalhador tem duas hipóteses: ou opta pela renovação do contrato por mais um ano na mesma empresa, ou é livre de escolher um novo patrão em qualquer parte do território alemão.



Amadeu Martins Pedro: «Já estou há oito anos na Alemanha, a trabalhar numa fábrica de rações para gado. E não quero outra vida».



José Fernando Encarnação Viegas, serralheiro civil: «Tenho fé de conseguir um bom contrato, que me permita levantar a cabeça».



«Eu sou pedreiro e pretendo melhorar a minha situação e da família. Nasci no Alentejo».



Diamantino Francisco: «Sou serralheiro e tenho trabalhado no campo. Vou ver se ganho por lá umas coraças que me tirem da pobreza».



Belvina José: «Vou ter com o meu marido, que se encontra em Francfort, a trabalhar na construção civil. Somos naturais de S. Tomé».

Preservação de madeiras com garantia

A SOPREM — Sociedade de Preservação de Madeiras, S.A.R.L. associou-se com a Companhia francesa Xylochimie S.A., filial do Grupo Rhône-Progil para a criação da Xilofene-Sociedade Portuguesa de Conservação de Materiais, Lda. com o principal objectivo de fabricação e venda em Portugal das suas especialidades no sector de Preservação de Madeiras.

A primeira iniciativa da Xilofene consistiu na criação de uma rede de Estações Licenciadas em todo o país que actuam sob o seu controle técnico rigoroso e onde a entidade que procede ao tratamento é simultaneamente responsável pelo produto e pelo método de aplicação.

As operações são feitas com produtos e equipamentos fornecidos e aprovados pela Sociedade XILOFENE e segundo as melhores normas técnicas.

Só são nomeadas empresas da maior idoneidade e que se comprometam a permitir uma fiscalização eficiente por parte da Sociedade XILOFENE.

Para maior garantia as madeiras tratadas nessas instalações e devidamente identificadas, ficam cobertas por um seguro da Companhia de Seguros La Préservatrice. Esse seguro responde por todos os prejuízos directos ou indirectos que resultarem de um mau tratamento. A cobertura vai até 5.000.000\$00 e envolve reparação ou substituição das peças atacadas, todos os trabalhos complementares necessários e, inclusivamente, acidentes pessoais que possam ocorrer pela perda de resistência de uma peça de madeira por ataque de carunchos ou podridões.

Neste momento encontram-se

já nomeadas cerca de 20 Estações Licenciadas, devendo a rede total estar terminada muito em breve com um número superior e que cobrirá todos os pontos do país onde a construção está activa, ou as zonas produtoras de madeiras de construção.

Desta forma, engenheiros, arquitectos construtores civis e o público em geral passam a ter a facilidade de poder exigir um tratamento rigoroso com a certeza de que ele será cumprido.

A XILOFENE indica com muito gosto a lista com o nome das estações licenciadas que incluem as melhores serrações e carpintarias que podem fornecer madeiras já tratadas e entidades independentes que se podem ocupar de madeiras para terceiros.

A preservação é feita com o XILOFENE SOR produto de grande poder fungicida e insecticida contendo dispersantes, penetrantes e estabilizadores que garantem um tratamento em profundidade e uma permanência em todas as zonas vulneráveis da madeira. Trata-se de um produto sem cor, com cheiro pouco pronunciado. As madeiras podem ser pintadas, envernizadas ou enceradas pouco tempo depois da preservação.

As madeiras tratadas com o XILOFENE SOR não sofrem quaisquer modificações físicas.

Os tratamentos efectuam-se em aparelhagem especial que garante o rigor de tratamento.

Para mais informações dirija-se à XILOFENE Sociedade Portuguesa de Conservação de Materiais, Lda., Rua Damasceno Monteiro, n.º 42, Lisboa, telefone n.º 871846.

em 3 linhas

Foi prorrogado até 25 de Junho o prazo para a abertura das propostas ao concurso público para fornecimento de uma bomba de cobalto ao Hospital do Ultramar.

///

A direcção da Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Vila Real é constituída por um presidente, um vice-presidente e quatro vogais efectivos e exonerados livremente pelo ministro das Corporações.

///

O capitão-tenente Luís Gonzaga Clemente dos Reis foi reconduzido no cargo de técnico-director do quadro

comum dos Serviços de Indústria de Angola.

///

Foi autorizado o Município de Sesimbra a aplicar na compra de um terreno para instalação do Ciclo Preparatório naquela vila a importância de 2800 contos, saldo do empréstimo contraído na Caixa Geral de Depósitos.

///

Vem na folha oficial (2.ª série, n.º 96) a lista provisória do concurso de admissão de consultores jurídicos de 2.ª classe do quadro da Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização.

///

O dr. José Eudardo Lima Pinto de Costa, chefe de serviço do Instituto de Medi-

cina Legal do Porto, foi nomeado professor da cadeira de Polícia Científica do Curso Superior de Medicina Legal.

///

Reassumiu as funções de juiz auditor da 2.ª Auditoria Fiscal junto da Alfândega de Lisboa o dr. Adriano Filipe de Sanches Afonso, antigo chefe do gabinete do secretário de Estado da Instrução e Cultura.

///

Está aberto concurso para provimento dos lugares de chefe da secretaria dos tribunais do Porto (1.ª Vara Cível), de Povoação e de Oleiros (Tribunal Municipal).

///

Foi constituída a sociedade G. T. P.-Gabinete Técnico de Publicidade, Lda., com sede em Lisboa e que

tem por objectivo produção e comercialização de serviços de publicidade e demais actividades afins.

///

Aprovada a planta parcelar relativa à construção da Escola Industrial e Comercial de Alcanena, é declarada de utilidade pública urgente a expropriação de parcelas descritas no «Diário do Governo» (2.ª série, n.º 96).

///

Por despacho do secretário de Estado do Trabalho e Previdência, foram aprovados os estatutos de constituição das Casas do Povo de Paranhos e Torralva, concelho de Seia, distrito da Guarda. Os novos organismos corporativos abrangem três freguesias e terão cerca de 3350 sócios, que passarão a estar integrados no sistema de Previdência Social.

o Fiat 128 é mais carro

Ponto por ponto, mais carro.

Dos travões de disco e servo-freio à suspensão independente.

Dos estofos em napa e tecido ao motor super quadrado.

Da tracção dianteira à árvore de cames à cabeça.

Da cambota de 5 apoios aos dispositivos de segurança.

Dos modelos de 2, 4 portas e Familiar aos pneus radiais de série.

Sempre mais carro. Ponto por ponto.

FIAT
128

Em exposição e venda na Fiat Portuguesa, S.A.R.L.

Av. Eng. Duarte Pacheco, 15 - Alameda D. Afonso Henriques, 60, Lisboa

e em toda a sua rede de Agentes.



Após a interrupção de alguns dias, começaram ontem — exactamente na data em que se celebrou o 3.º aniversário do julgamento — as audiências do quase interminável julgamento do caso da herança Sommer, que atingiu a 407.ª sessão.

Será este o julgamento mais longo da história universal? Pelo menos não há notícia de outro de igual duração.

Curiosamente, porém, só ao cabo dos 3 anos decorridos, parece que o público começa a compreender o que afinal está em causa no processo, e para essa compreensão muito têm contribuído as alegações dos representantes das partes: as do

acusador público, dr. Antero Monteiro Dinis, que pediu a absolvição do industrial António Champalimaud; as do dr. Eridano Abreu, advogado dos assistentes, que, naturalmente, pediu a condenação e, agora, as do dr. Palma Carlos, advogado do réu António Champalimaud.

O dr. Palma Carlos iniciou as suas alegações no dia 11 de Abril de 1973, acusando algumas altas personalidades do Ministério Público de haverem interferido ilegalmente no exercício do poder judicial, através de actos que considerou previstos na própria lei penal, que teriam levado a que o processo fosse retirado ao juízo competente.

O dr. Palma Carlos dirigiu também fortes ataques à Polícia Judiciária, acusando o inspector dr. Manuel Fernandes e o perito dr. José Francisco Viegas de participarem numa instrução preparatória que visou perseguir o seu constituinte.

A denúncia vigorosa feita pelo dr. Palma Carlos dos vícios e das influências que no seu entender conduziram à acusação do seu constituinte, terá provocado entre o público alguma perplexidade.

No entanto há quem sugira que o dr. Palma Carlos se limitou a levantar apenas uma pontinha do véu...

Que surpresas mais ainda nos reservará este complicado caso?

As alegações ontem produzidas pelo advogado da defesa versaram alguns aspectos técnicos relacionados com a herança de Henrique Araujo Sommer, nomeadamente o seu testamento e a célebre carta em que expressou algumas das suas últimas vontades.

Começou por afirmar: No prosseguimento da demonstração que me propus fazer a V. Ex.ªs da inevitabilidade do decretamento da absolvição de António Champalimaud, recordarei que na análise dos factos, já encetada, abordei na última sessão do julgamento o estu-

do das condições em que se encontravam as acções da Empresa de Cimentos de Leiria que Henrique Sommer deixara em contas solidárias com sua irmã D. Maria Luísa, no Banco Nacional Ultramarino, no Banco Espírito Santo e na Sociedade Sommer e C.ª, Ld.ª

HENRIQUE CHAMPALIMAUD: PORTA-VOZ DO DR. VIEGAS

A seguir, a propósito do depósito de acções que se encontrava em Sommer e C.ª, Ld.ª, comprovado por uma carta desta própria Sociedade dirigida ao advogado que tratou do processo de inventário de Henrique Sommer, dr. Octávio de Brito, carta assinada por Henrique Champalimaud na qualidade de gerente da firma, e na qual se teria verificado um erro ou lapso na identificação dos números de ordem das acções, disse o dr. Palma Carlos:

Como V. Ex.ªs estão recordados, já afirmei na última sessão que Henrique Champalimaud, quando prestou declarações em 5/2/66 perante o sr. inspector Manuel Fernandes, a respeito da carta de 18/8/44, dirigida por Sommer e C.ª Ld.ª ao dr. Octávio de Brito, foi um simples porta-voz do sr. dr. José Francisco Viegas.

Foi o dr. Viegas que depois — através da boca de Henrique Champalimaud.

A essa data, efectivamente, ainda não estava junto dos autos o relatório chamado pericial, e é evidente que mesmo olhando a carta de 18/8/44, e mesmo

olhando as relações anexas à mesma, teria sido impossível a Henrique Champalimaud produzir a afirmação que produziu: de que nas relações estavam incluídas 1000 acções que pertenciam a Sommer e C.ª, Ld.ª e não a Henrique Sommer.

Henrique Champalimaud, não tinha, necessariamente, de cor, os números de ordem dos títulos, nem de Sommer, nem de Henrique Sommer.

A não ser que Henrique Champalimaud soubesse perfeitamente, quando redigiu a carta, que tinha incluído 1000 acções de Sommer em vez de 1000 acções de Henrique Sommer...

CRISE FRANCA DE CARÁCTER

E para demonstrar que as acções de Henrique Sommer que estavam à guarda de Sommer e C.ª Ld.ª, se achavam depositadas em cofres alugados por esta firma ao Banco Nacional Ultramarino, acrescentou o causídico, servindo-se de afirmações dos próprios queixosos:

Mas, como disse e repito, existe outro argumento que demonstra que as acções da Empresa de Cimentos de Leiria pertencentes a Sommer e C.ª Ld.ª, se encontravam em 1944 — data da morte de Henrique Sommer — em cofres alugados no Banco Nacional Ultramarino.

Efectivamente, numa reunião do conselho da gerência de Sommer e C.ª Ld.ª de 6/8/57, Carlos Champalimaud dissera desconhecer o paradeiro de 46.836 acções da Empresa de Cimentos de Leiria, pertença de Sommer e C.ª Ld.ª

O CASO DA HERA

Henrique Champalimaud responder-lhe-ia:

«Não quero deixar passar em julgado, além do mais, a afirmação produzida pelo sócio-gerente sr. Carlos Champalimaud de que desconhecia o paradeiro de quarenta e seis mil oitocentas e trinta e seis acções da Empresa de Cimentos de Leiria. Está-se perante uma afirmação inacreditável, porque, ou se tem de pensar que o seu autor entrou em alívio e delirante estado de crise de memória, declarando ignorar conscientemente o que todos os sócios da Empresa sabem que ele próprio sabe, ou se terá, então de pensar que o sr. Carlos Champalimaud entrou em crise franca de carácter, percorrendo o caminho da mais gritante má-fé, para atingir fins inconfessáveis. De qualquer modo e sem me determinar, agora, sobre a qual das crises o terá assaltado, penso que sempre importará dizer, para que fique constando que essa afirmação carece de total e absoluto fundamento — E uma afirmação puramente gratuita, malévola e indigna, exactamente porque o mesmo senhor nunca ignorou que essas acções sempre se encontraram no mesmo cofre onde vêm sendo guardadas já desde a época anterior à entrada para a Sociedade de todos os presentes nesta reunião, sem prejuízo da sua utilização para efeitos do exercício tempestivo dos direitos correspondentes.»

Portanto, Henrique Champalimaud afirmou nesta reunião claramente que as acções pertencentes a Sommer e C.ª Ld.ª se encontravam na data da reunião — 6/8/57 — «no mesmo cofre onde vêm sendo guardadas já desde a época anterior à entrada para a Sociedade de todos os presentes nessa reunião».

Ora, se tivermos presente que dois dos sócios que se encontravam naquela reunião — António e Henrique Champalimaud — haviam entrado para a Sociedade já em 15 de Maio de 1941 (escritura desta data, elevando o capital de Sommer para 4.000.000\$00 e admitindo António Champalimaud e Henrique Champalimaud como sócios), terá de concluir-se que as acções de Sommer e C.ª Ld.ª encontravam-se já em 1941, no mesmo local onde se encontravam em Agosto de 1957, data da reunião do conselho da gerência em que foi proferida a citada afirmação de Henrique Champalimaud.

Assim, como já nas alegações que proferi na última sessão do julgamento, demonstrei que em 1957 Sommer e C.ª Ld.ª guardava as suas acções no Banco Nacional Ultramarino, teremos de concluir que no mesmo local se encontravam elas anteriormente, e desde, pelo menos, o ano de 1941.

OS ASPECTOS JURÍDICOS DA HERANÇA DE HENRIQUE SOMMER

Passou, em seguida, o dr. Palma Carlos a abordar os aspectos jurídicos relacionados com os depósitos solidários:

Assente que todas as acções se encontravam em depósitos solidários Henrique Sommer/D. Maria Luísa, parece-me oportuno proferir também algumas considerações sobre aquelas que foram formuladas pelo distinto adjunto do procurador da República, a respeito das consequências e efeitos jurídicos do facto de todas as acções, à data da morte de Henrique Sommer — as acções em causa nos autos —, se encontrarem a integrar os depósitos solidários a que nos referimos.

Entretanto, e num pequeno aparte, deixo chamar a atenção de V. Ex.ªs para a circunstância, de tanto a acusação como a pronúncia, haverem omitido e desconhecido, que o total dos títu-

los depositados em contas solidárias Henrique Sommer/D. Maria Luísa abarcava 10.006 e não apenas 9996 acções.

A verdade é que na pronúncia vai-se indicar como estando em depósito, no Banco Nacional Ultramarino, apenas 1000 acções ao portador, quando já se encontrava nos autos a expressa e clara indicação de que o número de acções ao portador em depósito no Banco Nacional Ultramarino era de 1010.

V. Ex.ªs tinham essa indicação expressamente a fls. 6747 e fls. 7111.

Ambas as informações tinham emanado do Banco Nacional Ultramarino.

António Champalimaud tinha, portanto, razão, mais uma vez, ao afirmar, como afirmou no art.º 21.º da sua contestação, que as acções ao portador em depósito no Banco Nacional Ultramarino, à data da morte de Henrique Sommer, eram 1010 e não apenas 1000, como em contrário foi afirmado na pronúncia.

O erro manifestamente cometido na pronúncia foi mais uma vez em prejuízo de António Champalimaud, já que, através da indicação de que apenas 1000 acções ao portador se encontravam no Banco Nacional Ultramarino, poderia escamotear-se, como se escamoteou, o levantamento de mais essas 10 acções por D. Maria Luísa, e a posterior entrega dessas mesmas acções, também por ela, ao dr. Félix Machado.

Isto é, ocultou-se, dessa forma, um acto de apropriação de acções e de disposições delas por parte da senhora D. Maria Luísa.

E evidente que tal erro só pode ter sido possível na sequência do critério (ou falta do critério) adoptado pelo sr. dr. José Francisco Viegas no seu relatório, pois que, embora tenha efectivamente consignado no relatório que no Banco Nacional Ultramarino estavam depositadas 1010 acções na conta solidária Henrique Sommer/D. Maria Luísa, a partir de certo momento o sr. dr. Viegas esqueceu-se completamente e alheou-se completamente da circunstância de, à face do ofício vindo do banco e dos elementos fornecidos pelo banco, existirem lá 1010 acções, para falar apenas dum lote de 1000 acções.

A POSIÇÃO DO PROF. FIGUEIREDO DIAS:

Eu talvez não falasse neste erro da pronúncia — erro, repito, contra António Champalimaud — se o sr. prof. Figueiredo Dias, no parecer a que já tive ocasião de fazer referência em sessão anterior, não se tivesse permitido, a fls. 18 do seu parecer, produzir a afirmação — que produz «perante os factos suficientemente indicados pela pronúncia» — de que é legítimo supor que os co-herdeiros, se não mesmo a própria viúva, à excepção do arguido, desconheciam exactamente a existência das acções da herança.

Efectivamente, diz o sr. prof. Figueiredo Dias:

Dizemos «à excepção do arguido até porque é este quem vem corrigir o número de acções em causa no despacho de pronúncia. Este despacho fala sempre, na verdade, de 9996 acções, enquanto o arguido relaciona, na sua contestação, 3024 acções nominativas (art.ºs 13.º e 14.º), 2622 acções ao portador (art.º 16.º), 3500 acções ao portador (art.º 17.º) e 1010 acções ao portador (art.º 21.º) — o que perfaz um total de 10.006 acções. A ser este o número exacto, e não o que consta da pronúncia, estará por aqui revelado que só o arguido, entre os co-herdeiros, conhecia exactamente a existência das acções da herança».

LONDRES

10 DIAS

DESDE

ESC. 2.490\$

2 DE MAIO

ÚNICA PARTIDA EM MAIO

INCLUINDO:

TRANSPORTES EM AVIÃO A JACTO GIGANTE DC-10 IDA E VOLTA * ALOJAMENTO E PEQUENO ALMOÇO * ASSISTÊNCIA E TRANSFER'S DE CHEGADA E PARTIDA * VISITA A CIDADE COM GUIA.

PARTIDAS SEMANAIS DURANTE O VERÃO E NOS FERIADOS DE JUNHO

CONSULTE-NOS



NORTUR/PM TURISMO

PORTO - Rua José Falcão, 92 - Telef. 27587 LISBOA - Rua Barata Salgueiro, 8 - Telef. 58722.

artico LIMITADA

Refrigeração Ar Condicionado

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

Westinghouse Thermo King



Ao festejar-se o DIA DO TURISTA, desejamos a todas as Firmas de Transportes Turísticos as maiores prosperidades e, em especial, às EMPRESAS abaixo que, para maior conforto e categoria do Turismo Nacional, equiparam os seus luxuosos Autocarros com AR CONDICIONADO, dando-nos a sua preferência:

CAPRISTANOS TURISMO, LDA.
CLARAS — TRANSPORTES, S.A.R.L.
EMPRESA DE VIACAO EDUARDO JORGE, LDA.
OLIVEIRAS — TRANSPORTES E TURISMO, S.A.R.L.
BOA VIAGEM — TRANSPORTES, S.A.R.L.
EVA — EMPRESA DE VIACAO ALGARVE, LDA.
HOTELCAR — INVESTIMENTOS HOTELEIROS E TRANSPORTES TURISTICOS, S.A.R.L.
EMPRESA DE TRANSPORTES OLIVEIRAS, LDA.
EMPRESA BARRAQUEIRO DE JOAQUIM JERONIMO, LDA.
AGENCIA CETOBRIGA DE TURISMO, LDA.
A. NOGUEIRA DA COSTA, LDA.
AGENCIA ABREU
COMPANHIA DE VIACAO CERNACHE, LDA.
TRANSPORTE TURISTICO PRAIAMAR, LDA.
JOAO CANDIDO BELO & C.ª, LDA.
TRANSUL — EMPRESA DE TRANSPORTES, LDA.

AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO

TAVARES, LDA.

Peças e Acessórios: Oficinas e Assistência Técnica:

Largo de Santos, 4 - A Jardim 9 de Abril, 18-20

Telefones PPCA 69 00 11/23 - L I S B O A

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

O Filme. O Cinema. A Arte.



"OS CLOWNS" de FELLINI com FEDERICO FELLINI ANITA EKBERG PIERRE ÉTAIX

COLORIDO

GRUPO C - 14 anos

HOJE, estreia às 21.45



ANCA SOMMER

E comentando o parecer do prof. Figueiredo Dias:

Então a pronúncia comete um erro patente, o erro é cometido contra António Champalimaud, e ainda se vem pretender tirar efeitos, sempre contra António Champalimaud, do facto da pronúncia conter tal erro — só porque os advogados de António Champalimaud desfizeram esse erro, pela simples leitura dos autos, leitura que se não foi atenta, foi por parte da acusação e da pronúncia?

Ou só porque o sr. inspector Manuel Fernandes louvou o sr. dr. Viegas, pelo seu relatório, se aceitaram como boas as afirmações deste, sem se curar de ver ao menos elementos certos dos autos que contrariaram as suas afirmações?

E como classificar-se a posição assumida por um prof. de Direito que produz a afirmação que há pouco transcrevi do parecer do prof. Figueiredo Dias?

Imputa-se ou atribui-se ao próprio arguido, em seu desfavor, uma afirmação produzida pelos seus advogados na sua contestação, a rectificar, de forma inatacável, um erro que era à pronúncia que cumpria não ter cometido?

Mas retornando, como vinha dizendo atrás, à apreciação dos efeitos jurídicos das contas solidárias, lembrarei, como fez o sr. dr. Monteiro Diniz, que se encontram junto aos autos 3 pareceres, todos elaborados por professores de Direito, a debruçarem-se sobre esse problema: os professores Ferrer Cor-

reia, Pereira Coelho e Vaz Serra.

O sr. dr. Monteiro Diniz, face aos pareceres em causa, não assumiu uma posição definida sobre os efeitos jurídicos das contas solidárias, fornecendo apenas o que considerou achegas quanto à fixação da matéria de facto respeitante a essa matéria.

Também só incidentalmente eu abordei essa matéria, pois que tenciono e desejo deter-me mais longamente sobre o valor que de facto e na prática da época, era atribuído à abertura de contas solidárias, nas condições das dos autos.

A OPINIÃO DOS PROFS. FERREIRA CORREIA E PEREIRA COELHO

Sobre os pareceres, direi apenas o seguinte:

Tanto o prof. Pereira Coelho, como o prof. Ferrer Correia se pronunciaram no sentido, seja de que «nunca as faladas acções da Empresa de Cimentos de Leiria foram propriedade dos deus um parecer concernente à matéria concreta dos autos, limitando-se a produzir as duas seguintes afirmações de natureza meramente teóricas e elementares:

a) «O simples facto do depósito solidário das acções não constitui doações destas»;

b) «A carta de 20 de Outubro de 1942 não vale como disposição testamentária».

Esse é o vício de que enferma o parecer do prof. Vaz Serra, porquanto produz duas conclu-

sões autónomas e inteiramente desligadas do conjunto factual do problema.

Na verdade, todos estamos de acordo em que a carta de Henrique Sommer de 20 de Outubro de 1942, não possui, por si herdeiros de Henrique Sommer». (prof. Ferrer Correia), seja no de que «inequivocamente, Henrique Sommer não pretendia abranger as acções da Empresa de Cimentos de Leiria na deixa testamentária do remanescente da herança, pois quis que elas ficassem a pertencer às irmãs D. Maria Luisa e D. Albina, nos termos expressos na carta de 20-10-1942.» (Prof. Pereira Coelho).

O prof. Pereira Coelho considerou juridicamente idóneo, para transferir a propriedade das acções, o meio utilizado por Henrique Sommer — os depósitos solidários — ponderando que o depósito solidário feito com intenção liberal — com a intenção de permitir ao titular sobrevivo levantar como seus todos os valores depositados, após o falecimento do outro titular — constitui uma verdadeira doação *inter-vivos*, embora uma doação subordinada à condição suspensiva *si praemoriari*, e que, portanto, só produzirá efeitos se o doador falecer antes do donatário e quando ele falecer.

O prof. Ferrer Correia, aceitando também que o depósito solidário dos títulos poderia integrar uma doação sob a condição suspensiva da pré-morte do disponente, aceitou que os próprios actos de depósito das acções em contas solidárias, traduziram verdadeiros contratos a favor de terceiros, com eficácia real.

A TESE DO PROF. VAZ SERRA

Quanto ao parecer do prof. Vaz Serra, devemos desde já, e sem necessidade de outras considerações, tão realçante se nos oferece o que vamos afirmar, que o mérito que possa ter como trabalho de teoria intelectual, não lhe permite nenhuma aplicação ao caso dos autos; está total e completamente afastado destes, é um estudo professoral da cátedra e não um parecer sobre o caso concreto dos autos.

Efectivamente, S. Exa. produz duas afirmações de ordem meramente doutrinária e teórica, que de tão comezinhas, nem necessitavam de serem ensinadas por um professor de direito.

Está muito ultrapassada a época em que frequentávamos a Universidade, entrámos já na Universidade viva, que são os Tribunais, onde são os casos concretos que importa estudar e dissecar, sem necessidade de recurso a estudos meramente teóricos, como os do parecer do prof. Vaz Serra, a que me estou a reportar.

Eu sei que o sr. dr. Eridano de Abreu afirmou ir de quando em quando deabalada até Coimbra beber às mesmas fontes onde bebeu os primeiros ensinamentos jurídicos.

Tal como disse, quando vem algum problema de direito vai expor-lhes os factos e perguntar-lhes: «relativamente a estes factos o que pensam V. Exas?».

No tocante a este parecer do prof. Vaz Serra, parece que não foi, — escreveu (teor da consulta de fls. 15 800 e 15 815); ou foi e escreveu também.

Mas se nos detivermos no teor da consulta, e uma vez que

a consulta não está assinada, mas só o parecer, os termos da mesma mais parecem escritos pelo dr. Viegas do que pelo dr. Eridano de Abreu: acompanha-se o movimento físico das acções, fala-se nas 1000 acções que estavam no Banco Nacional Ultramarino, (ainda há pouco vimos que não eram 1000) diz-se que a cautela 347 foi resgatada em 30 de Novembro de 1945, e outras afirmações que só o dr. Viegas produziu aliás até contra prova documental.

Mas mesmo com dados manifestamente errados das consultas, o sr. prof. Vaz Serra não própria, não possui a se, valor eficaz jurídico de transmissão.

Todos nós sabemos igualmente que a simples circunstância de as acções se encontrarem depositadas solidariamente em nome de duas ou mais pessoas, nada nos esclarece quanto à propriedade dessas acções.

Tudo isto é, aliás, reconhecido, quer pelo prof. Ferrer Correia, quer pelo prof. Pereira Coelho, nos pareceres que se encontram nos autos.

Simplemente, o que o prof. Vaz Serra não fez — ao contrário do que sucedeu com os outros mestres referidos —, foi conjugar as duas realidades apontadas, ou seja a carta de Henrique Sommer por um lado, reveladora da vontade do seu autor, com a circunstância de as acções em causa se acharem depositadas solidariamente em nome dele, Henrique Sommer e de sua irmã Maria Luisa.

Temos assim, repito, que o parecer do prof. Vaz Serra nada adianta, nem nada contribui para a solução da questão atrás enunciada, que é a de saber se se verificou ou não a doação

em vida de Henrique Sommer para sua irmã D. Maria Luisa, tendo por objecto as acções depositadas nas circunstâncias mencionadas.

A VERDADEIRA MISSÃO DOS JURISTAS

Já, porém, os professores Ferrer Correia e Pereira Coelho orientaram as suas teses, tendo em conta a conjugação de toda a realidade, de toda a factualidade indispensável para que se chegue a uma solução jurídica justa, por abarcar todos os factos em causa e não apenas alguns.

E chegaram eles — os professores Ferrer Correia e Pereira Coelho — às suas conclusões que deixámos referidas, através da análise dos actos praticados por Henrique Sommer, susceptíveis de fixar a sua vontade real.

Era essa vontade real, a sua autêntica e verdadeira vontade real, era ou não a de as suas acções se transmitirem para D. Maria Luisa?

E qual era a verdadeira vontade de D. Maria Luisa: era ou não a de beneficiar do acto de liberalidade de seu irmão Henrique?

Qual era a autêntica e verdadeira vontade de ambos: de Henrique Sommer e de D. Maria Luisa?

Não eram essas vontades, manifestamente, como reconheceu, expressivamente a acusação pública e como até o reconheceu implicitamente a acusação particular, no sentido de que as acções de Henrique Sommer se transmitissem para D. Maria Luisa?

Ou seja, não queria Henrique Sommer que as suas acções fi-

Continua na pág. 16



BANCO FERNANDES MAGALHÃES

BALANCETE EM 31 DE MARÇO DE 1973

DESIGNAÇÃO DAS RUBRICAS	SALDOS	
	DEVEDORES	CREDITORES
Caixa e Depósito no Banco de Portugal	260 491 051\$51	
Depósitos Noutros Instituições de Crédito	92 880 634\$23	
Promissórias de Fomento Nacional	35 000 000\$00	
Correspondentes no Estrangeiro	15 758 149\$80	4 335 416\$00
Ouro, Moedas e Notas Diversas	24 721 636\$60	
Carteira de Títulos e Cupões	104 177 049\$70	
Carteira Comercial	1 300 829 515\$10	
Letras Sobre o Estrangeiro	57 812 455\$93	
Correspondentes no País	5 454 810\$95	1 354 615\$16
Empréstimos e Contas Correntes Caucionados	180 006 104\$84	145 490\$50
Devedores e Creditores	176 746 197\$14	3 445 486\$60
Empréstimos a Mais de Um Ano	179 919 318\$00	166 282\$95
Outros Valores Realizáveis	3 950 147\$00	
Depósitos à Ordem — Moeda Nacional		1 125 347 556\$29
Depósitos c/ Pré-Aviso — Moeda Nacional		40 235 585\$60
Depósitos a Prazo — Moeda Nacional		960 924 512\$58
Cheques e Ordens a Pagar		592 629\$05
Exigibilidades Diversas		1 644 607\$38
Participações Financeiras		
móveis	10 679 307\$10	
Imobilizações Diversas	4 931 705\$60	
Contas Diversas e Provisões	16 258 482\$71	
Capital	307 872 873\$07	89 546 629\$09
Fundo de Reserva Legal		350 000 000\$00
Outros Fundos de Reserva		7 250 000\$00
Encargos		174 750 000\$00
Receitas e Lucros	25 119 508\$44	
Lucros e Perdas		42 424 917\$45
Valores de Conta Alheia		445 219\$07
Valores Recebidos em Caução	553 264 699\$30	
Devedores por Garantias e Avals Prestados	653 617 801\$80	
Devedores por Aceites	212 132 757\$21	
Devedores por Créditos Abertos	613 682 294\$90	
Credores por Valores de Conta Alheia	35 354 394\$60	553 264 699\$30
Credores por Valores Recebidos em Caução		653 617 801\$80
Garantias e Avals Prestados		212 132 757\$21
Aceites		613 682 294\$90
Créditos Abertos		35 354 394\$60
Outras Contas de Ordem	222 325 363\$60	222 325 363\$60
	5 092 986 259\$13	5 092 986 259\$13

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO



A FAMÍLIA BELLAMY

SATELITE

3.ª SEMANA

JOSÉ CUNHA
MARTA LEITÃO

O FILME DE ANTÓNIO-PEDRO
VASCONCELOS

PERDIDO
POR CEM...

EU TINHA ACABADO DE FAZER 20 ANOS E NÃO DEIXAREI
QUE NINGUÉM
DIGA QUE É A
MAIS BELA IDADE
DA NOSSA VIDA.

produção CENTRO PORTUGUÊS DE CINEMA

HORÁRIO DAS SESSÕES: TODOS OS DIAS: 15.30 H., 18.30 H., 21.45 H.

DI/ESTRANGEIRO

ACUSA UM EX-COLABORADOR

Corrupção entre funcionários que rodeiam Nixon

LONDRES, 25 (R e UPI-ANI) — Clark Mollenhof, um antigo colaborador da Casa Branca, denunciou os altos funcionários que rodeiam o presidente Nixon como homens corruptos e embriagados pelo poder.

Mollenhof, que se demitiu das suas funções por não suportar o ambiente da Casa Branca, disse numa entrevista concedida à rádio britânica que os mais íntimos colaboradores do presidente são especialistas na arte de impedir mesmo os membros do Governo de se avistarem pessoalmente com Nixon, para que todos os assuntos sejam tratados por seu intermédio, o que reforça consideravelmente o seu poder e influência.

Segundo Mollenhof, o chefe

do pessoal da Casa Branca, Bob Haldemann, gabava-se de que mesmo John Mitchell, amigo pessoal de Nixon e antigo procurador-geral, tinha de passar por ele para tratar de qualquer assunto.

«Os ajudantes do presidente são mais poderosos do que o Governo, cujos membros, com três possíveis excepções, não passam de instrumentos».

Mollenhof, que actualmente trabalha como repórter investigador para o Des Moines Register, disse ter saído da Casa Branca porque o ambiente de sigilo que ali reina inevitavelmente leva à corrupção e eu não queria deixar-me envolver nisso.

Por outro lado, o «Washington Post» anuncia que cerca de

oito mil e quatrocentos dólares do fundo da campanha eleitoral do presidente Richard Nixon foram utilizados para enviar telegramas à Casa Branca apoiando a colocação de minas no porto norte-vietnamita de Haiphong, em Maio, e para comprar um jornal «enganador» e divulgar a mesma mensagem de apoio.

O jornal salienta estar a auditar o Congresso a investigar os gastos efectuados pela comissão de reeleição do presidente e que se prevê que anuncie que tais dispêndios foram, ao que parece, violações da lei.

A concluir, o «Washington Post» acentua que o projecto foi decidido pela comissão de Nixon com o objectivo de convencer o público de que a acção de colocação de minas em portos norte-vietnamitas gozava de grande apoio.



Os passageiros protestaram

Foram presas 123 pessoas em muitas gares da região de Tóquio, a noite passada, em manifestações dos passageiros dos caminhos-de-ferro, de protesto contra os importantes atrasos dos comboios em consequência de uma greve de zelo dos empregados. Estes violentos movimentos de protesto deram-se em 27 gares importantes. Vidros e distribuidores automáticos de bilhetes voaram em estilhaços e os grevistas foram atacados por passageiros descontentes. Depois dos incidentes, a greve tornou-se total na região de Tóquio.

Pedida a libertação de Rudolf Hess

BERLIM, 25 — (UPI-ANI) — O vice-líder da democracia cristã de Berlim ocidental, Karl Heinz Schmidt, solicitou ontem a libertação de Rudolf Hess, que foi colaborador de Hitler, por motivos humanitários.

«Conservar este velho na cadeia não é nada que ver com punição ou expiação, mas é apenas uma grande falta de humanidade», afirmou Schmidt.

Hess, que faz amanhã oitenta anos, está a cumprir uma pena de prisão perpétua na cadeia de Spandau, no sector inglês de Berlim. Está privado de liberdade desde que se lançou de para-queda na Escócia, em dez de Maio de 1941, para tentar persuadir os ingleses a aceitar a paz nos termos ditados pelos nazis.

No domingo, Carl Wolfgang Holzappel, de 29 anos, foi preso na Alemanha Federal, sob a acusação de planos para desviar um avião da BEA num voo de Estugarda para Berlim, a fim de forçar a libertação de Hess.

Schmidt, que condenou esse plano, acrescentou:

«Este incidente chamou a atenção para a sorte de um velho depauperado, que se encontra cativo há trinta e dois anos».

Relações da ITT com a Alemanha Nazi reveladas em livro

WASHINGTON, 25 (F. P.) — Há dois dias que as acções da I. T. T. (International Telephone and Telegraph Corporation) registam uma considerável baixa na bolsa nova-iorquina por terem sido reveladas as suas relações com a Alemanha nazi. O valor de uma acção I. T. T. é agora 36 dólares, metade do que era em fins do ano passado.

Relações entre a I. T. T. e Hitler são postas a nu num livro a publicar do jornalista inglês Anthony Sampson, «A I. T. T., super estado» de que os jornais americanos publicaram já bastos extractos.

Segundo os arquivos do Governo americano, a I. T. T. financiou o fabrico dos bombardeiros alemães «Focke-Wulf» utilizados durante a Segunda Guerra Mundial.

O fundador da I. T. T., Sosthenes Ben, coronel reformado do Exército americano, abriu uma primeira sucursal na Alemanha em 1930.

Depois da subida de Hitler ao Poder em 1933, Behn confiou a direcção das suas socieda-

des alemãs a nazis. Entre estes figurava o banqueiro Kurt von Schroeder, mais tarde general e financiador da Gestapo.

Graças aos seus contactos com Herman Goering, comandante-chefe da Luftwaffe, Behn pôde em 1938 adquirir 28 por cento dos bens da «Focke-Wulf».

Segundo Sampson, um ano antes de os Estados Unidos estarem em guerra, portanto em 1940, o director das empresas da I. T. T. na Alemanha, evidentemente nazi, deslocou-se a Nova Iorque para tentar impedir que as fábricas americanas vendessem material à Grã-Bretanha. Embora esta viagem tenha sido financiada por Behn, tratava-se do enviado especial do ministro dos Negócios Estrangeiros Ribbentrop, por instrução de Hitler.

A I. T. T. vê pois o seu prestígio apagar-se a olhos vistos. Depois das suas actividades no Chile, que uma comissão senatorial tentou aclarar, sabe-se da sua contribuição pró-nazi. Que se seguirá?

SALISBURY, 25 — (R) — Os esforços do sul de África, governada por brancos, para conter guerrilheiros africanos foram gravemente abalados pela morte de nove homens empenhados em operações de segurança e a África do Sul e Rodésia podiam agora começar a cerrar fileiras na luta que enfrentam.

Seis dos que morreram nos últimos ataques dos guerrilheiros eram negros. Os rodésianos comunicaram que três elementos brancos e um negro das suas forças de segurança foram mortos durante um recontro com guerrilheiros, que perderam três homens. Foi o maior combate desde que as perturbações principiaram em Dezembro último.

Na cidade do Cabo, o ministro sul-africano da Defesa Pieter Botha, informou que quatro polícias negros e um batedor africano perderam a vida numa emboscada em que caiu uma pa-

trulha a pé na faixa da Caprivi, metida entre a Rodésia, Botswana e Zâmbia.

Os comunicados de Salisbúria e da cidade do Cabo sobre os recontros foram conhecidos a noite passada com diferença de minutos e observadores afirmam que as mortes poderão fornecer mais argumentos àqueles que têm exigido acção dura contra os guerrilheiros e os países que os abrigam.

A emboscada na faixa de Caprivi ocorreu na Sexta-Feira de Paixão e foi a mais séria anunciada na área — parte do sudoeste africano governado por Pretória e uma das zonas potencialmente mais explosivas no sul da África branca.

Botha declarou que investigações demonstraram que os guerrilheiros tinham ferido quatro dos homens da patrulha sul-africana e, depois, crivaram-nos de balas, disparando contra eles rajadas de metralhadora. Afirmou que os guerrilhei-

ros tinham vindo da Zâmbia.

Os rodésianos não revelaram quando ocorreu o incidente envolvendo as suas forças nem onde vieram os guerrilheiros.

Incidentes anteriores em Caprivi — atravessada por pantanos e canais e uma área ideal para emboscadas dos guerrilheiros — tinham-se limitado principalmente à explosão de minas terrestres. Em Agosto de 1972, o Departamento sul-africano da

Defesa comunicou que cinco homens morreram desde 1967 em consequência de tais explosões.

A Polícia sul-africana tem mantido número considerável de efectivos em Caprivi, todos treinados na guerra contra guerrilhas e cumprindo apenas três meses de serviço de cada vez. Número crescente dos efectivos dessa força é constituído por indianos africanos ou mestiços, muitos dos quais voluntários.

UM MILHÃO DE PESSOAS DESALOJADAS PELA LUTA NA ILHA DE MINDANAU

MANILA, 25 — (R.) — Cerca de um milhão de pessoas abandonaram os seus lares devido à continuação da luta na ilha de Mindanau, no sul das Filipi-

nas, segundo revelou nesta capital o presidente Ferdinando Marcos.

Numa entrevista concedida a noite passada à rádio e televisão nacionais, o presidente afirmou que civis muçulmanos e cristãos tinham sido mortos «indiscriminadamente» nas primeiras duas semanas da revolta no sul do país, que começou em Fevereiro.

Marcos calculou os efectivos actuais dos rebeldes nas províncias meridionais entre cerca de 14 000 e 16 000 homens, todos armados.

Revelou ainda que cerca de 100 soldados governamentais foram mortos nas primeiras duas semanas de luta. Pelo menos cinco cidades e várias vilas tinham em poder dos revoltosos muçulmanos e cristãos no norte da província de Cotabato, a 880 quilómetros a sueste de Manila.

Reforços têm seguido por via aérea para a região e os revoltosos foram expulsos das áreas que dominavam e restabelecida a autoridade governamental — acrescentou o chefe de Estado.

NOVA CARTA DO ATLÂNTICO:

Tóquio recebeu com reservas a proposta americana

TOQUIO, 25 (F.P.) — A proposta americana no sentido de criar uma nova Carta do Atlântico foi recebida com reservas em Tóquio. Um porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros, baseando-se num breve relato telegráfico do discurso de Kissinger, declarou esta manhã que um exame multilateral e mais completo dos problemas diplomáticos, comerciais e monetários não constitui «nada de novo». O mundo, no seu conjunto, progrediu realmente e

devemos esperar que continue a progredir», acrescentou.

Seria necessário saber exactamente — disse ainda o porta-voz — o que procuram os Estados Unidos. Se a Carta proposta deve ser um simples «comunicado» ou alguma coisa mais do que um «comunicado», será necessário, considerar as suas relações com as organizações mundiais já existentes, incluindo o GATT, o Fundo Monetário Internacional e as Nações Unidas.

E o porta-voz acrescentou que o seu Ministério não considerava a proposta de Kissinger um acto oficial e só a estudará se for apresentada formalmente.

Entretanto, o ministro japonês dos Negócios Estrangeiros, Masayoshi Ohira, anunciou o adiamento da viagem do imperador Hirohito a Washington, programada para o próximo Outubro, acrescentando que este facto não afectará a «compreensão mútua» entre o Japão e os Estados Unidos.

DL/ESTRANGEIRO

Adiada "sine die" a visita de Hirohito aos Estados Unidos

TOQUIO, 25 (F.P. e R.) — O governo japonês renunciou aos projectos de visita aos Estados Unidos, este ano, pelo imperador Hirohito, cedendo, ao que parece, aos protestos da oposição.

O ministro dos Negócios Estrangeiros, Mazaiohi Ohira, depois de informar o embaixador norte-americano Robert Ingersoll, anunciou oficialmente a desistência, que atribuiu a várias circunstâncias, entre as quais uma agenda imperial extremamente sobrecarregada.

Contudo, dignitários japoneses declararam, em particular, ser quase certo que a decisão foi grandemente influenciada pela inabalável oposição manifestada pelos Partidos Socialista e Comunista, que alegaram estar o imperador a ser utilizado para fins políticos, em violação directa dos termos da constituição japonesa.

Socialistas e Comunistas acusaram o governo de estar a servir-se de Hirohito, para tentarem desanuviar as tensas relações com os Estados Unidos, abaladas por uma série de contínuas divergências de carácter económico.

Os observadores políticos prevêm, contudo, que o cancelamento da visita tende a exacerbar a situação, visto que o presidente Nixon se tem mostrado particularmente interessado numa visita do imperador, tendo até dirigido repetidos convites a Hirohito, desde o seu último encontro, ocorrido em 1971, em Anchorage, no Alasca.

Embaraçado, o governo de Tóquio arranhou imediatamente as coisas de modo a enviar o ministro dos Negócios Estrangeiros, Ohira, a Washington em 7 de Maio, para explicar as razões que motivaram a decisão.

Embora Ohira declarasse tratar-se apenas de um «adiamento», em face da oposição local, duvida-se, nos meios oficiais, que a visita seja possível mesmo no próximo ano.

Revelam que o factor decisivo da resistência de Hirohito foi a própria Casa Imperial, que insistiu que nenhuma viagem seria empreendida sem um apoio nacional unânime.

Numa conferência de imprensa efectuada esta noite, Ohira sublinhou que a desistência do imperador não afecta o convite endereçado ao presidente Nixon para visitar o Japão. Acrescentou que não foi ainda fixada a data, mas o presidente americano será sempre bem-vindo ao país.

A decisão governamental é considerada nos meios políticos como sério revés para o prestígio vacilante do primeiro ministro Kakuei Tanaka, cuja popularidade tem vindo a declinar nos últimos meses, devido à maneira como tem tratado os problemas económicos e à acção desanimadora do seu Partido Liberal Democrático, nas eleições gerais e municipais.

Em contrapartida, foi acolhida como triunfo importante para os socialistas e os comunistas.

NIXON TAMBÉM CANCELA

O adiamento «sine die» da visita que o imperador Hirohito devia efectuar aos Estados Unidos no próximo Outono levará por seu turno o presidente Richard Nixon a renunciar de momento à viagem que se propunha fazer ao Japão, sabe-se nos círculos oficiais.

Considera-se, com efeito, em Washington, que as razões políticas que estão na base da anulação do projecto de visita do imperador aos Estados Unidos tornam igualmente inoportuna uma viagem do presidente Nixon ao Japão.

Os círculos oficiais americanos fazem notar que, se os Partidos Socialista e Comunista japoneses são suficientemente poderosos para levarem o imperador Hirohito a anular a sua visita aos Estados Unidos, poderão de igual modo provocar manifestações de protesto contra a visita do presidente Nixon ao Japão.

Em 15 de Março, Richard Nixon citou o Japão entre os países que se propunha visitar num futuro próximo. Esta seria a primeira viagem efectuada por um presidente dos Estados Unidos ao país do Sol Nascente.

COSTA DA CAPARICA



Irene Henriques Serra

**MISSA DE 30.º DIA
E AGRADECIMENTO**

Artur José Henriques Serra mulher e filho, Edmundo Henriques Serra mulher e filha, Maria Margarida Henriques Serra Ferreira marido e filha, Vitor Manuel Henriques Serra mulher e filha e mais família participam a todas as pessoas de suas relações, que amanhã dia 26, pelas 8,30 horas, na Igreja de São Sebastião da Pedreira será celebrada missa pelo eterno descanso da sua saudosa finada agradecendo desde já a todos os que se dignarem assistir a tão piedoso acto e bem assim a quem lhes manifestou o seu pesar e que por desconhecimento de moradas não o fizeram directamente.

P.N.A.M.

AGÊNCIA SALGADO DE ALMADA Tel. 270132



R. I. P.

**ESPERANÇA AMÉLIA
SIMÕES COELHO**

MISSA DO 30.º DIA

Será mandada rezar missa pelo eterno descanso de sua Alma, amanhã, dia 26, pelas 12.30 horas, no Altar-Mor da Igreja de Nossa Senhora de Fátima.

P. N. A. M.



DR. JOSÉ DE SOUSA CARRUSCA

FALECEU

Sua mulher, filhos, nora, genro e netos, participam o seu falecimento e que o funeral se realiza amanhã, dia 26, pelas 11 horas, da Basílica da Estrela, para o cemitério dos Prazeres. As 10 horas, será celebrada missa de corpo presente.

AGÊNCIA SILVA
Rua de Campolide, 60-A — Tel. 685808



COMANDANTE

**Albano Rodrigues
de Oliveira**

Missa do 7.º Dia

Helena Cremilda da Silva Oliveira, sua Filha, Genro, Netos, Irmãos e demais família participam que amanhã, dia 26, às 18,30 horas, na Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora, na Parada dos Prazeres, será celebrada missa pelo eterno descanso do seu muito querido Marido, Pai, Sogro, Avô, Irmão e Parente.

P.N. A. M.



COMANDANTE

Albano de Oliveira

MISSA DO 7.º DIA

OS CORPOS GERENTES E O PESSOAL DA COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO participam que amanhã, quinta-feira, dia 26, pelas 18,30 horas, na Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora (Salesianos), aos Prazeres, será celebrada missa pelo eterno descanso do seu saudoso Presidente do Conselho de Administração.

R. T. P.

*26 episódios de 1 hora
às quartas-feiras
pelas 22.30 horas*

O CASO DA HERANÇA SOMMER

Continuação da pag. 13

cassem a pertencer às suas queridas irmãs Maria Luísa e Albana?

E não queriam estas beneficiarem desse acto de seu irmão?

E pergunto eu: qual é a verdadeira missão dos juristas?

Não será a de procurarem interpretar as leis de acordo com a função delas, função que é a de servirem os homens e a sociedade?

Se as vontades de Henrique Sommer e suas irmãs eram aquelas que deixámos apontadas, a obrigação e o dever dos juristas é, precisamente, procurar interpretar as leis, tendo em vista a realização dos interesses legítimos de Henrique Sommer e de suas irmãs.

Este princípio não o esqueceu o prof. Pereira Coelho, no seu parecer repassado de um autêntico sentido de servir o interesse humano e social que o direito tem por obrigação servir, ao escrever lapidamente:

«A tese que defendemos aqui — de que as acções que Henrique Sommer depositara em seu nome e no de D. Maria Luísa, já se haviam transferido para esta, por negócio jurídico inter-vivos, e não se abrangiam, portanto, na deixa do remanescente da herança — não tira força jurídica, sabemo-lo bem, do facto de ter sido essa mesma, inequivocamente, a vontade de Henrique Sommer, pois é preciso saber ainda se ele usou de meio jurídico idóneo para conseguir o resultado que pretendia. Mas se aquela tese não tira a força jurídica desse simples facto, a verdade é que vai buscar nele, sem dúvida, as razões evidentes e indiscutíveis da sua força moral.»

(fls. 17.278)

E o mesmo princípio foi igualmente lembrado pelo prof. Ferrer Coreia, ao afirmar que:

«O intérprete tem o dever de, ele próprio, por sua iniciativa, afeição, ajustar os efeitos jurídicos ao intento das partes.

Tal o cânone com que se sempre deve conformar-se o órgão incumbido da aplicação do direito, quer quando interpreta ou integra o negócio jurídico, quer quando ordena a execução das vontades que nele e por ele se manifestam.

Pois é justamente na vontade do declarante que reside a essência das declarações negociais.»

(fls. 15.639)

Este é, pois, um primeiro e importante problema sobre que V. Ex.^{as} Exm.^{os} julgadores, terão de debruçar-se, e cuja solução, no sentido preconizado, defendido e ensinado pelos professores Ferrer Correia e Pereira Coelho, excluirá a necessidade de se debruçarem sobre todos os demais longos e complexos problemas, que o processo abarca.

Aliás, quer a acusação pública, quer a acusação particular, não fizeram qualquer referência a uma das conclusões fixadas pelo prof. Ferrer Correia, no seu parecer a que nos vimos reportando, no sentido de que a deixa das acções de Henrique Sommer a D. Maria Luísa, constituiria uma liberalidade, operada por contrato a favor de terceiro — que seria o próprio acto de depósito das acções em contas solidárias.

Tal conclusão harmoniza-se com o que já era defendido por Cunha Gonçalves, Tratado de Direito Civil, Vol. 8, pág. 36, onde afirma que «o depósito feito para ser entregue a determinada pessoa, no caso de morte do depositante (...) representa uma estipulação a favor do outrem, para cuja validade é dispensável o concurso de vontades que se exige na doação».

A doutrina que assim enquadra ou interpreta o depósito solidário como «estipulação a fa-

vor de outrem» — e não há dúvida que tal doutrina assenta em bases sérias, e era a que melhor se adaptava à época em que Henrique Sommer recorreu aos depósitos solidários, no visível intuito de operar a transferência das acções para suas irmãs —, uma vez que seja aceite por V. Ex.^{as}, líquida esta, e por prejudicialidade, todas as demais questões do processo.

Em suma: se V. Ex.^{as} concluírem que as 9996 acções da Empresa de Cimentos de Leiria, não integravam o património de Henrique Sommer, à data da morte deste, tal como se afirma no Art. 5.º da pronúncia, afirmação essa que constitui pressuposto de toda a subseqüente temática dos autos, tendente a imputar a António Champalimaud a prática dos crimes de que vem acusado — V. Ex.^{as} haverão, pura e simplesmente, de considerar como prejudicada e de inútil apreciação toda a demais matéria.

A LIÇÃO DO PROF. FERNANDO OLAVO

Entretanto, eu, como defensor de António Champalimaud, entendo dever chamar a atenção de V. Ex.^{as} para um outro aspecto do problema, dimanante da existência das contas ou depósitos solidários, e que podendo contribuir e embora para solucionar este problema que acabei de expor, possui também relevância autónoma.

Esse problema, tratado já embora nos autos, por parecer do eminente prof. Fernando Olavo, junto a fls. 18.221, poderei equacioná-lo nos termos seguintes:

— Qual a praxe social e jurídica da época no tocante às contas solidárias?

— Qual a convicção generalizada, na época, da generalidade das pessoas, sobre o significado, consequências e efeitos dos depósitos solidários?

O parecer do prof. Fernando Olavo, a que mesmo há pouco me referi, não mereceu lembrança ou citação, nem do ilustre magistrado do Ministério Público, nem do distinto advogado dos assistentes.

Entretanto, esse parecer, para cujo contexto me permito remeter, contém a demonstração clara e exhaustiva, com a citação da legislação e da doutrina, e da jurisprudência pertinentes, de que antes do Código da Sisa e do Imposto sobre Sucessões e Doações — que só viria a ser promulgado em 24/11/1958 (Dec.-Lei n.º 41.969) — «a convicção normal e justificada do comum das pessoas, perante um depósito solidário de dinheiro ou valores, era a de que, após o falecimento de um dos depositantes, os bens depositados pertenciam ao co-titular ou co-titulares sobreviventes, salvo se havia conhecimento de que outra era a vontade de quem constituía a respectiva conta ou diverso o fim para que fora constituída».

Ora, no caso concreto, não só não havia conhecimento de que outra fora a vontade de quem constituía os depósitos solidários, mas, muito pelo contrário, havia exactamente a certeza contrária de que os depósitos solidários traduziam uma das formas inequívocas por que Henrique Sommer manifestara a sua vontade no sentido de operar a transmissão, para suas irmãs, D. Maria Luísa e D. Albana, nas 10.006 acções da Empresa de Cimentos de Leiria, incluindo portanto as 9996 acções a que a acusação se refere.

Essa é a vontade expressa na carta de Henrique Sommer, de 20/10/1942, que toda a gente viria a aceitar: tanto as próprias irmãs de Henrique Sommer, que receberam e usufruíram as acções, tanto a viúva de Henrique Sommer, que foi quem entregou a D. Maria Luísa a carta com a manifestação da vontade daquele, como tanto ainda os

próprios herdeiros testamentários de Henrique Sommer, que durante mais de 15 anos, aceitaram, confessaram e reconheceram que as 9996 acções em causa não estavam integradas no remanescente que lhes havia sido deixado.

A CARTA E O TESTAMENTO DE HENRIQUE SOMMER

Todos, repito, perfeitamente conhecedores da vontade de Henrique Sommer, expressa em complementaridade, na carta e no testamento, acataram o disposto em uma e em outro.

Este aspecto — da complementaridade da carta e do testamento — tenho-o por importantemente relevante.

A carta é, como repetidamente tem sido afirmado, de 20/10/1942.

O testamento foi redigido em 18/1/1943.

Na sua carta, Henrique Sommer manifestou expressamente o desejo de que as suas acções da Empresa de Cimentos de Leiria ficassem a pertencer a suas irmãs D. Maria Luísa e D. Albana.

No testamento nenhuma referência fez Henrique Sommer a estas acções.

Henrique Sommer manteve durante todo o tempo da sua vida, e especificamente, desde a altura em que redigiu a carta até ao seu falecimento, boas relações com suas irmãs —, disse-o aqui perante V. Ex.^{as} aquela distinta senhora, que é a sr.^a D. Adelaide Temudo de Sommer, que aqui depôs, com uma elagância, uma isenção, um apuro, e uma dignidade, que o seu depoimento não pode ter deixado de encontrar profundo eco em V. Ex.^{as}.

Escrita a carta de 20/10/1942, não visou Henrique Sommer anulá-la ou invalidá-la, com a outorga do testamento de 18/1/1943: visou, sim, completá-la, e daí que eu afirme que exista uma verdadeira e indelével complementaridade entre a carta e o testamento.

Se o sr. dr. José Francisco Viegas, em vez das coisas inúteis que andou a devassar, para sua gula pessoal, houvesse antes feito uma diligência que era elementarmente pertinente, qual fosse a de averiguar, quantas acções tinha Henrique Sommer, no ano imediatamente anterior ao da data da carta, nesse próprio ano, e nos que se seguiram até à sua morte, teria visto que Henrique Sommer não vendera uma única das suas acções, e que a partir de Outubro de 1942 os dividendos foram cobrados e exactamente através das entidades onde Henrique Sommer definitivamente as colocara.

A complementaridade da carta e do testamento, poderia considerar-se suficientemente demonstrada pelo que deixo referido. Mas ela comprova-se por muitos outros aspectos mais.

AS PREOCUPAÇÕES DE HENRIQUE SOMMER

A preocupação, o interesse, o carinho, de Henrique Sommer pela sua obra dos cimentos, são de todos conhecidos e ressaltam de múltiplas folhas dos autos.

Seria lógico, aceitável, compreensível e razoável que Henrique Sommer, se tivesse tido alguma ideia de desvalorar a sua carta de 20/10/42, através a outorga do seu testamento de 18/1/43, não se referisse no seu testamento, sequer às acções da Empresa de Cimentos de Leiria — o empreendimento da sua vida —, e cujas preocupações, em relação ao futuro, a sua carta bem retratará?

Seria concebível, que fizesse referência expressa à sua quota na firma Sommer e C.^a Ld.^a, para a deixar aos seus cinco sobrinhos, dividida em partes

iguais, e omitisse completamente a sua intenção de deixar também as acções da Empresa de Cimentos de Leiria, aos cinco sobrinhos, a repartir do mesmo modo em partes iguais?

Com o legado da sua quota de Sommer, visou manifestamente Henrique Sommer que todos os sobrinhos ficassem iguais na divisão da mesma, mas já no tocante às acções da Empresa de Cimentos de Leiria, quis que fossem os mais válidos, aqueles que suas irmãs escolhessem, e os que fossem por elas considerados com dignidade e capacidade suficientes para prosseguirem a obra de Henrique Sommer.

Deverá entender-se, como eu entendo, que a referência a e deixa da quota de Sommer, contidas no testamento — é mais um argumento a conduzir à conclusão de que Henrique Sommer não se referiu no testamento às suas acções da Empresa de Cimentos de Leiria, exactamente porque considerava já fixado o seu destino, para as suas irmãs, através da carta que elaborara menos de três meses atrás, em 20/10/1942, acompanhada das providências da constituição definitiva dos depósitos solidários, e do endosso em branco das acções nominativas, com vista a facilitar o posterior averbamento das acções, a favor de uma das duas irmãs, conforme elas acordassem dividi-las, já que, como consta da carta, a divisão das acções deixou-a Henrique Sommer inteiramente à mútua amizade delas.

Por outro lado, se Henrique Sommer não considerasse a carta com valor transmissivo suficiente, como se compreendia que no testamento ignorasse completamente as suas duas irmãs, com cujo futuro tanto se preocupava ao redigir a carta de 20 de Outubro, na preocupação de que o que lhes deixasse servisse para poderem continuar no mesmo pé de vida em que até então haviam estado?

No testamento, efectivamente, Henrique Sommer só se referiria a D. Maria Luísa, para lhe deixar o jazigo, assim como a quota na Sociedade Edificadora Económica, Ld.^a, Sociedade de beneficência, sem rendimentos e tão só com encargos.

Então Henrique Sommer, ele, que na carta de 20 de Outubro, foi ao pai que dirigiu as últimas referências, pedindo a Deus que, por morte dele, Henrique Sommer, pudesse ser realizado o desejo de Henrique Oliveira Sommer, de se alcançar a união de todos os irmãos, ele, que na mesma carta se referia à Empresa de Cimentos de Leiria como «a obra do nosso pai», iria esquecer-se, completamente, de D. Maria Luísa, a menina e filha querida do pai falecido, a casa de quem, durante a vida de Henrique de Oliveira Sommer, iam reunir-se todos os irmãos às quartas-feiras, nos jantares que às quartas-feiras se celebravam, e que continuaram a realizar-se, mesmo depois da morte do pai, na mesma casa de D. Maria Luísa (onde o pai vivera) e nas mesmas condições?

A casa de D. Maria Luísa, que era o centro sentimental da família — como a definira a própria D. Maria Isabel Brasão de Sommer, a fls. 14.896 dos autos!

Seria por parte de Henrique Sommer, esse desconhecimento completo de suas irmãs no testamento, na medida em que quisesse entender-se que, com a outorga do testamento, ele havia querido revogar a carta, seria, dizia eu, uma atitude perfeitamente maneirada, contrária à sua maneira de ser, ao seu afecto a suas irmãs, ao respeito à memória do pai, à própria tradição que ele também tanto respeitava.

Aliás, para além de se compreender a atitude de Henrique Sommer, através da praxe social

e jurídica na época, e no tocante ao significado, efeitos e consequências das contas solidárias, outros motivos, necessariamente compreensíveis e válidos, se podem encontrar a explicar as razões pelas quais Henrique Sommer terá adoptado o recurso aos depósitos solidários, conforme a transmissão, que tinha por válida, e que toda a gente na época considerava válida, das acções para as irmãs.

OS MOTIVOS FISCAIS DA ACTUAÇÃO DE HENRIQUE SOMMER

Henrique Sommer — tudo quanto dos autos ressalta a respeito da sua personalidade, da sua maneira de ser, da sua capacidade — era um homem simultaneamente idealista e prático, com capacidade para edificar e montar um sonho industrial mas com coragem quotidiana para enfrentar as dificuldades dali decorrentes.

Encontram-se referências no processo a dificuldades verificadas nos primeiros anos do lançamento da Empresa de Cimentos de Leiria, dificuldades em que teve de recorrer a favores de amigos — disse-o por exemplo aqui o sr. eng.^o Carlos Alves — para fazer face à satisfação de encargos prementes.

Outras referências há, por exemplo, ao facto de ter de vender um automóvel em determinada altura, para fazer face ao pagamento de salários aos seus operários.

Tudo isso, permitia-lhe ver a vida sob um aspecto eminentemente prático que o determinaria a encarar lucidamente os problemas inerentes à satisfação de encargos, que a própria transmissão dos seus bens gerasse.

Henrique Sommer não ignorava necessariamente, que a transmissão por outra via que não fosse o recurso às contas solidárias, implicaria num pesado imposto sucessório — então denominado «contribuição de registo» (Regulamento de 23/12 de 1899 e decreto n.º 4692, de 13/7/1918).

Ao valor da época, valor da cotação, as suas 3024 acções nominativas valiam 2.268.000\$00, sob o qual incidia uma taxa escalonada que chegava a alcançar 20 por cento do valor das acções e ainda uma taxa uniforme de 4 por cento, o que tudo arrastaria ao pagamento de um quantitativo de 524.200\$00 — quantitativo que teria de ser pago, na proporção de metade para cada, por uma das suas irmãs.

Henrique Sommer sabia perfeitamente que nenhuma das suas irmãs vivia em condições de desafogo material, que lhes permitisse pagar tão vultosa importância para a época, sem que houvessem, ou de proceder a alienações de bens, ou à criação de onerosos encargos.

A preocupação de Henrique Sommer era a de não deixar encargos — paguem as dívidas que eu tiver ou por força do meu crédito sobre Vulcano e Colares, ou dos meus suprimidos em Sommer — mas mantinham intactos os valores.

Isto para ele constituía uma regra de conduta, um princípio; e tanto assim que, no tocante às próprias 100 acções da Empresa de Cimentos de Leiria, que caucionavam o seu cargo de administrador, e que viria a atribuir pelo testamento, na proporção de metade por cada um, para os seus colegas de administração, eng.^o Gastão Benjamim Pinto e José Sommer Ribeiro, também em relação à contribuição que onerava fatalmente a sua transmissão em relação a tais acções, Henrique Sommer, para facilitar a sua transmissão sem encargos, estatuiu no testamento que ficasse a cargo dos herdeiros o pagamento da contribuição respectiva.

UM LAPSO DO PROF. FIGUEIREDO DIAS

O sr. prof. Figueiredo Dias, com a juventude que naturalmente o caracterizará, não se terá apercebido de que aquilo que é hoje denominado imposto sobre sucessões, na década de 40 era designado «contribuição», «contribuição de registo», e só esse desconhecimento explica (porque nos custa a acreditar que a afirmação pudesse ser produzida de má fé), que tenha vindo a interpretar este passo do testamento, como significando que os herdeiros é que deveriam prestar a contribuição dessas 100 acções, por força da totalidade das acções que possuíam à data da sua morte.

A motivação fiscal é um aspecto prático, que, pelos olhos da época, explica, só por si, o recurso não só frequente mas até usual, à constituição de contas solidárias.

Mas outras razões práticas, é bem possível, que tenham sido consideradas por Henrique Sommer.

Historiou depois o dr. Palma Carlos uma querela judicial que em 1910 foi travada entre o pai de Henrique Sommer — Henrique Oliveira Sommer — e o genro deste, João Osório, casado com D. Albana Sommer, a qual, segundo o causídico, pelos problemas que suscitou; teria também contribuído para a solução adoptada por Henrique Sommer na transmissão das acções para suas irmãs, através do recurso às contas conjuntas solidárias.

Acresce que, tudo isto foi perfeitamente entendido por todos os familiares de Henrique Sommer: por sua irmã beneficiária com os depósitos solidários; por sua viúva que se apropriou das acções postas em conta solidária com ela, e não regateou a sua comunhão nas restantes; pelos herdeiros testamentários de Henrique Sommer, entre os quais todos os pretensos ofendidos nestes autos, e o próprio arguido.

Aceitação generalizada, portanto, da vontade de Henrique Sommer, manifestada em complementariedade, em dois momentos quase simultâneos no tempo, embora através de dois escritos diversos, das suas determinações sucessórias.

Aceitação generalizada pelos interessados; aceitação e compreensão também por toda a roda íntima, a amigos e conhecidos, funcionários e dependentes mais directos de Henrique Sommer, por todos quantos, enfim, tiveram conhecimento da apropriação de todas as acções pelas senhoras D. Maria Luísa e D. Albana, que as consideravam únicas proprietárias delas.

CARLOS CHAMPALIMAUD TERÁ PENSADO: JA QUE NÃO VENHA METADE, QUE VENHA UM QUINTO!

É perfeitamente espantoso, que o sr. Carlos Champalimaud, tantos e tantos anos após, tenha levantado um problema que nunca havia existido, que se tenha lembrado, de, através uma interpretação tardia de regras de direito, de vir sustentar, que afinal de contas a vontade de Henrique Sommer que ele expressamente acatara, não tinha valor legal, e que a tal vontade se haveria que sobrepor o acatamento de regras legais.

Tardia posição a do sr. Carlos Champalimaud — mormente se tivermos presente o que V. Ex.^{as} perfeitamente sabem e nós demonstraremos, que só se lembrou de assumir tal posição ao convencer-se que metade das acções de Henrique Sommer que tinham revertido para sua tia Albana, de quem ele se presumia seguro herdeiro, não lhe iriam afinal parar às mãos.

O caso herança Sommer

Nessa altura, e só nessa altura, Carlos Champalimaud diria: se não vem metade, venha ao menos um quinto!

Daí que Carlos Champalimaud, na guerra de inveja e ambição que desencadeara contra seu irmão António, haja introduzido a batalha de disputa das acções de Henrique Araújo de Sommer.

Não de coíbria sequer de levantar suspeições, sobre a carta que sempre conhecera, e sobre a entrelinha que nela apusera Henrique Sommer, já depois de a haver escrito, com vista a afirmar por forma mais clara o seu desejo de que as suas acções da Empresa de Cimentos de Leiria, viessem a ser transmitidas por D. Maria Luísa e D. Albana, não eventualmente a todos os sobrinhos, mas àqueles, só àqueles, que melhores garantias oferecessem de dar continuidade à sua obra.

EXISTÊNCIA E AUTENTICIDADE DA CARTA DE HENRIQUE SOMMER

Como veremos, a carta de 20/10/42 de Henrique Sommer, foi logo conhecida de todos, praticamente logo após o falecimento do mesmo Henrique Araújo Sommer.

Até Carlos Champalimaud, ouvido em 7/2/1966, pelo inspector dr. Manuel Fernandes, não deixaria de confirmar que «talvez umas semanas ou até meses depois da morte de Henrique Araújo Sommer, o declarante teve conhecimento de que seu tio teria manifestado a vontade de que as suas acções dos Cimentos de Leiria ficassem nas mãos de suas duas irmãs, D. Albana e D. Maria Luísa, e viessem depois, por morte delas, para os seus sobrinhos».

Acrescentaria até supor que nessa altura também lhe foi dito

que essa manifestação de vontade teria sido feita por uma carta.

No entanto, prosseguiu, só em 1956 «é que pediu vista dessa carta a sua tia D. Maria Luísa».

Isto passava-se, repito, em 7/2/1966.

Como também V. Ex.ªs sabem, e eu documentarei, em 1956, Carlos Champalimaud não só viu a carta, mas pediu-a por empréstimo a sua tia Maria Luísa e até a fotocopiou.

Portanto, em 7 de Fevereiro de 1966, Carlos Champalimaud não levantou quaisquer dúvidas quanto à autenticidade da carta.

Pelo contrário, confirmou que:

«Sim senhor, pouco tempo depois da morte de Henrique Sommer tinha ouvido falar numa transmissão das acções para as suas tias e que a transmissão se teria operado até através duma carta».

Disse depois que em 1956 tinha pedido vista dessa carta à sra. D. Maria Luísa.

E não levantou dúvidas nem quanto à existência nem quanto à autenticidade da carta.

Mas o senhor Carlos Champalimaud, como V. Ex.ªs viram nesta audiência de julgamento, é uma pessoa que de um momento para o outro, de um dia para o outro, toma posições antagónicas em relação às que na véspera tinha tomado.

Portanto, tendo dito o que eu transcrevi, em 7 de Fevereiro de 1966, logo no dia imediato — 8 de Fevereiro de 1966 —, o sr. Carlos Champalimaud, quando lhe foi perguntado qual o sentido que atribuía a uma expressão contida na carta, objectou:

«Antes de mais, e embora julgue reconhecer a caligrafia de meu tio na fotocópia da carta junta ao processo considero de boa prudência que seja submeti-

da a exame por peritos, a fim de determinares a sua autenticidade».

O RELATÓRIO DA POLÍCIA CIENTÍFICA

E o sr. Carlos Champalimaud que sempre tinha ouvido falar na carta, que a tinha visto já dez anos atrás, de um dia para o outro pede que se efective um exame sobre a caligrafia da carta para determinar a sua autenticidade.

A suspeição levantada por Carlos Champalimaud mereceu logo toda a atenção do sr. inspector especial, o qual determinou que a carta fosse examinada no Laboratório de Polícia Científica, que emitiu o seu parecer em 18 de Abril de 1966 no sentido da indiscutível autenticidade do documento.

E o que consta do relatório do laboratório da Polícia Científica de fls. 7693 dos autos:

É indiscutível a autenticidade da carta de Henrique Araújo de Sommer.

E não só da carta, também do próprio envelope, porquanto como se vê do relatório pericial que foram submetidos a exame, não só a carta mas também o envelope.

A carta é restituída — e é já no decurso do julgamento que o meu distinto colega sr. dr. Sídónio Rito apresenta o original da carta em audiência — na sessão de 20 de Julho de 1970, tendo-a o tribunal dado a examinar ao sr. Carlos Champalimaud.

Carlos Champalimaud, con-

firmando então, nessa sessão de julgamento de 20 de Julho de 1970, que sua tia D. Maria Luísa lhe facultara o original da carta, em 1956, mas acrescentou, não ter ideia «de a mesma lhe ter sido entregue com o envelope onde ela se encontra agora metida».

O ANEL DE BRASÃO DE HENRIQUE SOMMER

Carlos Champalimaud examinou sumariamente o envelope da carta, e logo lançou para os ares e para os ouvidos de V. Ex.ªs, as suas habituais e novas suspeições.

«Nunca viu seu tio Henrique lacrar qualquer carta e muito menos com tal sinete, sendo certo que ele tinha um anel-brasão que nunca usava. O que o declarante estranha é que seu tio, numa carta dirigida às irmãs, e que se diz entregue a sua esposa, a tivesse fechado e lacrado. Seu tio era uma pessoa, pelo menos razoavelmente delicada, tendo o declarante a convicção que ele nunca faria uma coisa dessas» (a fls. 9677).

O Tribunal insiste com Carlos Champalimaud, inquirindo-lhe «se encontra em seu entender, algo que lhe possa merecer reparo no original da carta».

Carlos Champalimaud — perfeitamente conhecedor da carta, que já tivera entre mãos, como todos nós sabemos muito bem, e ele próprio reconhece e confessa (em 1956), resolve aproveitar-se do ambiente «simpático» do Tribunal, e resolve

sugerir, com a capacidade invencionalista do momento, que demonstrou constantemente possuir, Carlos Champalimaud, repito, lançou para o ar uma nova suspeição:

«Emora não seja técnico, considera que a letra, isto é, a caligrafia da entrelinha «mas aqueles» não foi feita por quem escreveu o texto da carta, ou seja por seu tio».

Além de controlador da prova, Carlos Champalimaud é equiparado a perito da Polícia Científica, e o Tribunal dele inquirir — é o que consta da respectiva acta a fls. 9677, v — «se a tinta e a época em que foi escrita a entrelinha seriam as mesmas em que foi escrito o texto da carta».

V. Ex.ªs sabem perfeitamente como Carlos Champalimaud era receptivo a qualquer sugestão, a qualquer aliciação que uma pergunta deste género lhe permitisse.

Portanto, Carlos Champalimaud, opanete, lança nova suspeição:

«Não lhe parece que a época e a tinta — do texto da carta e a sua entrelinha, — sejam os mesmos».

E quando diz uma coisa, logo acrescenta mais um ponto:

«que nem sequer teriam sido escritas pela mesma caneta e pelo mesmo punho.» (a fls. 9677, v)

E não se fica por aqui, Carlos Champalimaud.

Perante estas suspeições por ele levantadas, o Tribunal manda indagá-lo se ainda tem em seu poder qualquer fotocópia da

carta, que oportunamente mandara tirar.

Evidentemente se se descobrisse que a fotocópia da carta não continha a entrelinha, era um triunfo clamoroso para o sr. Carlos Champalimaud.

UMA FOTOCÓPIA QUE NUNCA APARECEU

Mas, claro, o sr. Carlos Champalimaud, que tinha tirado a fotocópia da carta, carta que sempre fora igual desde o princípio, nunca apresentou essa fotocópia.

V. Ex.ªs ordenaram-lhe para proceder à indagação sobre se tinha qualquer fotocópia da carta, daquelas que mandara tirar «no mais curto lapso de tempo possível» — mas até hoje Carlos Champalimaud nem sequer foi perguntado, não há nada nos autos onde se faça referência a isso, sobre qual tinha sido o resultado da sua indagação.

A Carlos Champalimaud é dada uma ordem pelo Tribunal, e Carlos Champalimaud não deu nenhuma satisfação nem nenhum elemento sobre o ordenamento de V. Ex.ªs.

Nem ele a deu, nem V. Ex.ªs lhe perguntaram.

O corregedor-presidente, dr. Bernardino de Sousa, interrompeu nesta altura o dr. Palma Carlos para esclarece-lo que Carlos Champalimaud «respondeu verbalmente».

Ao que o dr. Palma Carlos replicou:

— Sr. dr. Juiz, eu não estava

Continua na pág. 19

Centro Hospitalar de Coimbra

No dia 27 de Abril de 1973 o HOSPITAL GERAL CENTRAL DA COLÓNIA PORTUGUESA DO BRASIL inicia a admissão de doentes nos seus **Serviços de Internamento.**

No mesmo dia abrem os **Serviços de Consultas Externas**, com o seguinte horário:

MEDICINA GERAL

— Dias úteis das 9 às 11 horas e das 17 às 19 horas.

CARDIOLOGIA

— 2.ª e 5.ª feira das 9 às 11 horas e das 17 às 19 horas.

DIABETES

— 4.ª feira das 9 às 11 horas e das 17 às 19 horas.

CIRURGIA GERAL

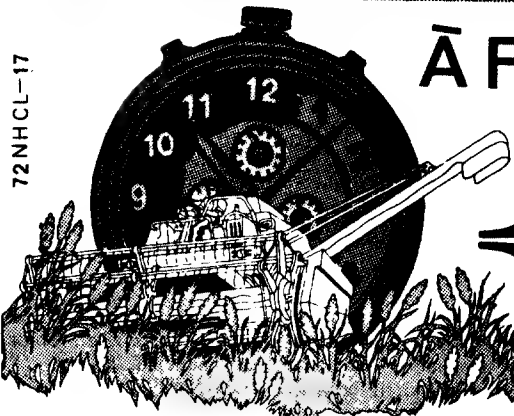
— Dias úteis das 9 às 11 horas e das 17 às 19 horas.

UROLOGIA

— Dias úteis das 9 às 11 horas e das 17 às 19 horas.

Coimbra, 23 de Abril de 1973.

O Presidente da Comissão Instaladora,
Bissaya-Barreto



**À FRENTE DO TEMPO COM
CEIFEIRAS**

**NEW HOLLAND
CLAYSON**

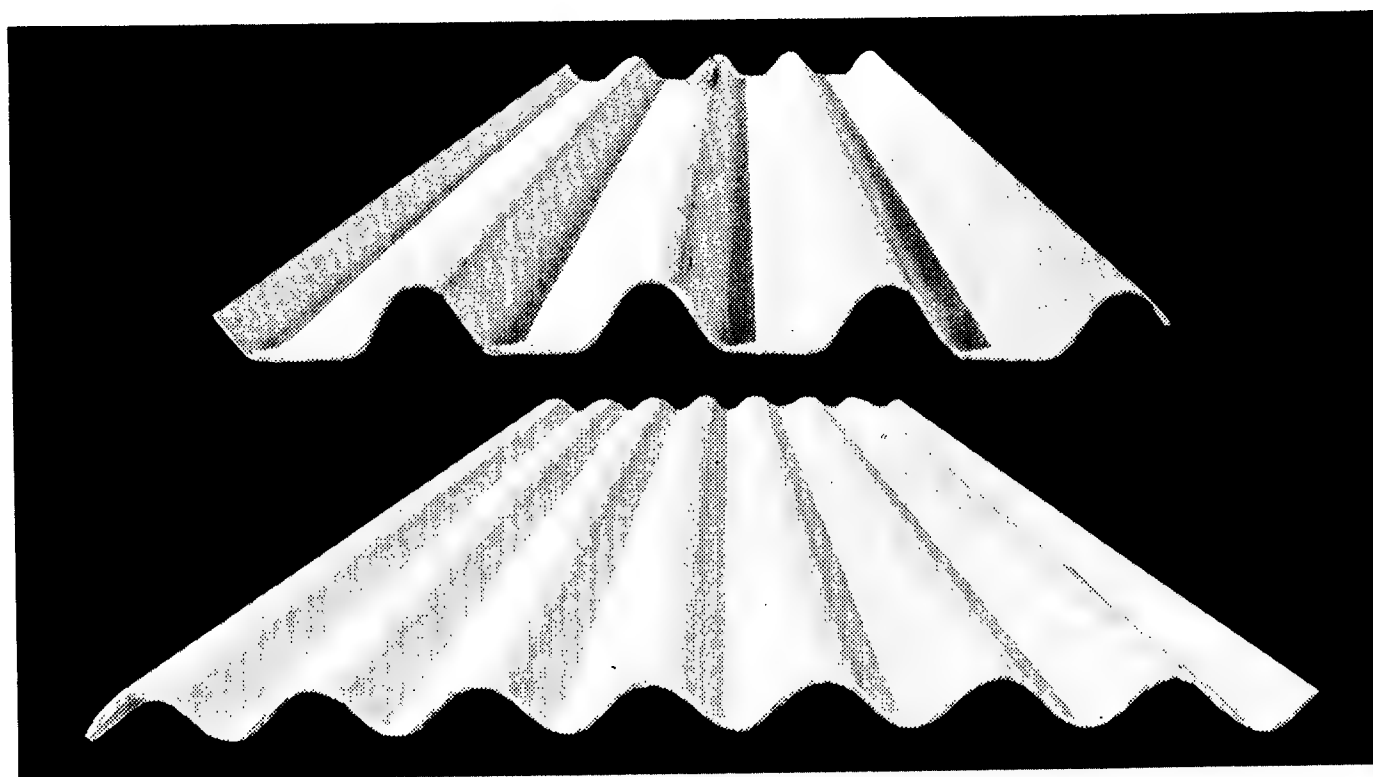
EXISTE SEMPRE UM MODELO CLAYSON
ADEQUADO ÀS SUAS NECESSIDADES

SOLICITE-NOS INFORMAÇÃO COMPLETA

J. J. GONÇALVES, SUCRS. C. I. S. A. R. L. ao serviço da lavoura

AZINHAGA DOS LAMEIROS — (ESTRADA DO PAÇO DO LUMIAR) — LISBOA-4 — TEL. 794095/8

coberturas não cobrem apenas espaço cobrem também tempo



MARCA 73-Cim.1

As duas novas chapas
Cimianto
significam mais espaço coberto
em menos tempo!

SUPER LONGA CIMIANTO – PERFIL SC

SUPER LARGA CIMIANTO – PERFIL 7

Uma novidade no traçado de coberturas
resultante de investigação técnica
e comercial

—As chapas PERFIL SC, propõem modernas soluções arquitectónicas sobretudo para aplicação em espaços que exijam coberturas extensas. O traçado desta chapa apresenta, para além das suas soluções técnicas, a originalidade duma linha esteticamente actual.

—As chapas PERFIL 7 substituem os actuais PERFIS de 6 ondas com as vantagens dum aproveitamento racional de novas dimensões e maior economia, não só na cobertura de espaços, como na utilização de mão-de-obra.

Instalações Industriais – Armazéns – Hangares – Empenas – Moradias – etc.

estes novos perfis de chapas constituem soluções de coberturas
• renovadoras
• estéticas
• económicas

Cimianto

O caso da herança Sommer

Continuação da pág. 17

cá sequer nessa altura, portanto tenho que me ater ao que está nos autos. Nós passamos a vida aqui a dar expressão material a tudo quanto se passava na sala de audiências, e eu tenho direito de me ater simplesmente a essa expressão material.

— O que está é dada explicação para o facto de não ter apresentado a fotocópia, afirmou o dr. Bernardino de Sousa.

— Mas — continuou o dr. Palma Carlos — V. Ex.^a reconhecerá que havia conveniência em reduzir aos autos essa afirmação.

Efectivamente, em qualquer hipótese, o que eu vejo é que há nos autos um despacho a mandar o sr. Carlos Champalimaud a tomar uma atitude processual e que o sr. Carlos Champalimaud não a tomou, nem o Tribunal lhe exigiu que ele tomasse posição clara e franca sobre um problema que tinha sido levantado no processo.

Ora como é que podemos interpretar isto?

Carlos Champalimaud tinha necessariamente a fotocópia — ele não ia perder um documento desses — fotocópia que tinha a entrelinha, e como ele pusera em dúvida a autenticidade da entrelinha no julgamento, nunca mais apareceria com o documento.

Preferia manter nos autos, como no fundo ficou mantida, a suspeição que tinha levantado.

Porque a verdade é que a suspeição ficou de pé por Carlos Champalimaud se ter recusado a trazer ao processo a fotocópia da carta, que tinha necessariamente.

E então, o sr. Carlos Champalimaud resolve lançar as suas suspeições para um outro campo.

A entrelinha estava lá: à entrelinha já não podia ser negada a sua autenticidade.

UMA ENTRELINHA...

Então levanta suspeições sobre a autenticidade da entrelinha. E não se coíbiu de dizer que esta devia ser do punho de António!

Diz o sr. Carlos Champalimaud, a fls. 9682:

— Esta (a entrelinha da carta) parece-lhe ter sido feita por seu irmão António, designadamente por causa do V ou marca que a assinala, que lhe dá uma certa semelhança com outras intercalações feitas nos escritos por seu irmão António.

E disse mesmo expressamente:

«Parece-lhe que a caligrafia da entrelinha se assemelha à do seu irmão António.»

Mas as suspeições de Carlos Champalimaud vão mesmo ainda mais longe — porque assim como seu pensamento evoluiu de sete para oito de Fevereiro de 1966 evoluiu de 20 para 22 de Julho de 1970, isto é de uma sessão de julgamento para a outra.

Efectivamente, na sessão de 20 de Junho, como disse, Carlos afirmou que nunca vira o tio Henrique lacrar qualquer carta «e muito menos com tal sinete sendo certo que ele tinha um anel de braço».

Perguntaram V. Ex.^{as} na sessão de 22 de Julho:

«Onde é que actualmente se encontra tal anel?»

Nova suspeição de Carlos Champalimaud:

«O referido anel foi atribuído a seu irmão António e a última vez que o viu foi numa vitrine em casa deste.»

Portanto, António Champalimaud não se teria limitado a apor a entrelinha, falsificando o contexto da carta, como teria utilizado para fechar o envelope o anel que tinha sido do Henrique Sommer.

Mas aqui Carlos Champalimaud já tinha a adesão e o apoio do seu irmão Henrique.

Evidentemente, num passo mais adiantado das alegações, V. Ex.^{as} terão de me ouvir um descritivo sobre as razões porque Henrique Champalimaud, que durante toda a maior parte do ano de 1957, esteve efectivamente ao lado de António, compreendendo perfeitamente a atitude injustificada de Carlos Champalimaud, a partir de certa altura passou a alinhar ao lado de Carlos, mentindo então não menos do que este, nestas audiências de julgamento. E se só mentiu menos, é porque teve a cobertura necessária, através dos atestados médicos emanados da cadeia de Caxias, dizendo que ele estaria impedido de prosseguir na prestação das suas declarações.

As razões porque Henrique Champalimaud não quis continuar a prosseguir na prestação das suas declarações também serão analisadas.

Henrique Champalimaud é ouvido sobre a carta e alinha imediatamente nas mesmas suposições de Carlos.

Eles compreendiam perfeitamente que tinham de descobrir na actuação de António, qualquer coisa de muito grave — e tratando-se, como se tratava, de análise de duas pequenas palavras, podia ser até que a coisa pegasse...

O que é verdade é que, em face das declarações prestadas por Carlos que já referi, e em face das afirmações de Henrique que passo a ler, o exame à entrelinha foi ordenado.

António Champalimaud não se arreou e de nada arreava.

Só lamenta — tenho dito a V. Exas. — que tantos outros exames que ele requereu tivessem sido indeferidos. Porque seriam tão inconducentes como foi o exame à entrelinha.

O que disse Henrique Champalimaud?

Lembro a V. Exas. este mimo:

«Quando seu irmão Carlos lhe mostrou a fotocópia da 'carta' entre mil novecentos e cinquenta e oito e mil novecentos e cinquenta e nove, pois não tem a certeza da data, não notou nela a entrelinha que lhe é dado ver agora no original, tendo o declarante fixado de memória a frase que na fotocópia se encontrava como sendo a seguinte: — '...aos sobrinhos que mais garantias dessem...' e não como se vê no original da carta '...sobrinhos mas aqueles que mais garantias dessem...' Acrescenta ainda que o 'entrelinhado' não lhe parece ter sido feito na mesma altura em que foi feita a carta, nem com a mesma tinta, nem com a mesma caneta, não lhe parecendo também a caligrafia do 'entrelinhado' e da carta seja do mesmo punho, designadamente por virtude da letra 'q'.

Diz que se lhe fossem mostradas isoladamente as palavras constantes da entrelinha não as identificava como sendo de seu tio Henrique. Que este seu tio tinha um anel de braço que servia de sinete, anel esse que ficou para seu irmão António o que sabe por ter visto seu tio usar esse anel no dedo mínimo, e que sua tia Maria Luísa o deu àquele seu irmão, pouco depois da morte do tio, por ser o mais velho e numa ocasião em que foram jantar a casa daquela tia, facto que ocorria quase uma vez por semana».

Acrescentaria ainda que, sem saber quem teria sido o autor da entrelinha esta só poderia interessar a seu irmão António. (a fls. 9.682 v.º)

Esta atitude assim assumida por Carlos Champalimaud e por seu irmão Henrique — aliada à não apresentação da fotocópia ordenada, — determinaria o Tribunal a mandar proceder a exame pericial da entrelinha.

A falsíssima suspeição dos dois assistentes como aliás também de D. Maria Ana, viria a ser redondamente desmascarada

pelo exame pericial, que concluiria, como se vê nas conclusões do respectivo relatório, que a entrelinha era da autoria do mesmo punho que escrevera a carta, embora com tinta diferente.

Verifica-se portanto:

— só os assistentes puseram em dúvida a veracidade e autenticidade da carta;

— só os assistentes puseram em dúvida a veracidade e autenticidade da entrelinha;

— mas como a autenticidade da carta e da entrelinha são factos indiscutíveis, comprovados por exames periciais, no laboratório da Polícia Científica, damos por assente a existência e autenticidade da carta de Henrique de Araújo Sommer e vamos ver em que condições é que a carta chegou às mãos de D. Maria Luísa.

A CARTA ESTAVA NA POSSE DA VIÚVA DE HENRIQUE SOMMER

Já disse que Henrique Sommer, após haver escrito a carta de 20/10/1942, — confiou-a à guarda de sua esposa, D. Palmira Diogo da Silva Sommer, após a haver fechado e lacrado com o seu sinete, e de, também por seu próprio punho, haver escrito no envelope, tal como V. Exas. podem ver, no original deste que se encontra a fls. 16.380 dos autos:

«para por minha morte ser entregue às minhas irmãs Luísa e Albana».

D. Palmira Sommer era «uma pessoa boa», — como a definiu D. Adelaide Themudo de Sommer, aqui perante V. Exas.

A própria assistente Maria Ana Champalimaud Jardim, a definiria como «vivendo para os pobres, pois era uma santa senhora. Tinha-a na conta de uma pessoa honestíssima».

D. Palmira Sommer, portanto, honestíssima — na expressão que transcrevi de boca da própria sra. D. Maria Ana — não deixaria, como efectivamente não deixou, de, após a morte de seu marido, acatar a vontade que ele lhe expressara, de que fizesse a entrega da carta a suas cunhadas.

A entrega da carta por D. Palmira a D. Maria Luísa acha-se comprovada e documentada em vários passos dos autos.

A corroborar esta afirmação, o dr. Palma Carlos citou vários depoimentos prestados no processo, entre os quais destacou o de D. Adelaide Themudo de Sommer — cunhada e grande amiga de Henrique Sommer — os de José de Sommer Ribeiro e seu filho José Pedro de Sommer Ribeiro — ambos primos e dos mais chegados colaboradores de Henrique Sommer na Empresa de Cimentos de Leiria — e ainda os depoimentos de Hermenegildo Wagner, António Bayard, e Jaime Gaspar Pinto, todos colaboradores e amigos de Henrique Sommer.

E afirmou depois o causídico: Perante estes testemunhos unânimes, categorizados e claros, — quem encontram V. Exas., a produzir afirmações contrárias? Quem? Quem senão os manos Carlos e Henrique Champalimaud?

Quem mais além deles, foi ca-

paz em todo este processo de mentir declarada e constantemente, mudando sucessivamente as suas versões, ao sabor das suas conveniências, e sempre, e só, ao serviço das suas repugnáveis ambições?

Quem, senão Carlos e Henrique Champalimaud?

«UMA TRAMÓIA» — DIZ CARLOS CHAMPALIMAUD

Para Carlos Champalimaud «as declarações das tias (que atrás já li a V. Ex.^{as}), não passam de uma tramóia que lhes foi imposta pelo seu sobrinho António, pois elas não tinham interesse nem imaginação para isso».

(a fls. 9683 v.º)

A fls. 9683, continua o sr. Carlos Champalimaud, na sua distintíssima e elevada linguagem, e até na sua inteligentíssima maneira de raciocinar:

«Não acredita que fosse sua tia Palmira a entregar a carta a sua cunhada ou cunhadas e, sobretudo se a tal fosse de atribuir o valor que mais tarde lhe atribuíram, pois que — pasmem V. Ex.^{as}! — sendo a tia Palmira muito grata à memória do pai do declarante por ao tempo em que exercia clínica a ter salvo, segundo ela dizia, da pneumónica, não teria deixado de, ao menos em conversa, ter referido a existência e a entrega de tal carta!».

a fls. 9683 v.º e 9684)

Portanto, para o dr. Carlos Champalimaud ter tratado a sr.^a D. Palmira da pneumónica, entendia o sr. Carlos Champalimaud que não podia a D. Palmira deixar de referir-lhe, a ele, que lhe tinha sido entregue uma carta...

V. Ex.^{as} vêem que a relação dos factos é perfeita e inteligentíssima!

E com aquela capacidade de invencionice, que não é demasiado realçar, e de que durante todo este julgamento Carlos Champalimaud deu tantas provas, logo emitiu ele a sua «suposição»:

«Supõe o declarante que tal carta foi entregue pelo seu irmão António quando lhe veio fazer-lhe, isto é, quando resolveu enveredar por este caminho, pois deve ter preparado e congeminado vários caminhos ou tramóias».

(a fls. 9684)

É evidente que «suposições» deste género, como centos delas de que o sr. Carlos Champalimaud fez recheiar os autos, nem sequer deviam ter nestes cabimento.

Mas a sua consignação não deixou de oferecer por outro lado certa utilidade, pois que, através dela, melhor se pode compreender a falsidade das suas acusações.

Carlos Champalimaud «invencionou» no momento. Posto perante qualquer dúvida, imediatamente põe a imaginação a trabalhar, e desmente com impressionante descaro, o que já antes declarara. Muitas outras vezes — porque quem mente nunca é seguro — produz afirmações contraditórias a afirmações anteriores, contradizendo-se clamorosamente.

CAPACIDADE DE INVENCIONICE

Vejamos, por exemplo, estas suas afirmações, no sentido de que a carta de Henrique Sommer, fora dirigida por este só a sua irmã Maria Luísa:

«Só agora em julgamento, vendo o envelope, é que verifico com certa surpresa que o mesmo é dirigido não só à tia Maria Luísa, como à própria tia Albana».

Mas então a própria carta não é dirigida por Henrique, expressamente às «minhas queridas irmãs Luísa e Albana»?

Não é exactamente esse o intróito da carta?

E Carlos Champalimaud não o sabia, se já antes havia confessado em julgamento, a fls. 9554 v.º, que no 2.º semestre de 1956, tinha pedido a sua tia Maria Luísa que lhe mostrasse a carta, e que esta não só lhe mostrou como até lhe emprestou, restituindo-lha Carlos algum tempo depois de ter mandado tirar uma fotocópia da mesma?

Logo, se Carlos vira a carta, a tivera consigo, e até a fotocopiara, — não sabia que ela era endereçada a suas duas tias e não apenas a uma só?

Porquê, então, a sua surpresa, em julgamento, de ver que a carta era dirigida a ambas?

Mas as mentiras de Carlos Champalimaud, encandeiam-se umas nas outras.

Na verdade, quando a fls. 9554 v.º dos autos descreve os factos a que imediatamente atrás faço referência, afirma também que foi por sua tia D. Albana, e na mesma época — 2.º semestre de 1956 — que teve conhecimento da existência da carta de seu tio Henrique.

Insistiu nessa afirmação, em nova sessão de julgamento — a fls. 9645 v.º — que só por D. Albana é que soubera da existência da carta, procurando então por indicação dela tomar conhecimento do seu conteúdo.

Desta vez, Carlos não demo-

rou uma sessão para se desmentir a si próprio.

Esta afirmação de Carlos teve logo de ser desmentida por ele mesmo, na própria sessão de julgamento em que vinha de proferi-la, nos seguintes termos e pelas seguintes razões que de suas próprias declarações se extrac-

tam: «Neste momento pelo declarante foi dito que falando com seu irmão Henrique no intervalo desta sessão, este disse-lhe que em determinada altura lhe referira que seu irmão António lhe revelara que existia uma carta do seu tio Henrique na qual deixava as acções da Empresa de Cimentos de Leiria às tias Luísa e Albana. O declarante em face da conversa havida agora com seu irmão Henrique recorda-se de, efectivamente, ele lhe ter falado nesse assunto e recorda-se também de ter abordado o seu irmão António sobre a existência da carta, o qual o tranquilizou dizendo-lhe que o Henrique ou ouvia mal ou não entendia nada disso, não podendo já recordar-se com precisão da exacta maneira como o referido seu irmão António se exprimiu. Que isto se passou por cerca dos fins de 1945 ou princípios de 1946.»

(fls. 9647)

Este sr. Carlos Champalimaud é perfeitamente espantoso!

E espantos é que — através dos vícios e irregularidades que aponte no início da minha intervenção — lhe tenha sido possível alcançar a pronúncia de António Champalimaud.

Quer dizer: são apenas os assistentes, só eles, que contra as afirmações da própria D. Palmira, trazidas até V. Ex.^{as} através da voz de Lima Bayard, das próprias senhoras D. Maria Luísa e D. Albana, contra tantos testemunhos qualificados que citei a V. Ex.^{as}, se permitiram aqui, com perfeito despudor, sem produzirem um único elemento de prova, se permitiram meramente através de suspeições, que não corroboram com o mais ínfimo elemento concreto, — contrariar aquilo, de que V. Ex.^{as} não podem deixar de estar seguros, e que têm necessariamente de dar como provado: que a carta de Henrique de Araújo Sommer de 20/10/42, foi entregue por sua viúva, D. Palmira Diogo da Silva Sommer, a sua cunhada D. Maria Luísa Araújo Sommer.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido no «Café Oceano» Cortes Silva Vieira, Leonel R. Portas de Portugal — LAGOS

PORTUGÁLIA EDITORA

publica ao alcance
de todas as bolsas

A FAMÍLIA BELLAMY, 60\$00

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO PAÍS

MORADIA

Em muito bom local da Praia das Maças, c/ linda vista, composta de r/ch., 1.º andar e sótão, garagem e jardim c/ área de 1000 m2 aprox. Preço 800.000\$. Trata F. Fernandes & Costa, Lda, Av. Almirante Reis, 104, 2.º Telefone 823231 — Lisboa.

AGENCIA ABREU
PASSAPORTES
Av. Liberdade 160

DL/DESPORTOS

FUTEBOL INTERNACIONAL

Real Madrid-Ajax: uma questão de prestígio

Mais do que uma eliminação da Taça mais importante do futebol europeu, joga-se esta noite nos estádios do Real Madrid e do Derby County uma questão de estilo e método futebolísticos. Na competição entre o futebol força-ciência, de holandeses e ingleses e o futebol arte e improvisação de grupos racionais latinos, quem triunfará? As possibilidades dos dois grupos latinos (Real e Juventus) parecem mais de considerar e, se assim for, as consequências poderão repercutir-se para além do próprio terreno de jogo, já que será posta em causa toda uma moda do futebol britânico, todo um estado de espírito que se predispõe a aceitar como exemplo a seguir os métodos e processos dos subditos da loira Albion. Estado de espírito esses muito enraizado, actualmente, entre nós e que se reflecte na procura insana de treinadores de ascendência britânica ou da Europa Central.

Mas esta é questão intrínseca ao jogo, se bem que muito susceptível de vir a ser por ele influenciada. No puro campo dos noventa (ou 120) minutos a disputar (segundo a segunda) nas cidades de Derby e Madrid, o que temos de conferir é o resultado. E esse conta na base do que aconteceu antes.

O Ajax vem à Península Ibérica com a vantagem de um golo apenas, vantagem essa que pode facilmente ser reduzida a cisco, se os seus avançados não marcarem. O golo fora obtido por Pirri (num livre inteligentemente marcado em Amsterdão), pode valer ao Real a eliminação. Um golo a zero, só, agora em Madrid basta.

Simplesmente não se admite muito a possibilidade de o Ajax, (bicampeão incontestado da Europa) sair da estádio Santiago Barnabéu em branco. Ainda que um dos seus mais influentes homens do ataque (o extremo esquerdo Keizer) não possa alinhar por ter sofrido suspensão de um encontro oficial, imposta pela UEFA.

Com uma certeza se pode ficar: deve der um jogo de altíssima categoria. Entre dois estilos e duas intenções diferentes, entre dois processos diametralmente opostos de chegar ao lugar vital do futebol, a baliza. Vantagem para os portugueses: poderão ver o jogo directo, a partir das 20 e 30.

Tendo em conta as equipas apresentadas na primeira mão, e as impossibilidades agora surgidas, as duas equipas devem apresentar-se com as seguintes formações:

AJAX — Stuy; Surbier, Blakenburg, Hulshoff e Krol; Haan, Wichilcher e Neeskens; Cruyff, Rep e Mühren.

REAL MADRID — Garcia Remon; José Luís, Benito, Zoco e Tourino; Grande, Pirri, e Velazquez; Amâncio, Santillana e Aguilár.

Outra equipa latina, o Juventus (de Turim) vai às Ilhas Britânicas tentar a sua primeira participação na final da Taça dos Campeões. Os italianos venceram por 3-1 e o seu estado de espírito é perfeito. Para além da vitória conseguida (importantíssima pelos números atingidos), os italianos levam o moral robustecido com a re-

título conquistado pelo Liverpool desde 1966.

Os jogadores do Leeds também não mostraram quaisquer dúvidas, e permaneceram no terreno a felicitar os seus adversários, que assim conquistam o título pela oitava vez, igualando o «record» do Arsenal.

Os marcadores dos golos do Liverpool foram Peter Cormack, (aos 47 minutos), e Kevin Keegan, a seis minutos do fim.

No encontro Arsenal-Southampton, os donos do terreno estiveram na situação de vencedores por duas vezes, mas os «santos» encontraram

com três pontos, contra um dos San Lorenzo e zero do Independente.

O San Lorenzo tem de vencer o encontro para manter as suas aspirações à «final».

PERU NO MUNDIAL 72

Num encontro incluído no esquema de preparação da equipa peruana para as eliminatórias do Campeonato Mun-

dial de Futebol, o Peru defrontou o Panamá por 4-0.

No domingo, também em Lima, o Peru, faz a sua estreia nas eliminatórias, defrontando o Chile.

A TV dá o jogo em directo a partir das 20 e 30

conquista de uma boa posição no campeonato caseiro (têm ainda possibilidades de chegar ao título) e com a certeza de não encontrar pela frente dois dos melhores jogadores do Derby County: Roy McFalland e Gimmel punidos com suspensão de um jogo por segunda advertência em jogos internacionais.

Na manga do treinador Brian Clough restam ainda bons trunfos, como O'Hara e Heter. Para o técnico do Juventus também a garantia de homens para marcar golos, e velho Altafini, a estrela Anastasi e o excelente Causio.

Uma particularidade: o jogo será dirigido pelo português Francisco Lobo, tão criticado em certas alturas, mas também de reconhecida competência. Sabendo o que costuma passar-se no Basebal Ground, o árbitro barrense terá de mostrar pulso firme. Ou então, arrisca o seu prestígio internacional, que começa a impor-se.

Para a Taça das Taças, defrontam-se Hajduk Split? Jugoslávia) - Leeds United (Inglaterra) e Sparta de Praga (Checoslováquia) - Milan (Itália). Na primeira mão, Leeds e Milan ganharam por 1-0. Para a Taça UEFA temos o Twente (Holanda) - Borussia Moenchengladbach (Alemanha Federal) e Tottenham-Liverpool. O Borussia ganhou por 3-0 na primeira mão, enquanto o Liverpool parte com a vantagem de 1-0 para defrontar os seus compatriotas.

LIVERPOOL JÁ CAMPEÃO

O Liverpool conquistou praticamente o título de campeão da Inglaterra, ao derrotar o Leeds United, por 2-0, perante 56 mil espectadores.

Ao Liverpool falta disputar um encontro, no seu terreno, frente ao Leicester City, e apenas perdendo por um resultado volumoso, entregaria o título ao Arsenal. Esta equipa, que tem um «goal average» muito inferior, está a quatro pontos do comandante, depois de ter empatado a dois tentos com o Southampton. Ao Arsenal faltam disputar dois jogos, ambos fora, contra o West Ham e o Leeds.

Depois da vitória conseguida sobre o Leeds os adeptos do Liverpool não ficaram com dúvida de que a conquista do título ficou assegurada, e invadiram o terreno. É o primeiro

um novo «artilheiro» no avançado Bobb Stokes, que marcou por duas vezes, aos cinco e aos 57 minutos.

Os londrinos conseguiram os seus golos aos três minutos, (por intermédio de Charlie George), e aos 20 minutos, este da autoria de John Radford.

Na cauda da tabela, a luta tornou-se ainda mais complexa, devido à interrupção da série vitoriosa do Norwich, que perdeu por 0-3 contra o Wolverhampton.

O West Bromwich e o Crystal Palace partilham o último lugar, com 20 pontos em 40 jogos (menos dois pontos que o Norwich) pelo que tudo depende das últimas duas jornadas.

TOSTÃO: AINDA A INCERTEZA

— A operação deu bom resultado e Tostão está animado, mas só dentro de três meses se pode saber se retomará a carreira de futebolista: declarou o seu operador, dr. Robert Moura, que pela terceira vez o operou a um deslocamento da retina, na vista esquerda.

Tostão teve alta do hospital no dia 16 e só agora foi sujeito ao primeiro exame formal.

«Vai haver novo exame, na sexta-feira» (declarou o cirurgião). Se se confirmar o resultado de hoje, poderá regressar ao Brasil, para continuar ao cuidado do seu médico assistente. Mas só dentro de dois a três meses, poderemos saber se está apto a jogar.

Tostão já declarou que abandonará o futebol se a cura não for completa.

TAÇA LIBERTADORES DA AMÉRICA

— Está a ser aguardado com grande expectativa o segundo jogo entre o San Lorenzo, (de Buenos Aires), e o Millonarios, (de Bogotá), correspondente às meias finais da Taça dos Libertadores da América.

No encontro disputado na capital colombiana, (que terminou sem golos), registaram-se, perto do final, lamentáveis incidentes que culminaram com a agressão ao árbitro brasileiro, Sebastião, Rufino, e ao fiscal de linha peruano, Edison Perez.

O resultado conseguido frente aos seus adversários argentinos bem como a vitória frente ao Independente, colocaram o Millonarios no topo da tabela,

ESTA SEMANA

DOIS CONCURSOS NO TOTOBOLA

Esta semana, além do concurso normal (II Divisão e campeonato de Itália), um EXTRAORDINÁRIO com 12 JOGOS referentes ao IV Torneio Internacional de Futebol Júnior.

FAÇA «13» EM 12 JOGOS



MATRIZ

- IV TORNEIO INTERN. DE FUTEBOL JÚNIOR
- 1 Cagliari-Setúbal
 - 2 Ajax-Boavista
 - 3 E. Vermelha - Benfica
 - 4 Guimarães - Académ.
 - 5 Boavista-Académica
 - 6 Ajax-Guimarães
 - 7 E. Vermelha - Cagliari
 - 8 Setúbal-Benfica
 - 9 Guimarães-Boavista
 - 10 Cagliari-Benfica
 - 11 Ajax-Académica
 - 12 E. Vermelha - Setúbal

CONCURSO Extraordinário

29/Abril a 3/Maio 1973

SANTA CASA DA MISERICORDIA DE LISBOA											
2 APOSTAS - 4800			4 APOSTAS - 8800			6 APOSTAS - 12800			8 APOSTAS - 16800		
1	X	2	1	X	2	1	X	2	1	X	2
CALENDÁRIO DOS JOGOS DO IV TORNEIO INTERNACIONAL DE FUTEBOL JÚNIOR											
QUINTA-FEIRA, 3 de Maio											
No Porto											
19 h — Guimarães - Boavista											
Em Lisboa											
21.30 h — Cagliari - Benfica											
Em Coimbra											
21.30 h — Ajax - Académica											
Em Setúbal											
21.30 h — Estr. Vermelha - Setúbal											
SABADO, 5 de Maio											
Em Tomar											
16 h — Jogo de Apuramento											
17.45 — Jogo de Apuramento											
Em Lisboa											
16 h — Jogo de Apuramento											
DOMINGO, 6 de Maio											
Em Lisboa, 18.30 h — FINAL											

(Indicação do nome torna o bilhete nulo)

Os bilhetes de aposta devem ser registados nas agências simultaneamente com os que respeitam ao concurso normal (N.º 34).

DUAS OPORTUNIDADES NUMA SEMANA!

Necrologia

SUFRÁGIO

Dr.ª D. Margarida Martins de Brito Botelho de Amaral

Sua famíliamanda rezar missa de 7.º dia, amanhã quinta-feira dia 26, pelas 10.30 horas na Igreja de S. João de Deus.

TEM PRÉDIO? TEM CARRO?

ESTÃO EM DINHEIRO CONSULTA

ORCOSI

Tel. 367444/323172

Rua 1.ª de Dezembro, 45

FUNDOS DE ESTADO

	Elect.	Compra	Venda
Cons 2 3/4	463\$	463\$	-
Cons 3 1/2	512\$	512\$	-
Cons 3 1/2	593\$	593\$	-
Centenários	1.326\$	1.326\$	-
Tes 5 % 57	1.010\$	-	1.010\$
Tes 5 % 59	-	1.005\$	-
Extern 1 a s	-	638\$	-
Extern 3 a s	-	640\$	-
Extern 3 a s	-	710\$	-
Caut 3 a s	-	-	-

FUNDOS PÚBLICOS

A Lx 6 %	-	-	-
C M L 5 3/4	-	-	-
C P 5.5 %	-	-	930\$
C P 5.5 %	-	-	68
C P 5.5 %	-	-	69
Corr 5 3/4 %	930\$	930\$	940\$
Met 5 3/4 %	1.020\$	-	995\$
Tur 5 3/4 %	-	-	1.030\$
C P 6 3/4	-	1.025\$	-

ELECTRICAS

G. 5 % - 58	-	-	-
G. 5 % - 59	-	-	-
G. 5 % - 62	-	-	-
G. 5 % - 63	-	-	-
G. 5 % - 64	-	-	-
G. 5 % - 65	-	-	-
G. 6 % - 67	980\$	970\$	-
G. 6 % - 69	-	980\$	-
G. 7 % - 57	-	1.035\$	-
H. E. A. A. 5 %	-	800\$	-
H. E. C. 5 %	-	-	-
H. E. D. 5 %	-	-	-
H. E. D. 6 %	940\$	-	940\$
H. E. N. P. 5 %	-	-	-
H. E. S. E. 5 %	-	-	-
H. E. S. E. 6 %	-	-	-
H. E. Z. 5 %	-	-	-
N. Elec. 5 %	-	-	-
N. Elec. 6 %	750\$	-	750\$
Termoelec. 5 %	-	-	-
U. E. P. 5 % - 60	-	-	-
U. E. P. 5 % - 63	-	-	-
U. E. P. 6 %	-	-	-
U. E. P. 7 %	-	-	1.000\$

DIVERSAS

A P T 5 %	56	-	-
A P T 5 %	58	-	-
Lisnave 6	-	-	-
Nitratos	60	-	-
Pel 2 a	63	-	-
Sacor 7	-	1.035\$	850\$
Sacor 5	54	-	-
Sacor 5	60	-	880\$
Sid 5	2	-	-
Sid 5	3	-	-
Sid 5	4	-	-
Socel 5	4	-	-
U. Fabril 67	-	-	920\$
U. Fabril 68	-	-	920\$

ULTRAMARINAS

Carbonil 5 %	-	-	-
Rev 5 % 57	-	-	-
Rev 5 % 59/60	-	-	-
Moçamb 5 %	820\$	820\$	600\$
Sonete 5 %	-	-	-

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	7.700\$	7.700\$	-
Algarve	3.630\$	3.630\$	-
Alentejo	3.750\$	3.650\$	3.800\$
Angola	7.000\$	-	7.100\$
Borges & Irmão	10.500\$	10.500\$	11.000\$
Crédito Predial	6.300\$	6.250\$	6.350\$
Espírito Santo	17.000\$	-	17.000\$
Fomento	6.500\$	6.400\$	6.800\$
F. & Burnay	-	81.000\$	83.000\$
Intercontinental Português	30.700\$	30.700\$	-
N. Ultramarino - m.	-	-	8.750\$
N. Ultramarino - c.	11.700\$	11.600\$	11.700\$
Pinto & Sotomayor	19.200\$	19.100\$	19.300\$
Portugal - n.	5.900\$	5.900\$	6.000\$
Portugal - p.	10.000\$	9.900\$	10.500\$
P. Atlântico	18.590\$	18.590\$	-
Totta & Acores	11.000\$	11.000\$	11.200\$

J. BURNAY, LD^a

Notas estrangeiras
Papéis de crédito

RUA DO OURO, 72 TEL. 321273



Banco Borges & Irmão
Índice de cotação das acções (Base: Dez 65=100)

	16/4/73	18/4/73	23/4/73
GERAL	345,3	329,6	333,9
METROPOL	362,7	343,8	348,0
ULTRAM	218,7	225,6	230,9

De Seguros

Alentejo	1180\$	1.180\$	1.200\$
Bonança	23.000\$	22.500\$	23.000\$
Império	-	5.000\$	54.000\$
Mundial	4.700\$	4.700\$	-
Soberana	-	-	-
Tranquilidade	-	-	-

Electricas

C P E p	-	-	-
C P E n	-	-	-
E Beiras	-	-	-
G Elec c	-	-	-
H E A A	-	-	-
H E N P	-	-	-
H E S E	-	-	-
U E P	-	-	-

Ultramarinas

Ag Casseque	1.220\$	1.220\$	-
Ag Incomat	-	-	2.3000\$
Ag S T e P	-	-	-
Ag Angola	2.220\$	2.220\$	2.300\$
Ag Angola	-	-	350\$
Ang Agric	-	-	850\$
Boror	320\$	-	320\$
Boror Com	-	-	155\$
Buzi	-	-	243\$
Cabinda	-	-	200\$
Com Lobito	900\$	900\$	-
D A T 100	2.800\$	2.800\$	2.850\$
H E Revue	650\$	-	620\$
I do Princ	-	-	-
Moçambique	405\$	405\$	430\$
Sonete n	-	-	-
Sonete p	-	-	485\$
Zambézia	-	-	130\$

Diversas

Ag Lx - ant.	-	-	-
Ag Lx - 34	-	-	-
Ag Lx - 36	-	-	-
Cel. Guadiana	-	-	-
C. Leiria - p.	-	-	-
C. Tejo - p.	-	-	-
F. Ramada	-	-	-
Fornos Eléctricos	-	-	-
P. Celulose	-	-	-
Siderurgia - p.	-	-	-
Siderurgia - n.	-	-	-
Socel	-	-	-
Cida	-	-	-
C.U.F.	-	-	4.850\$
Iniar	740\$	740\$	750\$
Nitratos	1.600\$	-	1.650\$
Nitratos	1.5000\$	-	1.500\$
Petroquímica	6.800\$	-	6.800\$
Sacor	7.400\$	7.400\$	7.500\$
Tab. Portugal	14.200\$	14.200\$	14.300\$
Tab. Queira	1.150\$	1.150\$	1.180\$
U. F. Azoto	570\$	550\$	650\$
Empor	850\$	800\$	-
Ind. Aliança	2.100\$	2.000\$	2.100\$
I. P. Colónias	-	-	5.000\$
Nacional Navegação	2.500\$	2.400\$	4.600\$
Navegação (Col.)	1.550\$	-	-
P. Pesca	-	-	-
Matur	-	-	-
R. Marconi	-	-	-
T. A. P.	-	-	1.600\$
Compal	3.450\$	-	3.500\$
Salv o	-	-	-
Penina	-	-	-
Grão-Pará	4.600\$	4.600\$	-
Lisnave	17.300\$	17.000\$	-

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico	-	-	-
F. I. D. E. S.	-	245\$6	253\$

COTAÇÕES

PAISES

	COMPRAS	VENDAS
Africa do Sul Rand	30\$00	33\$00
Alemanha Marco	85\$80	95\$10
América	-	-
Dollars de 1 a 2	24\$50	25\$30
Dollars de 5 a 20	24\$80	25\$60
Dollars de 50 a 1000	25\$10	25\$90
Argentina Peso Novo	-	-
Austria Schilling	1\$22	1\$28
Bélgica Franco	\$62,5	\$65,5
Brasil Cruzeiro	3\$60	4\$40
Canadá Dólar	24\$50	25\$30
Dinamarca Coroa	4\$00	4\$30
Espanha Peseta	\$43	\$45,5
Francia Franco	5\$40	5\$70
Holanda Florim	8\$50	8\$80
Inglaterra Libra	63\$00	66\$00
Italia Lira	\$041	\$045
Marrocos Dhran	-	-
Noruega Coroa	4\$15	4\$45
Suecia Coroa	5\$45	5\$80
Suiza Franco	7\$70	8\$05
Ouro	-	-
Inglaterra Libra Isabel	620\$00	670\$00
Inglaterra 1/2 Libra	620\$00	670\$00
Ouro fino Barra	70\$00	78\$00

BANCO DO ALENTEJO



GESTÃO DE CARTEIRAS DE TÍTULOS
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

Praca D. João da Câmara, 18. Telef. 328045
Rua do Ouro, 52. Telef. 30309

televisão

HOJE

1.º Programa (20.25)
Eurovisão
Futebol

Directamente de Madrid o jogo de futebol a contar para as meias finais da Taça dos Clubes Campeões Europeus entre as equipas do Real Madrid e o Ajax

2.º Programa (22.00)

Série de aventuras

«Paul Temple»

MADEIRA SIEMENS

O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa	12.45	Abertura e desenhos animados
1.º Período	13.00	Feminino singular
	13.15	«Gente Miuda»
	13.45	Telejornal - 1.ª edição
	14.00	Portugal no mundo
	14.15	Logo à noite
2.º Período	14.40	Ciclo preparatório TV
	19.00	TV educativa - Iniciação Desportiva
	19.30	Telejornal - 2.ª edição
	19.45	Vamos jogar no futebol
	20.00	Motors em marcha
	20.25	Futebol - Real Madrid-Ajax, jogo da segunda «meia» a contar para as meias-finais da Taça dos Clubes Campeões Europeus
	22.10	Telejornal - 3.ª edição
	22.40	«A Família Bellamy»
	23.45	Telejornal - 4.ª edição
	23.50	Meditação e fecho
2.º Programa	20.30	Abertura e desenhos animados
	20.45	Portugal no mundo
	21.00	«Gente Miuda»
	21.30	Telejornal - 3.ª edição
	22.00	«Paul Temple»
	22.45	Sabe o que é? Mestre Leopoldo de Almeida e Fecho

AMANHÃ

1.º Programa	12.45	Abertura e desenhos animados
1.º Período	13.00	Vária
	13.15	«Por Favor Não Comam os Mal-mequeres»
	13.45	Telejornal - 1.ª edição
	14.00	Um dia com ...
	14.15	Logo à noite
2.º Período	14.40	Ciclo preparatório TV
	19.00	TV educativa - Educação Musical (Crianças)
	19.30	Telejornal - 2.ª edição
	19.40	«Wangbinda»
	20.10	Saída na estrada
	20.25	Há só uma terra
	20.55	Presença do passado
	21.30	Telejornal - 3.ª edição
	22.00	Desenhos animados
	22.15	Eurovisão - Rosa de Ouro
	23.20	Museu de Cinema
	23.40	Telejornal - 3.ª edição
	23.50	Meditação e fecho
2.º Período	20.30	Abertura e desenhos animados
	20.45	Um dia com ...
	21.00	«Por Favor Não Comam os Mal-mequeres»
	21.30	Telejornal - 3.ª edição
	22.00	«Os Aldrabbões»
	22.50	Amarel Neto - repórter



urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C.V.P.	56 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 6222

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava geralmente encoberto chovia em quase todo o território excepto em Trás-os-Montes e Algarve e o vento era fraco ou moderado dos quadrantes Sul.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	11º
P. DOURADAS	3º
COIMBRA	12º
PORTALEGRE	10º
LISBOA	13º
FARO	16º
FUNCHAL	16º

TEMPERATURAS EXTREMAS

TAVIRA	Máxima	18,6º
--------	--------	-------

MONTALEGRE	Mínima	0,3º
------------	--------	------

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	14,5º
Atmosfera	13,2º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
9.32 3,0 m	2.47 1,6 m
21.56 3,2 m	15.08 1,7 m

Dia 26

10.46 3,0 m	4.02 1,6 m
23.00 3,2 m	16.27 1,7 m

Dia 27

11.53 3,1 m	5.12 1,5 m
	17.35 1,5 m

PREVISÃO GERAL

ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente encoberto passando a pouco nublado a partir do começo da noite; períodos de chuva; vento moderado dos quadrantes do Sul fixando-se no Sudoeste.

AMANHÃ

NASCE ÀS 6.46
OCASO ÀS 2

● cinemas ●

■ LISBOA

TURNO H-1
(TODA A NOITE)

AJUDA
Lopes, R. do Cruzeiro, 117
(T. 633288)

ALFAMA
Arnali, R. das Escolas Ge-
rais, 56-C (T. 863940)

ALTO DE S. JOÃO
Nova Luz, R. Domingos Jar-
do, 28-A (à Praça D. Afonso
III) (T. 843439)

ALVALADE
Alvalade, Av. da Igreja, 18-A
(T. 712070); Gasparinho, R.
dr. Gama Barros 54-A (T.
710465); Olinda, Av. João
XXI, 13-A (T. 726848)

AVENIDAS NOVAS
Cosmos, Av. João Crisosto-
mo, 44-C (T. 40592); Miran-
da, C. Pequeno, 36-B (T.
770776); Universal, R. Actor
Taborda, 5 (T. 44158)

BAIRRO ACTORES
Nobel, R. Actor Vale, 53 (à
Fonte Monumental) (T.
842152)

BAIRRO DAS COLÓNIAS
Colonial, R. Forno do Tijolo,
40 (T. 841122)

BAIXA
Centro Farmacêutico, R. das
Portas de S. Antão, 86 (T.
321211)

BENFICA
Souza, E. de Benfca, 429-A
(T. 780027/789985)

CAMPO PEQUENO
Miranda, C. Pequeno, 36-B
(à Av. Sacadura Cabral) (T.
770776)

CAMPO DE OURIQUE
Ivone, R. Silva Carvalho,
232-C (T. 650760)

ESTRELA
Paiva e Parente, R. de S.
António, 98 (T. 665196)

LAPA
Silva, R. S. João da Mata,
72 (T. 661010)

LUMIAR
Alameda, Al. das Linhas de
Torres, 201-B (T. 790942)

MARVILA
Maevila, R. Direita de Mar-
vila, 25 (T. 381612)

OLIVAIS
Higiene, R. Cidade Vila Ca-
bral, Lote 43 (Olivaissul) (T.
310026)

PICHELEIRA
Marlux, C. da Picheleira,
140-B/C (T. 720703/728395)

REGO
Pratas e Mota, R. da Beneti-
cência, 91 (T. 773728)

RESTELO
Tanara, R. Rodrigo Teinel,
3-A (à encosta do Restelo)
(T. 611814)

SANTO AMARO
Lisbonense, R. Leão de Oli-
veira, 2-B (T. 637020)

S. MAMEDE
S. Mamede, R. da Escola Po-
litécnica, 82-B (T. 680280)

SOCORRO
Tavares, R. da Palma, 194
(T. 863350)

TURNO H-2
(ATÉ ÀS 22 HORAS)

AJUDA
Boa Hora, R. dos Quarteis,
25 (T. 637777)

ALTO DO PINA
Zional, R. Morais Soares,
56-C (T. 847708)

ALVALADE
Neotópia, C. Grande, 138
(T. 774882); Ideal, Av. Alm.
Gago Coutinho, 49-A (T.
712803)

ANJOS
S. José, R. dos Anjos, 41 (T.
50730)

AREEIRO
Vera Cruz, P. Afrânio Peixo-
to, 2-B (à Av. João de
Deus) (T. 724941)

ARROIOS
Oriental de Lisboa, R. de Ar-
roios, 215 (T. 45079)

AVENIDAS NOVAS
Córdaro, Av. Duque d'Ávila,
32-C (esquina da Av. da Re-
pública) (T. 43495)

BAIRRO AMÉRICA
Martins, R. Fernão de Maga-
lhães, 33 (T. 849448)

■ BAIXA

Unifa, R. da Vitória, 21 (T.
323793)

BENFICA
Benfica, E. de Benfca, 678-
E (T. 702532)

CAMPO DE OURIQUE
Porfírio, R. Francisco Me-
trass, 59 (T. 663349)

CAMPOLIDE
Central, R. General Tabor-
da, 17 (T. 680304)

CARNIDE
Leal de Matos, R. Neves
Costa, 33 (T. 780181)

CONDE REDONDO
Salutar, R. Conde Redondo,
9-A (a Gomes Freire) (T.
533411)

LUMIAR
S. Tomé, E. do Desvio, Lote
12-C (T. 790704)

OLIVAIS
S. Paulo, R. José Campos,
Lote 823 (à E. de Moscavi-
de), Olivaissul (T. 310711)

RESTELO
Occidental, R. D. Jerónimo
Osório, J.P.M., 3 (T. 610256)

S. BENTO
S. Bento, R. dos Poiais de
S. Bento, 73 (T. 679673)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Sagres, Av. Luís Bivar, 69
(T. 97213)

XABREGAS
Romana, R. Actor Augusto
de Melo, 7-A (T. 383800)

■ LINHA DE CASCAIS ■

ALGÉS
Branco Av. Comb. G. Guer-
ra, 29 (T. 2122081)

CAXIAS
Nova Rua Bernardim Ribe-
iro, 1-A (T. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva Av. Partão
Lopes, 4 (T. 2432039)

OEIRAS
Alcântara Guerreiro P. Resi-
dencial dr. Augusto de Cas-
tro, Lote 10 (T. 2430691)

PAREDE
Grincho Av. da República,
87 (T. 2471204)

S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro (T. 263052)

ESTORIL
Parque Arcadas do Parque
(T. 260191)

CASCAIS
Misericórdia R. Regimento
19, 41 (T. 280141); Cascais
R. Conde de Monte Real —
B.º Caixas (T. 282407)

■ LINHA DE SINTRA ■

AMADORA
Das Av. Marquês de Pom-
bal, Lote 9 (T. 934589);
Campos R. Elias Garcia, 185
(T. 930072); Clarel R. An-
tónio Sardinha, 23-D (T.
938551)

DAMAIA
Confiança Est. Militar, Lote
D (T. 9710231)

VENDA NOVA
Girassol R. Elias Garcia, 17-
C (T. 974161)

QUELUZ
André Av. Elias Garcia, 151
(T. 950043); Queluz Av.
Miguel Bombarda, 123-A
(T. 951841)

CACÉM
Central R. Elias Garcia, 55
(T. 2940034)

MEM MARTINS
Quilma Est. DE Mem Mar-
tins, 285 (T. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (T. 980456)

SINTRA
Marrazes L. Afonso Albu-
querque (T. 980058)

COLARES
Colares Abreia (T. 299088)

■ OUTRA BANDA ■

ALCOCHETE
Gameiro L. António dos San-
tos Jorge, 15 (T. 234100)

ALHOS VEDROS
Quemão R. Cândido dos
Reis, 30 (T. 224020)

ALMADA
Castro Rodrigues R. Capitão
Leitão, 21-A (T. 270076)

BAIXA DA BANHEIRA
Aliança Est. Nacional, 174
(T. 224302)

■ BARREIRO

Higiênica R. D. Manuel I,
178 (T. 2073017)

COVA DA PIEDADE
Atlântico R. Padre Manuel
Bernardes, 1 (T. 2764466)

MOITA
Silva Rocha P. da Repúbli-
ca, 16 (T. 239029)

MONTIJO
Diogo R. Almirante Reis, 42
(T. 230032)

SESIMBRA
Leão Av. Salazar (T.
229471)

SETÚBAL
Soromenho P. Machado San-
tos (T. 22691); Alice P. do
Quebedo (T. 23743)

SEIXAL
Godinho L. da Igreja, 51
(T. 2218580)

■ PORTO ■

2.º TURNO

SUB-TURNO A

Barreiros, Rua de Serpa
Pinto, 8. Martins, Sucr.,
Praça Marq. de Pombal,
122. Pombal, C. Mártires
da Pátria, 152. Pareda (da)
R. Central de Francisco, 318.
R. Roque de Lameira, R. S.
Roque Lameira, 1111. S. da
Bandeira, R. S. da Bandei-
ra, 236.

SUB-TURNO B

Ameal, R. do Ameal, 1227.
Campo Alegre, R. do Campo
Alegre, 723. Ferreira da Sil-
va, R. dos M. da Liberdade,
150. Peninular, R. Chá 100-
102. S. Lazaro, Av. Rodri-
gues de Freitas, 297

■ COIMBRA ■

TURNO E

Cruz Viegas, Rua do Brasil,
154 (T. 22961); Donato,
Rua Ferreira Borges, 2 e 6
(T. 22603); Rainha Santa,
R. Figueira da Foz, 11-B
(T. 24737)

LEIA

motor

CINEMA CASTIL (Tel. 530194)
ESTREIA às 21.45
(Grupo C - 14 anos)
Colorido. «OS CLOWNS» de Fellini
15.00 - 17.00 - 19.00
«QUE SE PASSA DOUTOR»
(Grupo B - 10 anos)
(Estacionamento Parque Castil)

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15 e 21.30
(Grupo D 18 anos) 3.ª semana
Um filme de António Pedro Vascon-
celos «PERDIDO POR CEM...» com
José Cunha, Maria Leitão, Ana Ma-
ria Lucas e Nuno Martins.
As 6.ªs feiras e sábados sessões es-
peciais às 00.30 horas

SATÉLITE (Tel. 555131)
15.30 - 18.30 e 21.45
(Grupo D 18 anos) 3.ª semana
Um filme de António Pedro Vascon-
celos «PERDIDO POR CEM...» com
José Cunha, Maria Leitão, Ana Ma-
ria Lucas e Nuno Martins.
As 6.ªs feiras e sábados sessões es-
peciais às 00.30 horas

APOLLO (Tel. 763319)
15.15-18.30 e 21.45
3.ª Semana
(Grupo B-19 anos)
Technicolor. Jerry Lewis «O HOMEM
NAS MULHERES»

MUNDIAL (Telef. 538743)
18.30 e 21.45
(M. 18 anos). Michael Reardon, Isa
Miranda e Barbara Bouchet num
insólito e empolgante espectáculo!
«NOVA YORKQUE CLANDESTINA»
Um filme em Technicolor de Pietro
Zuffi. (Metro. Estação Picoas).

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 e 21.45
3.ª Semana. Grupo B (10 anos).
«CONTINUARAM A CHAMAR-ME RI-
NITA». Terence Hill e Bud Spencer.

RESTELO (Tel. 610375)
21.30
(Grupo B - 10 anos)
A grande aventura do Homem desde
a sua origem «A BIBLIA»

CINEMA LONDRES (Telef. 731313)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
5.ª Semana. (Grupo D-18 anos). Co-
lorido. As seduções libertinas e o
amor conjugal o filme de Eric Rohmer
«AMOR ÀS 3 DA TARDE». (Snak-
-bar. Pub Flag O melhor encontro
gastronómico

EUROPA (Telef. 661016)
15.15 e 21.30
(Grupo D-18 anos)
4.ª Semana. Um filme de Joseph
Losey «O ASSASSINATO DE TRO-
TSKY», com Richard Burton, Romy
Schneider e Alain Delon. Technicolor.

IMPERIO (Tel. 555134/5)
15.15 e 21.30
(Grupo B 10 anos) 1.ª semana
William Holden - Alec Guinness em
«A PONTE DO RIO KWAY», um fil-
me de David Lean. Technicolor - Ci-
nemoscope.

Sessão clássica hoje
As 18.30 (Grupo D 18 anos)
A obra-prima de Michelangelo An-
tonioni «DESERTO VERMELHO» com
Monica Vitti e Richard Harris.
Technicolor (Metro. Alameda)

ESTÚDIO (Telef. 5551345)
15.30-18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) 2.ª Semana
Color - Um filme de Jan Kadar «MU-
LHER A DERIVA» Com Rade Marčović
e Milena Pavic
(Metro. Alameda)

ODEON (Tel. 326283)
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo B-14 anos) 6.ª Semana
Uma sensacional e explosiva novi-
dade espectacular como nunca se
viu igual «O INVENCÍVEL» Com
Bruce Lee - Um fenómeno de judo e
karate

VOX
15.15, 18.30 e 21.45
3.ª semana. (Grupo D 18 anos). East-
mancolor. Um filme de Claude
Chabrol. «A CASA DOS DESEJOS»
Jean Paul Belmond, Mia Farrow.

ALVALADE (Telef. 717480)
15.15 e 21.45
Grupo A 6 anos «OS MALUCOS
DO ESTÚDIO» c/ Les Charlots, Paul
Preboist e Martine Kelly. East-
mancolor.

CONDES (Tel. 322523/326710)
14.00 - 16.30 - 19.00 e 21.45
(Grupo B-10 anos) 3.ª Semana
A alegria, a melodia, o luxo de Viena
e de Johann Strauss «A GRANDE
VALSA» Com Horst Bucholz, Mary
Costa e Nigel Patrick - Panavision-
-Metrocolor

EDEN (Tel. 320768)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo C - 14 anos)
4.ª Semana. Cantinflas em «DOM
QUIXOTE» (Cavalga de novo)

S. JORGE (Telef. 54151)
15.15, 18.15, e 21.30
Grupo D 18 anos. A sensacional
comédia «PARIS MANICÓMIO DO
AMOR». Com Marthe Keller.

CASINO ESTORIL
17.00 e 21.30
(Grupo D - 18 anos)
«HOSPITAL»

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 e 21.00
(Grupo D 18 anos)
«ESCÂNDALOS DA PRAIA» em
complemento «BAMSE» (Paixão im-
possível) (Metropolitano: Qrrroios
P. Chile)

ROMA (Tel. 727778)
15.30 e 21.45
(Grupo B - 10 anos) 3.ª Semana
«CONTINUARAM A CHAMAR-ME TRI-
NITA» Terence Hill e Bud Spencer.

POLITEAMA (Tel. 326303)
15.15, 18.15 e 21.45
(Grupo B 10 anos)
Terence Hill e Bud Spencer «CON-
TINUARAM A CHAMAR-ME TRINITA»
Gargalhada e um arraijal de pancada
— o melhor estilo vale tudo.
ATENÇÃO: Nas «matinéas as cri-
anças recebem uma estrela de Sher-
riff «Trinitá2

BERNA (Telef. 776098)
15.15, 18.30 e 21.45
3.ª Semana. Grupo C 14 anos
Technicolor. Paravision. A última
palavra sobre o amor. «SEGUIE-ME
QUERIDO» Topol. Mia Farrow.

ROYAL (Tel. 865037)
15.00 e 21.00
(Grupo C 14 anos)
«OS PROFISSIONAIS» em comple-
mento A FLOR DO CACTO.

ESTÚDIO 444 (Telef. 779095)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo C 14 anos. «A ALIANÇA». Anna
Karina Jean Claude Carriere.

BARS BOITES

HIPOPÓTAMO — Com Helder Reis
Encerra aos domingos. Av. António
Augusto de Aguiar, 5-A. Telef.
48384

PRINCEPE NEGRO — Dancing com va-
riedades. Calçada da Glória, 2. Te-
lef. 368987

SOLAR DA HERMÍNIA — Herminia
Silva, hoje e sempre. Largo Trinda-
de Coelho, n.º 10 e 11. Encerra aos
domingos. Telef. 320164.

CASINO ESTORIL — Jogo autoriza-
do. Variedades internacionais. Te-
lefonos 26481, 264526, 264596,
264821 e 264946.

NINA — Dancing com atrações. Rua
Paiva de Andrade, 7-13. Telef.
3459-365167.

EL CIDE — Dancing com variedades.
Com o conjunto «X 4». Rua Bernar-
do Lima, 18-A (ao Conde Redon-
do). Telef. 560538.

CACO — Dancing com música am-
biente, com singular quarteto. Rua
Camilo Castelo Branco, 23-A.

FANTASMA — Dancing Caveau — com
variedades. Maria Helena, Odete
Maria. Domingos Ramos e o fabu-
loso Tony Sandro e Garcia e o seu
conjunto. R. Gomes Freire, 145-B.
Aberto das 18 h. às 21 e das 22.30
h. às 05.00 h.

TAMILA — Marão e s/ conjunto «Ma-
tinéas» todos os dias. Encerra aos
domingos. Avenida Duque de Lou-
lé, 69. Telef. 534117.

LUSO — Grande elenco de folclore
fado de Lisboa por Augusta Ermin-
da e José Luis Tomar. Fado de
Coimbra por Américo Silva. Em fa-
do castiço Cristina Maria. Trave-
ssa da Queimada, 10. Telef. 362889.
Aberto todos os dias.

SAN-PAYO — Bar-boite c/ música
constante. Aberto até às 5 h. da
madrugada. Rua Rodrigues San-
palo, 34. Telef. 581422. (Ar condi-
cionado).

OUTROS ESPETÁCULOS

LISBOA/Teatros

MONUMENTAL
21.45 (18 anos)
«Adriano VII»

COLISEU
21.30 (6 anos)
«Circo da Páscoa»

LAURA ALVES
21.45 (14 anos)
«O Príncipe e a Corista»

LISBOA/Cinemas

RESTELO
21.30 (10 anos)
«A Bíblia»

JARDIM CINEMA
21.30 (18 anos)
«O Mensageiro»

PARIS
21.00 (18 anos)
«Amantes desconhecidos»

CINEARTE

21.00 (14 anos)
«A maior proeza do Oeste»

OLIMPIA
19.00 (18 anos)
«A noite do terror cego»

PROMOTORA
21.00 (14 anos)
«Mansão do terror»

MAYER
21.00 (18 anos)
«A fera adormecida»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (14 anos)
«A Legião dos danados»

ESTORIL
Casino
17.00 e 21.30 (18 anos)
«Hospital»

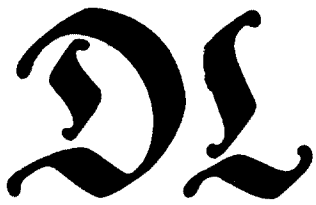
ESTORIL
Palácio
21.30 (18 anos)
«Cabaret»

CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«Os amores de uma adoles-
cente»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (14 anos)
«Rainha por mil dias»

DL/NACIONAL



RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIO DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185 1.º, 2.º e 4.º
TELEF. 654531/2 3 4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA 57
END. TEL. DIBOA TELEF. 1363
LISBOA PORTUGAL

Ouvidos indiscretos

Naquele restaurante popular, junto do Largo de Camões, uma mulher de mais de setenta anos falava familiarmente com empregados e patrões. Era freguesa habitual e contava, certamente pela milionésima vez, a história da sua vida. Havia sido, muitos anos, empregada de escritório numa casa daqueles sítios, estava reformada, vivia só, era viúva, tinha um filho e um neto e por aí adiante. Era só ouvir.

Os donos e empregados do restaurante davam-lhe corda e brincavam. Vive só? Onde guarda o cofre do dinheiro? A mulher dava troco e aproveitava sempre para se queixar dos 22 escudos que lhe custara o bife com batatas quando as batatas estavam secas e não se podiam comer. Deviam-lhe descontar as batatas. Já tinham compensado com um bife maior do que o costume, respondiam-lhe.

— Se já está reformada, por que continua a viver sozinha para estes lados?

— Gosto disto. Ao domingo é que é um aborrecimento. Não se vê ninguém.

Devia era casar-se outra vez! (Risos).

A conversa continuou. Para quem queira ouvir.

M. de A.



RECEBA

1900\$00

Pelo seu TELEVISOR usado na troca do novo PHILIPS a pronto ou em 24 mensalidades.

CASA M. L. FERREIRA — Rua de D. Estefânia, 48-A

LIVROS ESPANHÓIS

10 000 LIVROS TÉCNICOS E CIENTÍFICOS
CEM EDITORES REPRESENTADOS

★

LIVRARIA TORRENS

RUA ANTERO DE QUENTAL, 14-A

Ontem o mundo foi a enterrar

Cerca de 80 pessoas levaram, ontem à noite, o Mundo a enterrar, assistindo, pouco depois à sua ressurreição. Morte e ressurreição tiveram lugar na Rua Barata Salgueiro, no passeio fronteiro e, depois, no interior da Sociedade Nacional de Belas Artes, onde Victor Pi inaugurou



a sua quinta e exposição de pintura, com «12 temas sobre a terra e 12 fugas à escravatura».

Um caixão colocado estrategicamente no passeio em frente à porta da SNBA foi a parti-

Cinema mais barato na próxima semana

Os novos preços dos cinemas, que não são mais do que os antigos (os praticados antes do aumento «precipitado» a que as empresas procederam em Maio passado) entrarão em vigor, provavelmente, a partir do meio da próxima semana.

Com efeito, parece estar resolvido o equívoco do Grémio das Empresas de Cinema, quanto ao não cumprimento pela Comissão de Preços da Secretaria de Estado de Informação e Turismo de uma das formalidades

exigíveis: a comunicação à Corporação dos Espectáculos do despacho em que foi exarada a decisão de fazer retroceder os preços. Para tranquilidade do espectador e, possivelmente de alguns cinemas, que não sabiam como haviam de proceder, a notificação foi feita ontem. Portanto, passado o prazo legal de sete dias, parece claro que os bilhetes do cinema custarão menos a pagar.

S. R.

MINISTÉRIO
DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO
DA INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL
DOS SERVIÇOS
ELÉCTRICOS
EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sítio em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve, a que se refere o proc.º 8/48888, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Castro Marim, de uma linha aérea a 15 kV, com o comprimento de 10 m, do poste n.º 45 da linha Aldeia Nova-Alcoutim ao posto de transformação aéreo n.º 15.04.08 em Monte Francisco.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de licenciamento, em 18 de Abril de 1973.

O Engenheiro, Chefe
Guilherme Martins

DETECTORES DE MOEDAS

CHEGOU NOVA REMESSA

Venda exclusiva: Av. João XXI, 20-1.º E. — LISBOA 1
Escreva postal e remete-se literatura

INSTITUTO PORTUGUÊS DE CINEMA

Foi publicado no «Diário do Governo» o Decreto-Lei n.º 184/73 que regula o funcionamento do Instituto Português de Cinema e adopta outras providências relativas às bases gerais das Leis n.º 7/71 e 8/71, referentes à protecção do cinema nacional e à actividade teatral.

Estreitamente ligado ao secretário de Estado da Informação e Turismo, o Instituto Português de Cinema actuará principalmente pela prestação de assistência financeira, pela concessão de prémios, pela guarda, conservação e funcionamento da Cinemateca Nacional.

As principais receitas do I.P.C. serão constituídas pelo «adicional sobre o preço dos bilhetes de espectáculos teatrais e cinematográficos» e pelas taxas de distribuição e exibição. O primeiro será incluído sem qualquer discriminação no preço dos bilhetes, correspondendo a percentagens de 15 por cento nos espectáculos de cinema e de 10 por cento nos de teatro. À excepção do «teatro declamado», todos os espectáculos teatrais estarão sujeitos à cobrança deste adicional: ópera, bailado, circo, marionetes e fantoches. A taxa de distribuição é devida pela estreia de filmes de longa metragem e dos filmes estrangeiros de curta metragem, com excepção dos de actualidades. As longas metragens pagarão 15 contos, os de curta metragem 500 escudos por parte não superior a 300 metros. Esta taxa é directamente paga pelo distribuidor. A taxa de exibição atinge, por sua vez, a projecção de filmes publicitários em recintos de cinema ou através da televisão, correspondendo a 2 por cento do preço de projecção do filme.

O Decreto-Lei n.º 184/73 estabelece ainda que os contratos de co-produção e de co-participação devem ser homologados pelo I.P.C. do mesmo modo que deverão constituir-se em sociedade comercial e disso fazer prova perante o Instituto todas as entidades «que se proponham explorar a actividade própria dos estabelecimentos técnicos, incluindo os destinados à produção de filmes publicitários».

Pelo menos decreto é ainda regulado o regime financeiro do Fundo de Teatro.

N. G. S.

CARRO FURTADO

Foi furtado da Avenida 5 de Outubro, na noite do dia 22, um automóvel de matrícula FI-48-58, branco, de marca Fiat 124 R. Quaisquer informações sobre o seu paradeiro poderão ser transmitidas à Polícia ou ao seu proprietário através do telefone 778619.

SE PROVAR

CASTELÕES

SÓ PEDIRÁ

CASTELÕES

Castelões é um queijo
pasteurizado, amanteigado e de superior qualidade

"Dia do Turista" na Costa do Sol

Comemorado o «Dia do Turista», a Junta de Turismo da Costa do Sol homenageia hoje os nacionais e estrangeiros que estão hospedados naquela zona.

Foi organizado um passeio em autocarros, os quais, recolhendo os turistas nos respectivos hotéis, os levarão a uma visita por toda a região, terminando o percurso no Pavilhão dos Congressos, no Estoril, onde serão recebidos pelo corpo directivo da Junta de Tuccali, poderão assistir à exibição de filmes de Promoção Turística, a uma passagem de Modelos de tecidos regionais promovida pela «Boutique Jasta», e ser-lhes-á servido um beberete e lembranças vincadamente portuguesas.

Mulher

Protecção à infância

A Protecção à Infância é assunto que está a merecer, de todos os governos, uma especial atenção. Também em Portugal se procura incrementar o amparo à criança menos favorecida nas suas condições de nascimento e de vida, o que nos levou a uma série de reportagens sobre o facto. Hoje incluímos o depoimento de uma técnica; a dra. Maria Adelina Colaço, chefe dos Serviços de Protecção à Infância da Misericórdia de Lisboa. Neste depoimento poder-se-à avaliar dos esforços que têm sido feitos nestes últimos anos no nosso País para dar à criança tudo quanto lhe é necessário para um crescimento sã e para a harmonizar com o seu próprio futuro. Inclusivamente, o caso das crianças abandonadas e da sua adopção, é aqui encarado com larga soma de pormenores.



UM CONTO PARA CRIANÇAS PÁG. OITO

Três pequenos e um gato



**EMPREGADAS
DE
BENGALEIRO**

PÁGINA OITO

**CRÔNICA
DE
MARIA
JUDITE DE
CARVALHO**

PÁGINA DOIS



**Moda para o Verão
OS ÓCULOS DE SOL**

página dois

CULINÁRIA

INGREDIENTES

7 claras de ovos
125 gramas de Vaqueiro
250 gramas de açúcar branco

CAMISAS

POR MEDIDA

O seu género a seu gosto
Hirondelle

R. Pedro Nunes, 39
(Ao - SALDANHA)

Bolo claro

RECEITA VAQUEIRO

125 gramas de farinha
80 gramas de miolo de amendoa
3 colheres das de sopa de açúcar pilé
1 colher das de sobremesa de fermento em pó

PREPARAÇÃO

Bate-se a margarina com o açúcar e mistura-se-lhe 50 gramas de amendoa, o miolo, pelada e passada pela máquina. Junta-se-lhe a farinha peneira-

da com o fermento e por fim as claras batidas em castelo. Deita-se em forma untada e polvilha-se com as outras 30 gramas de amendoa pelada e cortada em tiras muito fininhas e misturada com açúcar pilé. Leva-se ao forno a coser.

ÓCULOS DE SOL

Pela primeira vez, os óculos de alta qualidade são considerados como um acessório indispensável na moda.

A colecção de óculos «Miss Dior» compreende quatro modelos exclusivos, concebidos em OPTYL, único material que permite formas originais, mais fáceis de utilizar e que melhor se harmonizam aos diferentes formatos de rostos.

Podem ser escolhidos, entre quinze tonalidades diferentes, de acordo com os tons de ma-



quilhagem «Christian Dior». Por exemplo: cerise, verde garrafa, vermelho-vivo ou o violeta.

UM NOVO METODO PARA AJUDAR A EMAGRECER

LONDRES - Um produto salino produzido por um laboratório inglês tem dado boas provas no sentido de atenuar as dores reumáticas por um lado, e no de ajudar os processos de emagrecimento através de doses moderadas, por outro.

Os técnicos que, no laboratório, investigam em pormenor a eficiência deste produto, declaram que os resultados da sua aplicação, coordenada com uma dieta especial, são notórios.

Os efeitos não se caracterizam apenas no aspecto do emagrecimento, mas também num nítido aumento de bem-estar e de agili-

dade. Este produto encontra-se no nosso mercado sob o nome de SAIS KRUSCHEN.

As lentes são em CR 39, material moderno e que garante uma protecção perfeita contra os perigos dos raios ultravioletas.

A gravura mostra-nos alguns desses modelos. Elegantes, sóbrios ou exóticos. O preço? Palavra de honra que não sabemos. Talvez, porque também não nos quisemos assustar.

BOUQUET DE ILUMINAÇÃO

Candeeiros
Lâmpadas
Acessórios
para:
Boutiques
Lojas
Habitacões
Escritórios
Modelos design
de luxo
Económicos

JF

JF DE AZEVEDO E SILVA & C. L.
R. S. FILIPE NERI, 51-B LISBOA
TEL. 654165

CLÍNICA DE DIAGNÓSTICOS DR. FERNANDO TEIXEIRA

DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM PERMANENTE

Rua Rodrigues Sampaio, 38-1.º
Telefs. 55 55 27 - 55 55 61

ENFERMAGEM GERAL E DE REABILITAÇÃO
ESPECIALIZADA
PEDIATRIA PARTOS
ASSISTÊNCIA MÉDICA
SERVIÇO PERMANENTE NA SEDE
E DOMICILIÁRIO

DEPARTAMENTO DE ANÁLISES CLÍNICAS

Rua Rodrigues Sampaio, 30-C, 2.º Dt.º
Telefs. 55 55 27 - 55 55 61

SERVIÇO PERMANENTE INCLUINDO DOMINGOS
E FERIADOS
SERVIÇO DE URGÊNCIA
COLHEITAS DOMICILIÁRIAS

UM BANCO DINÂMICO SEMPRE EM CRESCIMENTO

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

TRANQUILIDADE



COMPANHIA DE SEGUROS

mais de um SÉCULO de experiência

DECORAÇÃO

Ultimamente começou a prestar-se muito mais atenção a uma dependência do lar, até agora bastante esquecida: o quarto de dormir. Costumava-se até dizer: «Para que gastar dinheiro no quarto? Passamos lá poucas horas e quando lá estamos, é para dormir ou descansar e nem se repara na decoração!».

Felizmente que essa ideia está completamente posta de lado. A decoração do quarto-de-dormir está a merecer o maior dos cuidados da parte da dona-de-casa.

O quarto de dormir que lhe sugerimos hoje é bastante simples e funcional. Uma enorme cama e uma prateleira que ocupa toda a parede. Ali podem ser arrumados livros e pequenos utensílios como sejam os cosméticos.

A iluminação do quarto é indirecta, mas tem ainda dois pequenos candeeiros à cabeceira.



OS QUE SABEM

MARIA JUDITE DE CARVALHO

São admiráveis. Admiro-os. Fico mesmo tão paralisada de admiração que perco o meu ponto de vista. Aquela certeza, aquela confiança na sua própria sabedoria (inata), no seu gosto excelente, no seu espírito crítico certo, em tudo, em tudo. De princípio, às vezes, quase sempre, sinto-me indignada. Indigno-me com frequência, mas não durante muito tempo. Vai-se pois a indignação e fica o espanto, e depois, já disse, a admiração incondicional.

Não é só o que dizem mas como o dizem. Nada de «parece-me», ou «penso», ou «julgo», ou «sinto». Nada disso. Aposto que o Einstein não falava assim, mas eles falam, até porque não são o Einstein, são eles. ELES. E dizem o que têm a dizer, cortam o mal pela raiz, é assim e pronto, acabou a conversa. Já expliquei que perco o meu ponto de vista, mas não é bem isso. Durante o período de indignação eu era capaz de o defender, a esse ponto de vista, mas aí está, sei que não vale a pena. A intonação com que a frase foi dita, as palavras usadas, a própria expressão do rosto tiram-me todas as veleidades de convencer a parte contrária. Ela é impermeável, indeformável, surda, sabedora. Isso acima de tudo, sabedora. Quem sou eu para ensinar o sábio? «Pintura aquilo?» E tem uma expressão ofendida, acenta como quem mal pode acreditar no que os seus olhos viram. «Melhor fazia eu, se quisesse. Se tivesse tempo a perder. Borrões, é o que é. E riscos de quem não sabia desenhar. Comigo não.» — «Isto um bom filme? Mas se nem é um filme. Mal empregado tempo que perdi. Para ver engarrafamentos...» — «O livro? Mas julgam que eu sou parvo? Li dez páginas e nem tinha o menor sentido. Palavras atiradas para ali.» — «Nunca me aborreci tanto no teatro. O autor é doido, não? Já disse aos meus amigos que não vão ver. Um horror, é o que é.»

Peço perdão a Picasso, a Fellini, à Sarraute e ao Kopit do «Papá pobre papá». A estes por exemplo. E logo a seguir, estou a admirar quem falou. Porque quem falou não duvida, acha que sabe tudo mesmo quando não aprendeu nada. Como é possível?

Mas é.

NOTÍCIAS

Um telegrama da agência ANI relata-nos um estranho caso de solidariedade conjugal, cujo testemunho foi trazido à revista inglesa «Mother and Baby» pelo dr. William Trethowan, que escreve: «Quando as mulheres estão grávidas, os maridos sentem muitas vezes, o estômago a aumentar de volume».

Para explicar este facto, o dr. Trethowan afirma ser provável que a gravidez da mulher perturbe a digestão do marido e acrescente que alguns maridos criam durante o período de gravidez da mulher uma relação ainda mais íntima com ela.

O dr. Trethowan escreve ainda que muitos dos futuros pais queixam-se de «síntomas extraordinariamente semelhantes aos que a mulher apresenta no período de gravidez», tais como enjoo pela manhã, dores nas costas e até dores de parto.

Sybil Waller, uma idosa solteirona que morreu no dia 7 de Fevereiro, repartiu em testamento a sua fortuna pelo motorista e por obras de assistência a animais, segundo revela a agência ANI.

O motorista George Davis recebeu 25.000 libras em dinheiro,

duas valiosas propriedades, os carros e o cão da patroa, bem como outros haveres. O resto do dinheiro, que montava a 263.867 libras, excepto alguns legados menores, foi para obras de assistência a animais.

— O tempo passa e nós às vezes nem damos por isso. De súbito, porém, uma frase acordando-nos. Esta é de Maria Schneider, referindo-se a Daniel Gélín, que passa por seu pai: «É dum velho azedo».

— No último número do jornal russo «Junost» teria aparecido, pela primeira vez na história do jornalismo soviético uma secção de correio sentimental.

— A academia francesa de medicina ocupa-se neste número do problema do emagrecimento em grupo. Parece que é mais fácil emagrecer-se acompanhado.

— Consta que a senhora Golda Meir não apreciou o aparecimento em Israel de um novo perfume «for men». O perfume em questão chama-se Dyan.

— No seu livro «Gold Gotha», José Luís de Vilallonga dedicou um capítulo ao casal Curd Jurgens — Simone Bicheron. E intitulou-o «Uma lição de felicidade». Em coisas destas, porém corre-se sempre o risco de se estar desactualizado, ou, pelo menos, no fio da navalha. O livro saiu em 72. Em Abril de 73, porém, a lição terminou. O actor alemão e a mulher separaram-se.

Para os mais pequenos...

Os móveis adaptados às crianças e não as crianças a adaptarem-se aos móveis, foi uma conclusão a que só muitos recentemente se chegou.

Realmente era frequente observarem-se as quedas constantes das crianças, que se empoleiravam nas cadeiras ou nas mesas para conseguirem chegar ao prato ou ao armário.

A gravura apresenta-nos uma sugestão: duas cadeiras e uma mesa estudada e concebidas a pensar na criança. Eis uma ideia a seguir e que se esperamos ver à venda, dentro em breve, no mercado português.



Crianças SÓS

LONDRES, 25 (ANI) — Diariamente mais de 60 mil crianças britânicas com menos de cinco anos são deixadas à guarda de pessoas incompetentes que as tratam com crueldade — segundo uma notícia publicada pelo Centro de Cultura e Educação, organismo independente que recebeu uma verba de 25 mil dólares para investigar este escândalo.

O comunicado conta casos de crianças que passam o dia atadas a uma mesa ou abandonadas em garagens húmidas, fechadas em casas com uma luz de parafina ou azeite, sem qualquer vigilância.

O caso da garagem foi descoberto em Balsall Heath, Birmingham, onde dez crianças

permaneciam desde as sete da manhã às sete da tarde sem nada com que brincar.

Estas crianças não têm qualquer contacto social e depois de uns tempos nestas condições tornam-se seres indiferentes e deprimidos.

Brian Jackson, director de investigação do centro, declara no comunicado:

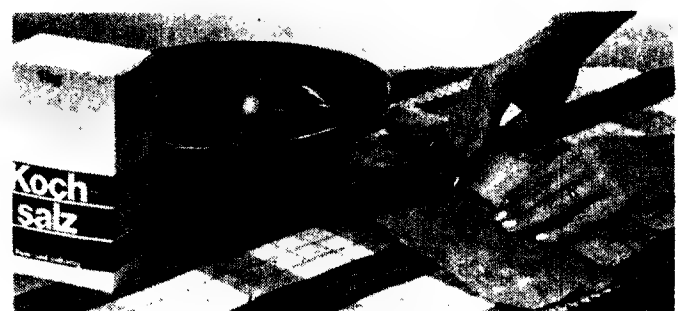
«As mães põem os filhos nas mãos de amas porque têm que trabalhar o dia inteiro e o estado não cria creches suficientes. Muitas das amas só recebem cinco dólares semanais para cuidar das crianças e frequentemente tratam-nas com crueldade e deixam-nas vegetar sem se preocuparem mais».

UM CONSELHO

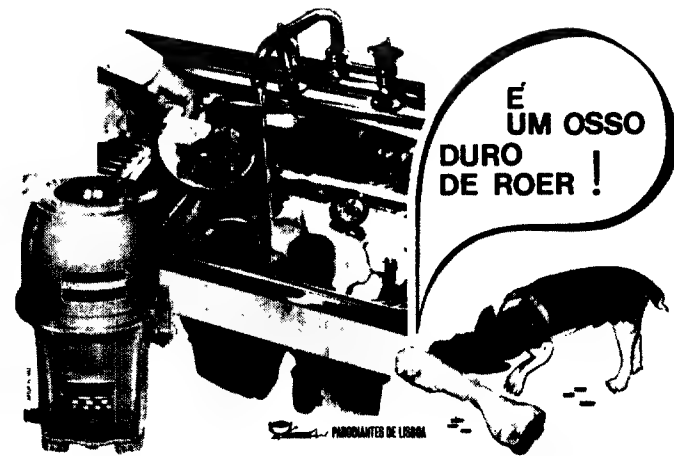
A camurça é uma das peles mais apreciadas, mas a alteração da cor é a facilidade com que se suja, leva muitas pessoas a deixar de a comprar.

Vamos hoje tentar ajudá-la

um pouco. Se a camurça estiver endurecida ou seca, lave-a regularmente em água salgada, passe-a depois por água simples e enrole-a ainda húmida. Verificará que esta pele se tornará muito mais suave e macia.



Trituradoras TWEENY



PARA O TRITURADOR TWEENY NÃO HÁ OSSOS DUROS DE ROER!

ACABE COM A POLUIÇÃO EM SUA CASA ELIMINANDO EM POUCOS SEGUNDOS OS RESTOS DA SUA COZINHA

TWEENY É ADAPTÁVEL A QUALQUER LAVA-LOIÇA DE AÇO INOXIDÁVEL.

ESPECIALIZADOS HÁ QUINZE ANOS, NO FABRICO DE TRITURADORES DOMÉSTICOS E INDUSTRIAIS

GARANTIDOS POR 5 ANOS.

TWEENY — O TRITURADOR DE CONSTRUÇÃO MAIS ROBUSTA. EXISTENTE NO MUNDO.

Representante em Portugal: ANSELMO SANTOS

AVEIRO
Av. Araújo e Silva, 109 — Telef. 24494
LISBOA
R. Coronel Bento Roma, 12-A
Telef. 717169

DINHEIRO

Emprestam-se rapidamente em boas condições 100 a 2.500 contos sobre hipoteca de prédios, partes de prédios ou construção, moradias e quintas.

Trata
AGÊNCIA PREDIAL DA MADEIRA
(Mediadora Autorizada)
Rua da Madalena, n.º 182-1.º Dt.º (A Santa Justa)
Telefs.: 86 75 46 - 87 24 18

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Casaca e Martins, Lda., P. Visconde Abrançalha, 16 — ABRANTES

PROTECÇÃO À INFÂNCIA

Na sequência das reportagens que temos vindo a dedicar aos problemas da protecção à infância no nosso país, trazemos agora a lume uma entrevista com a dra. Maria Adelina Cercas Colaço, chefe dos Serviços de Protecção à Infância da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

Quando lhe pusemos a primeira pergunta, «Que é, na realidade, a Misericórdia de Lisboa?», a dra. Adelina Colaço respondeu-nos:

— A Misericórdia de Lisboa é um organismo polivalente de saúde e assistência responsável pela administração de programas para a infância na cidade de Lisboa. E acrescentaria: — Embora sob controlo do Estado (Ministério da Saúde e Assistência e Ministério das Finanças), é dotada de autonomia administrativa e financeira, sendo as suas principais fontes de receita constituídas pelos rendimentos de valioso património, por um terço dos lucros da Lotaria Nacional e ainda por percentagem a fixar anualmente sobre as Apostas Mútuas Desportivas, actividades de que tem o monopólio. Estas circunstâncias, acrescidas do facto de se tratar de um organismo fundado em 1498 que tem sobrevivido às mudanças políticas e sociais, tem sabido actualizar-se através de técnicas renovadas, e que procura na escolha das suas acções responder em cada momento a necessidades mais prementes da população, justificam que constitua um caso especial no sistema assistencial português. Actualmente, na Misericórdia de Lisboa, as actividades dominantes desenvolvem-se nos sectores de saúde materno-infantil, protecção à infância, acção familiar e comunitária, o que proporciona maiores possibilidades de actuação intersectorial e interdisciplinar encarando-se a criança como um todo na sua valorização como pessoa humana integrada nas estruturas sociais — família e comunidade.

— As outras Misericórdias têm acção semelhante a esta? — voltámos a inquirir.

— Podem desenvolver as suas actividades neste sentido, embora apenas como serviços de acção directa. O serviço oficial competente nestas matérias a nível nacional é o Instituto de Família e Acção Social (IFAS), criado em Setembro de 1971, constituído por serviços centrais e por inspecções e comissões coordenadoras a nível local. Na execução da sua política deverá ter presente a iniciativa

particular, e a cooperação das populações. Aqui têm lugar de destaque as Misericórdias, instituições tradicionais da comunidade local, propícias ao voluntariado e à auto-gestão, formas de participação agora tão invocadas em reuniões internacionais como a realizada em Agosto de 1971 na Jugoslávia, Zagreb, pela União Internacional de Protecção à Infância. Aliás, tenho conhecimento de que a Corporação da Assistência, de que é presidente o dr. Lino Neto, provedor da Misericórdia de Lisboa, também está a proceder a estudos neste sentido.

FINALIDADE E OBJECTIVOS DOS S. P. I.

Postas estas considerações em torno de como e para que funciona a Misericórdia de Lisboa e também falando um pouco das suas congéneres estabelecidas em muitos outros pontos do País, entrámos no capítulo que mais nos interessava: o da protecção à infância. E assim, indagámos:

— Qual a autêntica finalidade da protecção à infância, pelo menos como é encarada pela Misericórdia de Lisboa?

— A de contribuir para o desenvolvimento da criança de modo são e normal em condições de dignidade e de igualdade de oportunidades, nos aspectos físico, mental e social, sempre que possível integrado na sua família ou em estruturas análogas. A política definida pela administração da Misericórdia coincide com os princípios fundamentais da Declaração dos Direitos da Criança, ratificada pelo Governo português em 1970.

— Há prioridades a respeitar no esquema de protecção à infância programado pela Misericórdia?

— Sim, damos prioridade aos períodos de crescimento mais vulneráveis — primeira infância (criança/mãe) e segunda infância (até aos 6 anos, idade pré-escolar); e aos grupos mais desfavorecidos — crianças privadas de família normal (a admitir antes dos 6 anos) e crianças de meio socio-económico carenciado.

Interrompemos para

que a dra. Adelina Colaço nos pormenorizasse tanto quanto possível, os objectivos a alcançar através daquele esquema.

— Tendo em conta estas prioridades estabelecidas em Setembro de 1970, pela Mesa da Misericórdia, e as limitações de recursos em pessoal e financeiros, visam-se os seguintes objectivos: saúde e nutrição. Proporcionar vigilância sanitária, higiene e alimentação nos períodos de crescimento com mais alta prioridade — 1.ª e 2.ª infância. Educação. Fornecer estímulos adequados ao desenvolvimento da personalidade em períodos fundamentais da sua estruturação — principalmente a idade pré-escolar. Bem-estar social. Contribuir para que a criança possa crescer em condições de segurança, afecto, aceitação e compreensão.

Embora em tópico, a dra. Adelina Colaço quis dar-nos a linha dos programas de acção imediata dos Serviços de Protecção à Infância. Não estranhemos a linguagem eminentemente técnica, pois a nossa entrevistada é, sobretudo, uma tecnocrata. Mas uma tecnocrata profundamente humana. Sobre aquele programa, explica-nos:

— O Serviço dispõe de um conjunto de acções tendentes a prevenir, tratar ou recuperar situações que podem constituir fontes de privação para a criança. Dos programas de acção destacam-se: centros de bem-estar infantil — creches e jardins de infância, funcionando em regime de semi-internato das 7.30 às 18 horas. Existem actualmente, em funcionamento ou em instalação (da Misericórdia ou de outras instituições e juntas de freguesia em cooperação) 40 estabelecimentos com 3280 lugares. O encargo de funcionamento suportado pela Misericórdia em 1973 é de 19.000 contos. Prevê-se que em 1979 o número de estabelecimentos seja de 55, com cerca de 5000 lugares. E reforçando esta afirmação: — Foram propostas no IV Plano de Fomento verbas para construção e melhoramento dos estabelecimentos previstos. O plano dos próximos 6 anos exigirá para investimentos 50.000 contos; para funcionamento anual um

O INTERNATO DE

Entrevista conduzida

por JOSUÉ DA SILVA

COMO DOLO



A pequena grande tarefa da alimentação.



Despertar a im

acréscimo provável de 20.000 contos.

Para crianças privadas de família, dispõe-se de:

— Admissões e acolhimento urgente

— Internatos e casas familiares

— Adopções e famílias de acolhimento.

— As admissões são feitas sem qualquer limite de número? — perguntámos.

— Todas as crianças — diz-nos a dra. Colaço — encontradas na cidade em situação de abandono ou desamparo, com menos de 7 anos, desde que apresentadas com auto da Polícia, são recebidas na Misericórdia, a qualquer hora do dia ou da noite. A capacidade dos Serviços tem corres-

pondido às necessidades. Se não fosse suficiente teria então de alargar-se. Nesta matéria o atendimento tem de ser rápido e humanizado, mesmo com o risco de muitas dificuldades na posterior regularização de situações, no aspecto jurídico e social.

— Quantos estabelecimentos para internato possui a Misericórdia? — quisemos saber.

— O internamento de uma criança é encarado como solução de recurso, «doloroso recurso», à falta de melhor. Por isso a Misericórdia conta apenas 9 pequenos estabelecimentos, tipo casa familiar, com 283 lugares, onde gasta cerca de 6700 contos por ano. E faz incidir a sua acção nos semi-

internatos que são meio educativo complementar e forma de ajuda à família.

— Quais são os efectivos do pessoal dos estabelecimentos de protecção à infância?

— O pessoal dos S. P. I., actuando individualmente ou em equipas interdisciplinares, pertence a várias profissões; educadoras, enfermeiras, assistentes sociais, médicos pediatras e psiquiatras, psicólogos e pessoal administrativo. Em 1973 trabalham nestes serviços 304 funcionários assim distribuídos pelos vários grupos do quadro do pessoal: dirigente, 2; técnico, 119; administrativo, 17, auxiliar, 166. O encargo anual com pessoal para estes

E UMA CRIANÇA É ENCARADO PROSO RECURSO

-diz-nos a chefe dos Serviços
de Protecção à Infância
da Misericórdia

que também na Misericórdia se dá preferência a casais legalmente constituídos (os únicos que a Lei aceita para efeito de adopção plena). Aliás, mesmo que se trate de adopção restrita, se a maioria dos menores em situação de abandono são filhos de mãe solteira, não parece de reíncidir numa situação que é fonte de privações. Também aqui é importante o facto de a procura ser muito superior à oferta, permitindo seleccionar os adoptantes que, nos aspectos pessoal e familiar oferecem maior estabilidade e segurança. — E procurando aclarar melhor este ponto, refere ainda: — Sobre as adopções justificam-se alguns esclarecimentos: das 500 pessoas que no ano findo passaram por estes serviços, muitas fizeram-nos apenas a título consultivo. Das crianças que entraram para a Casa Maternal a grande maioria tem família natural que, mais tarde, através de diligências por vezes difíceis e demoradas, é identificada e localizada. Sempre que possível ajuda-se a mãe para poder receber o filho a curto prazo. Algumas vezes, porém, apesar da sua manifesta incapacidade e do desinteresse afectivo pelo menor, recusam o consentimento para a adopção, deixando-o em situação de abandono de facto no internato.

E considerando este capítulo da adopção, um capítulo importante na nossa entrevista, a dra. Adelina Colaço continua: — Porque desejamos proceder às entregas visando a adopção, em

condições de segurança para ambas as partes, muitas famílias idóneas não são atendidas por falta de menores com os requisitos para serem adoptados legalmente. Nunca aconteceu porém um adoptando ter de continuar em internato por não haver família inscrita para receber. Outro ponto a esclarecer é o da forma como se faz a relação adoptando/adoptantes.

— A dra. não se importa de pormenorizar esse ponto?

— Naturalmente. Logo que o processo do menor se encontra organizado e se encontram satisfeitos os tais requisitos legais, comunica-se ao casal seleccionado nos serviços, dentro de determinados critérios, que há uma criança com os antecedentes e características que se indicam, que lhe poderá ser confiada. Se lhes interessa a situação só então «são apresentados», sem qualquer compromisso de aceitação. Se o encontro ou encontros forem favoráveis, a criança é-lhes confiada pela Mesa da Misericórdia em período preparatório para a adopção, que decorre devidamente acompanhado pelos serviços e durante o qual podem ainda reconsiderar a sua decisão. Felizmente para a criança, raramente se arrependem. Isso representaria novo abandono. São entregues anualmente cerca de 25 a 30 menores para serem adoptados.

DIFICULDADES E INSUFICIÊNCIAS

Pensámos que seria útil conhecermos as difi-

culdades com que luta a Misericórdia neste capítulo. A nossa entrevistada respondeu:

— Apesar dos aspectos muito positivos da organização e funcionamento da Protecção à Infância, integrada num organismo polivalente de saúde pública e assistência social, como é a Misericórdia, sentimos ainda várias dificuldades algumas das quais se integram a nível mais geral. Devo acrescentar que o Governo as conhece e procura intensivamente atenuá-las. Estas dificuldades são aliás as mesmas sentidas por especialistas da infância em diversos países, desde que se consideram como fundamentais, numa política de desenvolvimento económico e social, os investimentos com a geração que cresce.

Decidimos tocar na insuficiência de pessoal técnico: educadoras, enfermeiras, puericultoras, médicos pediatras e psiquiatras, psicólogos e terapeutas. A isto, respondeu a nossa entrevistada:

— A formação, aperfeiçoamento e fixação de pessoal é problema que aparece com prioridade no Ministério da Saúde e Assistência (a reflectir-se no IV Plano de Fomento). Integrada nesta linha de rumo, a Misericórdia está a conceder bolsas de estudo no valor anual de cerca de 1300 contos.

Achando que deveríamos dar oportunidade à chefe dos Serviços de Protecção à Infância no que respeita à insuficiente capacidade de Creches e Jardins de Infância relativamente às necessidades avaliadas em recentes estudos e que aflorámos numa das nossas reportagens sobre este assunto, fizemos a pergunta.

— Quanto aos Jardins de Infância — contestou-nos a dr.^a Adelina — o nosso sistema escolar, estabelecendo a institucionalização do ensino infantil no MEN, por si ou em colaboração com outras entidades, pode contribuir para um valioso aumento de resposta a essas necessidades, no que respeita a actividades de educação para crianças a partir dos 4 anos. O Instituto de Obras Sociais está empenhado também nestes equipamentos para beneficiários da Previdência, sobretudo fora do concelho de Lisboa. No IV Plano de Fomento vão ser consideradas avultadas verbas para investimento em empreendimentos destinados a Creches e Jardins de Infância. — E reflectindo o que acabava de ser dito, o chefe

dos S. P. I., adiantou: — O importante agora é saber aproveitar, logo à partida, a participação que cada um pode e deve dar: Ministério da Educação, Ministério das Corporações e da Saúde e Assistência, entidades oficiais, entidades particulares e as próprias famílias, fazendo convergir as várias parcelas para obtenção de um todo — que poderá ser um centro de bem-estar infantil — onde a criança permaneça todo o dia ou só meio dia, possa receber cuidados de higiene, vigilância de saúde, nutrição e educação, com maior ou menor incidência, consoante a sua idade, grau de desenvolvimento e situação familiar. Embora sem fins lucrativos, trata-se de serviços muito caros, em que a família deverá participar, consoante as suas possibilidades.

ACORDOS DE COOPERAÇÃO

Reconhecendo a utilidade da congregação de esforços entre a Misericórdia e outras entidades, indagámos:

— Qual o âmbito do mecanismo de cooperação?

— A Misericórdia tem celebrados 33 acordos, totalizando um encargo financeiro anual de 15500, além do apoio técnico que faculta — explicou-nos aquela senhora. As entidades intervenientes são na maioria instituições de assistência particular, juntas de freguesia, congregações religiosas e, a partir deste ano, uma associação de autoconstrução (PRODAC). — E acrescenta: Destaco, pela grande influência que poderá exercer na concretização da unidade Previdência/Assistência, em matéria de Saúde, o acordo entre a Misericórdia e a Caixa de Previdência e Abono de Família dos Serviços Médico-Sociais do Distrito de Lisboa, homologado por despacho ministerial de 27/7/72, para efeito de prestação de serviços de saúde nos dispensários materno-infantis da Misericórdia, a toda a população residente na respectiva área, quer seja beneficiária do seguro social ou de serviços assistenciais. Os postos clínicos da Caixa atenderão, em contrapartida, as pessoas normalmente abrangidas pela Misericórdia, para efeitos de assistência médica. Esta modalidade, praticada pela 1.^a vez, vai iniciar-se em Maio, na Musgueira e na Curraleira.

Estávamos quase no fim da entrevista. Mas falando ainda de dificulda-

des, sobretudo quanto a crianças de 1.^a infância, disse-nos a dr.^a Adelina:

— Existe uma insuficiente procura de soluções alternativas da Creche, muitas vezes prejudicial para a criança nos primeiros meses ou mesmo nos primeiros dois anos de vida.) Invoque, como exemplo, a fotografia da vossa reportagem em que aparece o Paulo Jorge, com ano e meio, agarrado à mão do pai «contestando» expressivamente a sua entrada na Creche Domingos Barreiro, como prova insuspeita desta afirmação. E aproveito para enumerar algumas soluções alternativas que me parecem possíveis:

Creches domiciliárias, a nível da comunidade local, apoiadas por serviços de protecção à infância.

Ajuda doméstica, também organizada a nível de comunidade local para utilização comum.

Responsabilidade partilhada de ambos os cônjuges, alternando-se mãe e pai nos cuidados a prestar aos filhos pequenos.

Conjunto de leis ainda pouco favoráveis designadamente no que respeita ao trabalho da mulher /mãe — férias de maternidade, abonos e horário de trabalho em tempo parcial ou jornada contínua (e porque não estes horários também para o pai?).

Dávamos a entrevista por terminada. Porém, a dr.^a Adelina Colaço pediu-nos que a deixássemos ditar umas quantas palavras como comentário final e nós não quisemos deixar de registar este «fecho»:

— Para além do que o «Diário de Lisboa» pedira à Misericórdia — número de estabelecimentos, número de lugares, necessidades, dificuldades, reportagens nos internatos e semi-internatos, reparo que a infância nos levou a falar de planeamento de coordenação, de participação do sector público e do sector privado, de quem presta o serviço e de quem o utiliza, de profissionais e voluntários. Levou-nos a dar sentido e valor à família normalmente constituída como célula social básica e principal responsável pela educação dos filhos; às relações de vizinhança; à necessidade de entre ajuda na comunidade local; ao regresso a uma autêntica solidariedade humana. Levou-nos a pensar no homem, filho da criança, no seu desenvolvimento global, nas suas potencialidades de realização e de ideal.

E eu sinto-me agradecida.



maginação.
serviços aproxima-se dos 10.000 contos.

A ADOÇÃO

Prossiguingo, pusemos à dra. Adelina Colaço, no que se refere às adopções, a seguinte questão:

— Nas adopções há critérios muito apertados na selecção dos adoptantes. Consta-me que noutra local um casal idóneo foi preterido por outro que se encontrava legalmente constituído, embora com menos qualidades?

— Não conheço o caso, por isso não posso pronunciar-me sobre a idoneidade relativa dos interessados — retorquiu-nos a chefe dos S. P. I. da Misericórdia. — Mas posso esclarecer

HORÓSCOPO DA MODA

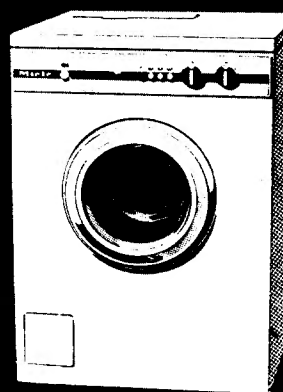
SENSACIONAL...

Encaradora	1000\$00
Secadores Cabelo	140\$00
Aspiradores	1200\$00
Frigoríficos Mol	1790\$00
Panelas Pressão	290\$00
Máq. de Lavar Automáticas	4500\$00
Sofás Camas	1800\$00

Mercado de Electrodomésticos

ESTRADA DE BENFICA, 705

Máquina de lavar roupa automática



Você própria pode escolher a temperatura, o nível de água e o processo de lavagem. Com tudo isto perde apenas uns segundos. O resto é com a máquina: o desenvolvimento do programa é totalmente automático.

Miele

Agente Oficial:

M. L. FERREIRA

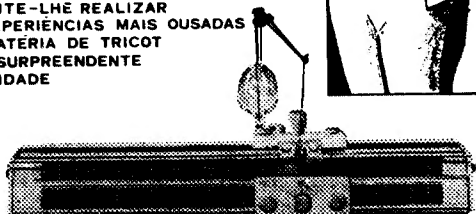
RUA D. ESTEFANIA, 48-A — Telef.: 58958
LISBOA

A JUVENTUDE prefere modelos tricotados

A MÁQUINA DE TRICOTAR

BUSCH

PERMITE-LHE REALIZAR
AS EXPERIÊNCIAS MAIS OUSADAS
EM MATERIA DE TRICOT
COM SURPREENDENTE
FACILIDADE



BUSCH FABRICADA NA SUÍÇA—PREFERIDA EM TODO O MUNDO

PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO A QUALQUER AGENTE OFICIAL OU AOS
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:

Soc. de Rep. **SIDA-SUECA**

AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 16-D, TEL. 73 31 11 LISBOA-1

QUINTÃO

a casa que V. Ex.^a deve
preferir para compra de

TAPETES, CARPETES E ALCATIFAS

CASA ESPECIALIZADA 30, Rua Ivens LISBOA



Os homens voltam a usar trajos clássicos: tecidos maleáveis e naturais, casacos de bandas largas, camisas e «pullovers» que se adaptam a qualquer cor. Os «tweeds» continuarão na moda.

Para as horas de desporto os homens vestirão estes casacos de antilope ou camurça, com cortes e bolsos sobrepostos, em cores que vão do «beige» ao castanho escuro.

Para os dias mais frescos voltam a ver-se as camisolas de malha muito compridas e de riscas. Os tons devem contrastar e estes modelos destinam-se especialmente a mulheres magras.

As calças na próxima estação, e os costureiros já pensam no Outono, serão muito largas num estilo saia-calça. Podem usar-se na cidade e no campo, na praia ou na montanha. As camisas são de corte masculino.

A MENSAGEM

No fim deste mês de Abril de 1973, teremos crescido o bastante para nos ser possível, se não manter um diálogo com os adultos, pelo menos compreender o que eles têm a dizer lá há quanto tempo! para nos dizer.

Foi em 1928 que algumas ondas da Rádio, em vez de serem reflectidas pela ionosfera, prosseguiram até baterem num obstáculo desconhecido, voltando então à terra. O obstáculo em questão não era a Lua, mas podia ser um satélite do nosso satélite. O caso, porém, foi arquivado como os crimes perfeitos que ninguém consegue descobrir. Mas agora, um jovem investigador escocês, Duncan Lunan, pôs uma hipótese a que logo aderiram investigadores de todo o mundo: e de que outra civilização, silvada algures na galáxia, teria colocado em órbita uma sonda programada, à espera desde quando? que estivessemos suficientemente evoluídos para podermos entrar em contacto com ela. Ficção científica? Talvez seja, talvez não. Porque enfim, é preciso ter-se um orgulho desmedido para se pensar que somos os únicos. Ora a verdade é que não pensamos assim. A prova é que já mandámos para as estrelas o retrato e a indicação da nossa morada.

Portanto, leitoras, no fim deste mês de Abril, por estes dias hoje, amanhã? Duncan Lunan está tentando captar a mensagem.

Se mensagem houver, naturalmente.

EMÍLIA BRAVO

nova
frescura!

novo prazer
de lavar
os dentes!



A nova Pasta Couraça
— agora com cálcio — maior protecção
e beleza para os seus dentes!

Carochinha

MODAS

JUVENIS ATÉ

20 ANOS

Av. Guerra Junqueiro, 19-C
Telef. 72 67 31



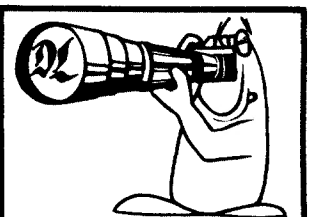
A MARCA ALEMÃ Nº 1

SABA
o melhor que há

tv·radio·hifi

LUSTRES

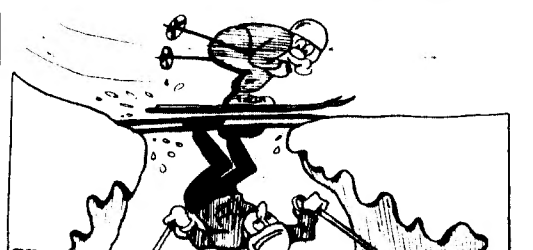
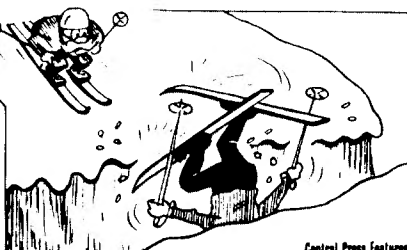
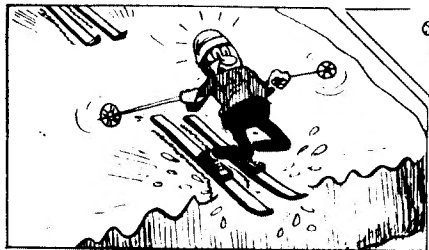
Se está interessado na sua compra, não o faça sem visitar a Fábrica: Av. 5 de Outubro, 203-r/c, Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39.
VENDA AO PÚBLICO



O chapêu curvo



Segundo a casa britânica de alta costura que criou o modelo para a sua coleção de Primavera/Verão, o chapêu de aba larga e curva serviria apenas de complemento ao vestido-casaco de algodão estampado. Mas as elegantes londrinas que assistiram ao lançamento chegaram à conclusão de que a novidade está toda na cabeça. Daí que em Londres tenda a crescer a moda do chapêu mole, a acompanhar o chá das cinco.

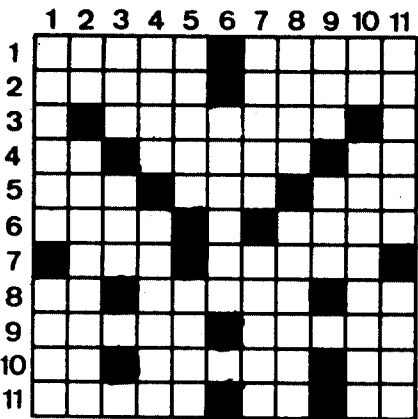


Problemas Cruzados

COM PROVÉRBO

PROBLEMA N.º 10408

- HORIZONTAIS**
- 1 Rendimento. Romancista inglês autor de várias obras adaptadas ao cinema e teatro, como «As Quatro Penas Brancas» (1865-1948).
 - 2 Na Bíblia nome que designa Deus. Cidade do Japão.
 - 3 Artigo definido. Apoquento.
 - 4 Basta. Género de batráquio, cujo tipo é o sapo-parteiro. Pedra de moinho.
 - 5 Gosta muito de. Três iniciais que se encontram em muitas passagens bíblicas com o significado de ah! Oh! Conceder.
 - 6 Viajante inglês que trabalhou activamente na decifração dos hieróglifos (1785-1827). Foz de rio.
 - 7 Negativa. Realiza.
 - 8 Quantum satis. Cidade de França. Doutor.
 - 9 Vasta região da África Central a E. do lago Chade. Tratou por tu.
 - 10 Erbio (s.q.). Freguesia do concelho de Felgueiras. Troça.
 - 11 Raspas. Campeão. Ouro (s.q.).



VERTICAIS

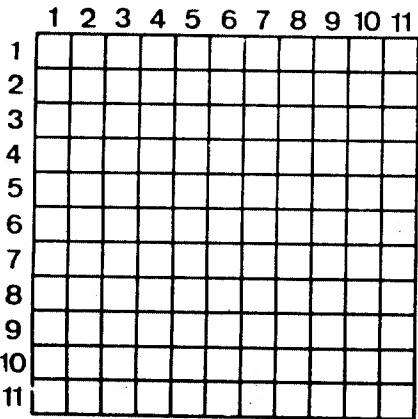
- 1 Contínuas. Tenciona.
- 2 Artigo definido (ant). Refreara.
- 3 Hora canónica que corresponde às quinze horas. Renque.
- 4 Animal herbívoro africano, do tamanho de uma cabra pequena. Encontrara.
- 5 Afia. Camareiras.
- 6 Abonação.
- 7 Vila e sede de concelho (Setúbal). Remoque (fig).
- 8 Burro. Palavra inglesa que significa «melhor» e que serve para designar uma carta de jogar que tem a figura de um jornal (pl.).
- 9 Pequeno símio do Brasil. Magoa.
- 10 Língua antigamente falada a o sul do rio Loire. Enfado-nha.
- 11 Requesta. Caiu com estrondo.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6565

- HORIZONTAIS**
- 1 Buscar. Geração.
 - 2 Afie. Antigo cabo de guerra.
 - 3 Governos (fig.). Molestia.
 - 4 Causar amargura.
 - 5 Ilha da Suécia, província de Calmar, no mar Báltico.
 - 6 Rio da Sibéria. Ecce. Aqui está.
 - 7 Freguesia do concelho e distrito de Braga. Cidade da Umbria.
 - 8 Cânhamo de Manila. Conjunto das pessoas mais cultas.
 - 9 Cidade do Canadá. Pegada.
 - 10 Apelido. Descerram. Certo vinho francês espumoso do Marne, muito apreciado.
 - 11 Agarrara. Impressão (pop.).



VERTICAIS

- 1 Óxido de cálcio. Lha entre o oceano Pacífico, o mar da China e a Coreia.
- 2 Bordo (planta). Mulheres hipócritas.
- 3 Possui. Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro.
- 4 Praia. Conduzir.
- 5 Vinte mãos de papel (pl.). Cidade da Arabia.
- 6 Ligo.
- 7 Silêncio profundo. Rezem.
- 8 Estive unido por aderência. Espécie de choupo.
- 9 Sádias. Prefixo que designa ar.
- 10 Irmãs do pai. Inerentes.
- 11 Naquele lugar. Emprega. Escudeiro (inv.).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10408

- HORIZONTAIS:**
- 1 Bara. Puir.
 - 2 Roa. Pau. Mau.
 - 3 As. PASSA. MM
 - 4 Mar. Ará. O.
 - 5 Ataca. Regar.
 - 6 Rio. Nos.
 - 7 VENTO. Caros.
 - 8 Aer. Usa.
 - 9 Rs. Sarro. Cu.
 - 10 Grã. Sua. MCV.
 - 11 Aa. FICA.
- VERTICAIS:**
- 1 Brava. Verga.
 - 2 Aos. Tre. Sra.
 - 3 Rã. Maina. At.
 - 4 Pacotes.
 - 5 Para. Oras.
 - 6 Nas. A. Rua.
 - 7 Usar. Sura.
 - 8 Arenoso.
 - 9 Um. Agora. MI.
 - 10 Iam. Asa. CCC.
 - 11 Rumor. CHUVA.

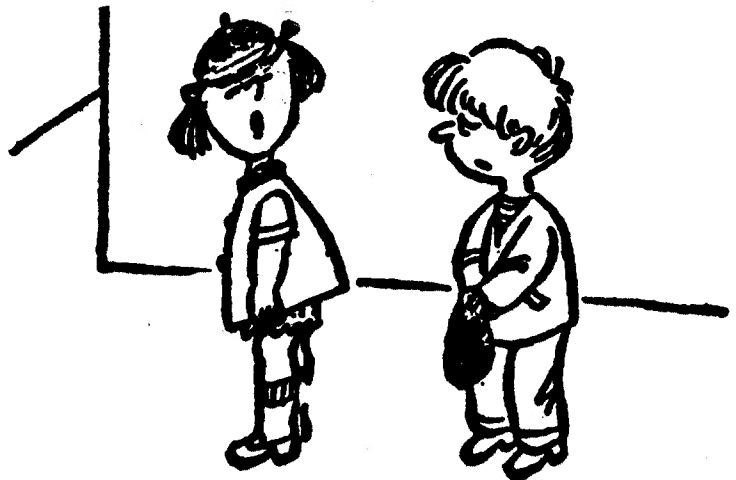
Provérbio: PASSA O VENTO, FICA A CHUVA

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6564

- HORIZONTAIS:**
- 1 Beras. Havre.
 - 2 Alão. Reis.
 - 3 Tas. Cos. Sãs.
 - 4 Er. Caras. Na.
 - 5 Ramos. Melas.
 - 6 Eça. Aga.
 - 7 Mola. Amor.
 - 8 Ala. Fia. Aço.
 - 9 Rã. Porte. Es.
 - 10 Cibar. Atola.
 - 11 Oaio. Aros.
- VERTICAIS:**
- 1 Balor. Março.
 - 2 Elara. Olala.
 - 3 Rãs. Mela. Bi.
 - 4 Ao. Coca. Pão.
 - 5 Casa. For.
 - 6 Por. Sir.
 - 7 Sama. Ata.
 - 8 Ar. Segã. Eta.
 - 9 Vês. Lama. Or.
 - 10 Riana. Ocelo.
 - 11 Essas. Rosas.



— Quem disse que a meninice era a melhor idade da vida?



— No casamento tenho que pensar seriamente... Dá-me tempo João!

Empregadas de bengaleiro dependência e solidão

Há mulheres que passam quarenta anos a pendurar casacos em bengaleiros, envelhecem a escassa dezena de escudos por dia e alimentam a senectude com uma magra reforma e uma memória de filmes que só viram fragmentados, em espreitadelas. Há outras que guardam chapéus de chuva ao som de música que não entendem, no limiar de um mundo de álcool, jogo, negócio a que não pertencem. Em cinemas, teatros, restaurantes, «boites», «cabarets» ou casinos são quase sempre mãos femininas que recebem, guardam e devolvem o «peso» de que os outros querem libertar-se enquanto ali permanecem. O traço mais característico da sua situação é a dependência em que se encontram da generosidade dos clientes que frequentam esses estabelecimentos — generosidade (mal) disfarçada sob a forma de gorjeta.

É assim quer estejam inscritas num organismo de classe sem força para impor a defesa dos direitos dos seus sócios, quer se encontrem isoladas, ligadas por contrato individual a um patrão que tem todas as cartas do baralho que é a relação de trabalho. E é assim embora a quota-parte do serviço que prestam à empresa se inscreva num processo de produção destinado a dar lucros — de que não participam.

«NO VERÃO, GELAMOS...»

Os preços dos cinemas aumentaram, mas não pense que foi por nossa causa, ou que fomos beneficiadas com isso... Tudo o que tiramos do cofre da empresa são 15\$00 por sessão.

A empregada do (frequentedíssimo) cinema da Baixa preferiu não revelar o nome, não fosse arranjar complicações. É que já não era a primeira vez que colegas suas tinham aborrecimentos (suspensões) por «falarem demais». Mas foi dizendo:

— Claro que não estou contente, ninguém o pode estar

nesta situação. O público dá quando quer e o que quer, porque nós somos empregadas da empresa e não de quem vem ao cinema. O que tiramos em gorjeta é muito variável. No inverno, as pessoas têm que deixar aqui os chapéus de chuva, mas no Verão quase nem precisamos do bengaleiro.

É por isso que algumas dizem, ironicamente, mas não muito:

— No Verão, gelamos para aqui, neste cubículo abafado...

Outras, ganham um pouco mais: 18\$00 por dia. Mas cremos que apenas uma empresa exibidora tem este gesto de «generosidade» (ou será por falta de pessoal?). Adelaide diz:

— A base do nosso ordenado são duas sessões diárias, ou seja, 36\$00. Na verdade, fazemos cinco sessões por dia, porque acumulamos com as do teatro, mas só nos pagam três.

Em cinemas e teatros com muito movimento e com várias sessões, é assim: a empregada entra ao princípio da tarde, está de serviço durante as «matinéas» e faz um intervalo entre as 19 e as 21 horas para

jantar, voltando em seguida para receber os agasalhos dos espectadores da noite.

Adelaide, como quase todas as suas colegas, janta no próprio cinema; não no bar, evidentemente, mas no cubículo onde desempenha o seu trabalho. O jantar é constituído por umas sandes, fruta, o que calha trazer de casa.

— A única coisa boa é termos as manhãs livres para cuidar da casa e deixar o jantar feito para a família...

Às vezes, parece que se gosta de um emprego pelo hábito de o suportar. Adelaide tem 20 anos de serviço numa vida que vai em 45 e diz:

— Ao princípio, custava-me. Mas adaptei-me e agora gosto de estar aqui. O pior é no Carnaval, porque as pessoas que se podem divertir gostam de pregar partidas a quem trabalha. É uma complicação: dizem que deixaram mais coisas no bengaleiro, a empregada não encontra e vê-se aflita. Mas, este ano, a empresa não fez espetáculos de Carnaval e Deus queira que não volte a fazê-los...

Os direitos da Previdência,

(em contrapartida dos descontos...) a escassa reforma, a possibilidade de espreitar o espectáculo («gostei muito do Violino no Telhado...»), a manhã livre — nada disso compensa a que, durante os meses de Verão se juntam uns magros 20\$00 de gorjeta por semana...

— O patrão já prometeu que nos aumentava, e é justo...

«NÃO ENTENDO O TEATRO»

Também há mulheres que se aborrecem mortalmente, enquanto nas salas de projecção passam histórias animadas, enredos, dramas a preto e branco, romances cor-de-rosa. De relações humanas, o seu trabalho apenas tem o momento em que o espectador entrega o casaco, o chapéu ou o embrulho e aquele em que os reclama.

É por isso que Conceição, 15 anos «pendura» no bengaleiro, traz o seu «crochet». O movimento da agulha e da linha sempre a distrai um pouco, ou melhor (ou pior?) leva-a a não pensar em nada.

— Mas hoje, isso tem pouca utilidade. Já se compram rendas e bordados feitos à máquina, que imitam perfeitamente estes. E só por dizer que assim não me aborreço...

Conceição não troca o «crochet» por um livro, porque a leitura lhe cansa a vista. Ou será uma desculpa? Já a sua colega Maria dos Anjos, apesar de mais velha, ainda vai lendo umas revistas, uns livros.

— Às vezes também converso com as empregadas do bar.

Temos de fazer por passar o tempo.

— E o público?

— Às vezes é aborrecido, tratam-nos como se fôssemos suas criadas e dão-nos a gorjeta como se fosse uma esmola. Era bom que reconhecessem que isto é um emprego digno como qualquer outro, embora não dê para nos irmos divertir, como eles fazem...

Irene, seis anos no limiar de um teatro, gostava era de passar para um cinema. Aliás, nas suas folgas semanais, vai sempre ver um filmezito («mas o cinema está tão caro...»). Teatro não aprecia e santos de casa não fazem milagres...

— Quase nunca entendo as peças; o problema é esse...

O HOMEM, O FILHO E A NOITE

A vida de Rosária há 26 anos que ficou «pendurada» no bengaleiro de um «cabaret». Hoje, que ela tem 46 anos e é chefe de família, o trabalho já não é só uma ligação a determinar o lugar, mas uma prisão. O lugar tem uma importância fundamental: foi ele que encaminhou o curso do «destino» de Rosária.

— Aqui conheci o meu homem e aqui tive, praticamente, o meu filho...

Hoje, Rosária não tem homem e o filho está longe: o primeiro bateu a asa há muitos anos e o segundo foi para o Ultramar.

— Quanto ao ambiente, este lugar para mim é como os outros. As pessoas entram, deixam os casacos e descem à

cave, onde é o espectáculo e a pista de dança. Fazem a sua vida e eu nada tenho a ver com isso; a minha vontade é que saiam depressa para eu ir dormir para a minha casinha...

Para esta mulher de rosto enrugado, um pouco fechado, quase duro, a noite é de trabalho, desde as 20 até lá para as 4 da manhã. A música, vinda da cave, onde se bebe, se fuma e se dança, é como uma coisa que não lhe diz respeito. Os casacos que penduram durante os dias da semana são quase sempre os mesmos. Ao sábado e domingo é que aparecem agasalhos novos, mãos novas, rostos novos. Rapazes e gente da província.

— Dantes, custava-me estar aqui por causa do meu filho. Não queria que ele crescesse em más companhias. Mas que podia eu fazer? Não podia dar-lhe outro ambiente. Desde miúdo que, perdido e achado, era no Parque Mayer. E acabou por me dar um desgosto foi a prisão: «coisas de rapazes», desculpa a mãe, agora que ele está longe, na guerra. E procura não pensar nisso. O seu trabalho é de relações públicas, o frequentador da casa exige uma cara sorridente e este serviço é tudo o que ela tem, agora, com os parcos 900\$00 por mês, mais as gorjetas, os restos de música que chegam da cave, o boi-notite distraído de quem entra e o silêncio de quem sai e a lenta espera da madrugada — com o ar puro, o sono e o sofrimento.

REGINA LOURO

TRÊS PEQUENOS E UM GATO

Na escola sentavam-se em carteiras juntas. Faziam a meias os problemas e copiavam o ditado uns pelos outros. Tão depressa se zangavam como se abraçavam imaginando mil tropelias.

Eram três amigos, ou antes quatro, porque na nossa história entra um gato vadio de pelo negro e olhos verdes, daqueles que as «pessoas crescidas» dizem dar azar... mas como nem tudo o que dizem as tais pessoas crescidas é certo, o gato da nossa história não dava azar a ninguém e era bem estimado pelos três pequenos. E para se entender a história vamos dizer os seus nomes.

O Salvador era o mais velho dos três. Já tinha sido expulso de vários colégios por idrúbricas divertidas que os professores não se dispunham a entender. Tinha uma cara redondinha e sardenta, um nariz arrebitado e olhos cor de mel. A Manel, com uma cabeça loira e olhos verdes, não sossegava todo o dia, num vai-vem de correrias e gargalhadas. Na escola não era muito ajuizada e errava quase sempre as contas. A Ângela era a mais pequena, brilhavam-lhe na cara dois olhos azuis, que mais pareciam duas azeitonas maduras. Muito sossegada, gorducha e meiga, seguia os outros dois, fielmente, em todas as brincadeiras.

Um era um catavento. Outra um pequeno vulcão e a mais pequeninha uma vela tranquila de moínho que girava quando os outros sopravam. Os três juntos eram um pequeno vendaval sem poiso certo.

O Salvador acordava primeiro e de pasta ao ombro e cabelo revoltado (raramente se lembrava que havia pentes...) ia chamá-las a casa, isto porque a Manel e a Ângela eram irmãs.

Estavam sempre de acordo: conseguiam os primeiros lugares nos jogos nas corridas e nos castigos da escola. Não pensavam, porém, que eram os piores na caligrafia, nos problemas, nos desenhos e nas contas. Os três amigos como alunos normais, cumpriam com os seus trabalhos.

Às vezes distraíam-se no recreio e atrasavam-se na hora da entrada na sala de aula. Era raro o dia em que chegavam a horas. Mal o recreio terminava, havia sempre qualquer coisa que os prendia cá por fora... ou a chuva, ou o sol, ou ambas as coisas.

Um gosto comum unia os três amigos — o amor aos animais. Não havia gato, ou cão, vadio, que não fosse protegido por eles. Em casa havia sempre assalto aos restos de comida para alimentar os bichos sem dono da vizinhança. Não raro a escada da casa onde moravam, era dormitório de cães e gatos e embora os pais protestassem de vez em quando, acabavam sempre por colaborar. Dependia, quase sempre, do jeito de pedir-lhes.

Certo dia o Salvador encontrou um gato preto, muito pequenino, perdido numa estrutura atrás do prédio onde morava; mal se aguentava nas pernas e tinha os olhos remelados e lacrimosos. Embrulhou-o no guardanapo do lanche e trouxe-o, com muito cuidado,

para a escola. Nesse dia não se fez mais nada do que tratar do gato. Com o dinheiro que traziam para o bolo do intervalo da aula, ou para a pastilha elástica, juntaram-no e compraram uma garrafa de leite. E aquele gato preto passou a ser um companheiro inseparável. Pediam garrafas em casa para irem vender ao supermercado: esse dinheiro dava para uns carapaus moidos comprados na carinhonha, uma garrafa de leite e uma carcaça para as sopas. O gato passou a ter um nome, chamavam-lhe «Negrito» e alternava as dormidas na escada de ambos os prédios onde os pequenos viviam e que eram separados por um quarteirão de casas.

O Negrito tornou-se um gato mimado e brincalhão, engordou e o pelo ficou muito brilhante e bonito. Tomava banho uma vez por semana, pois as pequenas faziam questão em mantê-lo asseado. Os pais das miúdas, da Ângela e da Manel, não as deixavam ter o gato em casa, o mesmo acontecendo com os pais do Salvador que até nem gostavam de gatos.

Uma vez, chovia muito, o Salvador levou o gato para a sala de aula. Escondeu-o dentro da pasta para que ninguém o visse. De começo o Negrito colaborou no segredo. Mantinha-se calado e tranqüilo no quentinho, com a cabeça entre o caderno dos problemas. Mas quando o Salvador tirou o caderno, o gato desatou a miar e a professora começou a olhar à volta desconfiada.

As risadas choferam na sala e o gato foi posto à porta. Ninguém entendeu porque é que

a Manel e a Ângela saíram muitas vezes da aula pedindo para ir à casa de banho... mas elas alternaram-se para que o Negrito não se molhasse. A Manel, duma das vezes, trouxe mesmo a pasta onde enfiou o gato, deixando-lhe um buraco para respirar e escondendo-a no vão da escada.

E os dias corriam e o Negrito ia crescendo.

Os três amigos tinham cuidado em deixá-lo fechado, normalmente num caixote alto na escada de serviço, quando não podiam fazer-lhe companhia; não fosse ele correr para a estrada e ser atropelado. Mas esqueceram-se de que as pernas do «Negrito» iam criando força e do salto pequenino o bicho ia tentando saltos cada vez maiores...

E de tanto saltar, não tardou que ultrapassasse a pequena barreira. Fora do caixote a curiosidade dos poucos meses trouxe-o à descoberta da rua.

E o «Negrito» que nada sabia de automóveis, foi apanhado de raspão na berma do passeio. Tentou erguer-se. Mas a perna esquerda não se equilibrava. Mais um esforço... e nada. E o pobre gatinho arrastou-se para junto do muro do passeio, incapaz de caminhar.

Quando a sineta tocou para o recreio os três amigos foram à sua procura. Não o encontrando no lugar habitual, assumaram-se logo, ao pensarem no que podia ter acontecido. — Roubaram-no! dizia a Manel de olhos brilhantes de lágrimas.

— Fugiu, acrescentava o Salvador de mãos apertadas uma na outra.

— Vamos procurar, concluiu a Ângela, na esperança de o encontrarem.

E foram dar com o «Negrito», desesperado de dores, en-

rolado no passeio. Ao primeiro exame não lhes focaram dúvidas — era preciso levar o gato ao veterinário.

Do outro lado da estrada havia uma moradia amarela, com uma grande árvore e uma sineta no portão da entrada, clínica de luxo dos animais da zona. Olharam-se. Os Pais não estavam em casa para que pudessem pedir-lhe dinheiro para a consulta e mesmo que estivessem, os três pequenos duvidavam seriamente que eles estivessem dispostos a elaborar.

Não se sabe de quem foi a ideia. Se da Manel, se do Salvador, se da Ângela, se dos três ao mesmo tempo: — esquecendo as aulas e a hora do lanche, com o gato aninhado ao colo da Ângela, foram para a praceta pedir esmola. Explicavam às pessoas para que queriam o dinheiro, mostravam o animal ferido e os tostões iam-se acumulando nos bolsos do Salvador.

Quando já pesavam um bocado sentaram-se a contar as moedas. Eram duzentos escudos. Tinha estado duas horas no pedidório, não sabiam se chegava para a consulta, mas não podiam perder mais tempo, porque o gato miava de dores.

Dirigiram-se os três à moradia amarela, com sineta no portão onde era a clínica de luxo. Tocaram. Uma empregada abriu-lhes a porta e perguntou o que queriam.

Contaram a história do gato. E mostraram as moedas.

Tiveram de esperar numa sala onde havia mais gente e cães e gatos. Por fim chamaram-nos, e entraram os três no consultório do médico, sem saberem muito bem o que dizer.

— O gato é nosso. Não é dos nossos pais. É mesmo nosso. Come do que lhe damos

e dorme num caixote que compramos. Foi atropelado.

O médico sorriu.

— Não temos muito dinheiro para a consulta, acrescentou a Manel. Foi o que nos deram. Mas se for preciso mais, continuaremos a pedir na rua.

E a Ângela despejou as moedas sobre a secretária.

O médico sorriu de novo. Deitou o gatinho numa mesa tapada com um lençol branco e observou-o com imenso cuidado. Os pequenos seguiam, todos os movimentos do doutor, a ansiedade estampada no rosto.

— Tem uma perna partida, disse por fim.

— Cura-se? perguntou a Manel.

— Claro que se cura. Vou tratá-lo e fica cá até estar bom.

— Fica cá fechado? quis saber a Ângela.

— Tem de ser... mas vocês podem vir vê-lo todos os dias. O dinheiro que arranjam fica para a alimentação dele durante o tempo que cá estiver. O tratamento ofereço-o.

Os pequenos assistiram ao por dos talos e acompanharam-no até à casota de grades onde o Negrito ficou a dormir.

Sairam depois muito calados, de mãos dadas e chegados à porta de casa deram uma grande gargalhada.

— Ele vai ficar bom, disse a Manel.

— A que horas vamos vê-lo amanhã? perguntou a Ângela.

— À hora do recreio do lanche, acrescentou o Salvador.

Os três amigos nunca entenderam porque é que a professora lhes não tinha ralhado por terem faltado nesse dia à escola, nem porque houve uma lágrima nos olhos da mãe, quando nessa noite lhes chegou a roupa antes de adormecerem.